

*Uma das mais lúcidas e impressionantes visões
dos campos de extermínio nazis.*



PRIMO LEVI

SE ISTO É UM HOMEM

• BESTSELLER CLÁSSICO DA LITERATURA MUNDIAL •

14.^a Edição



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

*Uma das mais lúcidas e impressionantes visões
dos campos de extermínio nazis.*

PRIMO LEVI

SE ISTO É UM HOMEM

• BESTSELLER CLÁSSICO DA LITERATURA MUNDIAL •

14.^a Edição



Ficha Técnica

Título: *Se Isto é um Homem*
Título original: *Se Questo è un Uomo*
Autor: Primo Levi
Tradução: Simonetta Cabrita Neto
Revisão: Miguel Martins Rodrigues
Capa: Fernando Mateus
ISBN: 9789722061629

Publicações Dom Quixote
uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Einaudi, Turim, 1958
© Publicações Dom Quixote, 2013
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.dquixote.leya.com
www.leya.pt

Primo Levi

SE ISTO É UM HOMEM

Tradução

Simonetta Cabrita Neto



SE ISTO É UM HOMEM

*Vós que viveis tranquilos
Nas vossas casas aquecidas,
Vós que encontráis regressando à noite
Comida quente e rostos amigos:*

*Considerai se isto é um homem
Quem trabalha na lama
Quem não conhece paz
Quem luta por meio pão
Quem morre por um sim ou por um não.
Considerai se isto é uma mulher,
Sem cabelos e sem nome
Sem mais força para recordar
Vazios os olhos e frio o regaço
Como uma rã no Inverno.*

*Meditai que isto aconteceu:
Recomendo-vos estas palavras.
Esculpi-as no vosso coração
Estando em casa andando pela rua,
Ao deitar-vos e ao levantar-vos;
Repeti-as aos vossos filhos.*

*Ou então que desmorone a vossa casa,
Que a doença vos entreve,
Que os vossos filhos vos virem a cara.*

Foi uma sorte para mim ter sido deportado para Auschwitz só em 1944, isto é, depois de o governo alemão, devido à crescente escassez de mão-de-obra, ter decidido prolongar a vida dos prisioneiros a eliminar, concedendo sensíveis melhorias nas condições de vida e suspendendo temporariamente as execuções individuais arbitrárias.

Por isso, este meu livro nada acrescenta, no que diz respeito a pormenores atrozes, a quanto já é do conhecimento dos leitores de todo o mundo acerca do tema inquietante dos campos de extermínio. Ele não foi escrito com o objectivo de formular novas acusações; servirá talvez mais para fornecer documentos para um estudo sereno de alguns aspectos da alma humana. Pode acontecer que muitos, indivíduos ou povos, julguem, mais ou menos conscientemente, que «todos os estrangeiros são inimigos». Na maioria dos casos, esta convicção faz no fundo dos espíritos como uma infecção latente; manifesta-se apenas em actos esporádicos e desarticulados e não se constitui num sistema de pensamento. Mas quando tal acontece, quando o dogma não enunciado se torna premissa maior de um silogismo, então, no fim da cadeia, encontra-se o Lager. Ele é o produto de uma concepção do mundo levada às extremas consequências com rigorosa coerência: enquanto a concepção subsistir, as consequências ameaçam-nos. A história dos campos de extermínio deveria ser interpretada por todos como um sinal sinistro de perigo.

Estou consciente, e peço compreensão, dos defeitos estruturais do livro. Ele nasceu, senão de facto, pelo menos como intenção e como concepção, já nos últimos dias do Lager. A necessidade de contar aos «outros», de tornar os «outros» conscientes, tomara entre nós, antes e depois da libertação, o carácter de um impulso imediato e violento, ao ponto de rivalizar com as outras necessidades primárias: o livro foi escrito para satisfazer essa necessidade; em primeiro lugar, portanto, como libertação interior. Daí, o seu carácter fragmentário: os capítulos foram escritos não em sucessão lógica, mas por ordem de urgência. O trabalho de coordenação e de fusão foi feito à secretária, e é posterior.

Parece-me supérfluo acrescentar que nenhum dos factos é inventado.

PRIMO LEVI

A VIAGEM

Fui capturado pela Milícia fascista a 13 de Dezembro de 1943. Tinha vinte e quatro anos, pouco bom senso, nenhuma experiência e uma acentuada inclinação, favorecida pelo regime de segregação ao qual desde há quatro anos fora obrigado pelas leis raciais, para viver num mundo só meu, pouco real, povoado por civilizados fantasmas cartesianos, por sinceras amigas masculinas e por amigas femininas evanescentes. Cultivava um moderado e abstracto sentido de rebelião.

Não fora fácil para mim escolher a via das montanhas e contribuir para pôr de pé a que, na minha opinião e de outros amigos pouco mais experientes do que eu, deveria transformar-se numa brigada de *partigiani*¹ filiada no grupo «Giustizia e Libertà»². Faltavam-nos os contactos, as armas, o dinheiro e a experiência para os arranjar; faltavam os homens capazes e, pelo contrário, estávamos submersos por um dilúvio de pessoas desqualificadas, de boa e de má-fé, que chegavam até lá acima vindas da planície à procura de uma organização inexistente, de quadros, de armas, ou apenas de protecção, de um esconderijo, de uma fogueira, de um par de sapatos.

Naquele tempo, ainda ninguém me ensinara a doutrina que mais tarde haveria de aprender rapidamente no *Lager*, segundo a qual a primeira tarefa do homem é tentar alcançar os seus objectivos com meios adequados, e quem errar, paga; por isso, não posso deixar de considerar justo o sucessivo desenrolar dos acontecimentos. Três centúrias da Milícia, partidas no meio da noite para surpreender outra brigada, bem mais potente e perigosa do que a nossa, aninhada no vale adjacente, irromperam numa espectral madrugada de neve no nosso refúgio e levaram-me para o vale como suspeito.

Nos interrogatórios que se seguiram, preferi declarar a minha condição de «cidadão italiano de raça judaica», pois julgava que não conseguiria justificar de outra maneira a minha presença naqueles lugares demasiado isolados mesmo para um «desalojado», e pensava (sem razão, como se viu depois) que admitir a minha catividade política comportaria torturas e morte certa. Sendo judeu, fui mandado para Fóssil, perto de Módena, onde um amplo campo de internamento, outrora destinado aos prisioneiros de guerra ingleses e americanos, ia recolhendo os pertencentes às numerosas classes de pessoas não gratas ao recém-criado governo fascista republicano.

Na altura da minha chegada, isto é, em finais de Janeiro de 1944, os judeus italianos no campo eram cerca de cento e cinquenta, mas em poucas semanas o seu número ultrapassou os seiscentos. Tratava-se, na maioria dos casos, de famílias inteiras, capturadas pelos fascistas ou pelos nazis por causa da sua imprudência, ou em consequência de uma delação. Alguns, poucos, tinham-se entregue espontaneamente, ou por terem chegado a um estado de desespero devido à vida errante, ou por estarem completamente despojados de meios de subsistência, ou para não se separarem de um familiar capturado, ou até, absurdamente, para «se legalizarem». Havia também uma centena de militares jugoslavos internos, mais alguns outros estrangeiros considerados politicamente suspeitos.

A chegada de um pequeno destacamento de SS alemães deveria ter levantado dúvidas até mesmo nos optimistas; todavia, consegui-mos interpretar de diferentes formas esta novidade, sem tirar a mais óbvia das consequências, pelo que, apesar de tudo, o anúncio da deportação encontrou os nossos espíritos imprevistos.

No dia 20 de Fevereiro, os alemães inspeccionaram o campo cuidadosamente, fizeram públicas e sentidas queixas ao comissário italiano pela deficiente organização do serviço de cozinha e pela escassa quantidade de lenha distribuída para o aquecimento; até chegaram a dizer que dentro em breve seria montado um posto de enfermagem. Mas na manhã de 21 soube-se que no dia seguinte os judeus iriam partir. Todos, sem excepção. Também as crianças, também os velhos, também os doentes. Para onde, ninguém sabia. Preparar para quinze dias de viagem. Por cada um que faltasse à chamada, dez seriam fuzilados.

Só uma minoria de ingénuos e de iludidos teimou em manter a esperança: nós tínhamos falado demoradamente com os refugiados polacos e croatas, e sabíamos o que significava partir.

Para os condenados à morte, a tradição prevê um cerimonial austero, destinado a pôr em evidência o facto de qualquer paixão e qualquer raiva já se encontrarem apagadas, e que o actor de justiça nada mais representa senão uma triste obrigação para com a sociedade, de tal forma que o próprio carrasco o pode acompanhar com piedade da vítima. Por isso, evita-se que o condenado tenha qualquer preocupação exterior, é-lhe concedida a solidão e, caso o deseje, todos os confortos espirituais; procura-se, em suma, que não sinta em seu redor o ódio e o arbítrio, mas a necessidade e a justiça, e, juntamente com a punição, o perdão.

Mas a nós isto não foi concedido, porque éramos muitos e o tempo era pouco, e afinal de que nos devíamos arrepender, e de que devíamos ser perdoados? O comissário italiano, portanto, deu ordem para que todos os serviços continuassem a funcionar até ao anúncio definitivo; a cozinha continuou, pois, em catividade, os faxinas da limpeza trabalharam como de costume, e até os professores da pequena escola deram aulas à tarde, como todos os dias. Mas as crianças naquela tarde não tiveram trabalhos para casa.

Caiu a noite, uma noite tal, que se percebeu que olhos humanos não a poderiam presenciar e sobreviver. Todos o sentiram: nenhum dos guardas, nem italianos nem alemães, teve a coragem de ir ver o que é que faziam os homens quando sabiam que iam morrer.

Cada um despediu-se da vida da forma que lhe era mais própria. Alguns rezaram,

outros beberam para além do normal, outros inebriaram-se com a última nefanda paixão. Mas as mães ficaram acordadas para preparar com amoroso cuidado a comida para a viagem, e lavaram os filhos, e fizeram as malas, e de madrugada os arames farpados estavam cheios de roupas de criança estendidas a secar ao vento; e não se esqueceram das fraldas, dos brinquedos, das almofadas e das cem pequenas coisas que elas bem conhecem, e das quais os filhos sempre precisam. Não fariam também o mesmo? Se amanhã esperassem ser mortos com o vosso filho, não lhe dariam hoje de comer?

A Barraca 6A era ocupada pelo velho Gatenho, com a mulher e os seus muitos filhos, os netos, os genros e as noras trabalhadoras. Todos os homens eram carpinteiros; vinham de Trípoli, através de muitas e longas viagens, e traziam sempre consigo as ferramentas do ofício, o trem de cozinha, os acordeões e o violino para tocar e dançar depois do dia de trabalho, porque eram pessoas alegres e devotas. As suas mulheres foram as primeiras a completar os preparativos para a viagem, silenciosas e rápidas, de forma a terem tempo para o luto; e quando tudo ficou pronto, as fogaças cozidas, as trouxas atadas, então tiraram os sapatos, soltaram os cabelos, dispuseram no chão as velas fúnebres, acenderam-nas conforme o costume dos antepassados, sentaram-se no chão em círculo para a lamentação, e toda a noite rezaram e choraram. Muitos de nós parámos diante da sua porta, e nas nossas almas desceu, nova para nós, a dor antiga do povo que não tem terra, a dor sem esperança do êxodo renovado século após século.

A madrugada surpreendeu-nos como uma traição; como se o novo sol se associasse aos homens na deliberação de nos destruir. Os diferentes sentimentos que se agitam dentro de nós, de aceitação consciente, de rebelião sem saída, de religioso abandono, de medo, de desespero, reuniam-se agora, depois de uma noite sem dormir, numa loucura colectiva e incontrolada. O tempo de chegar a uma conclusão acabara, e todos os impulsos da razão se dissolveram no tumulto desenfreado, sobre o qual, dolorosas como golpes de espada, emergiam num relâmpago, tão próximas ainda no tempo e no espaço, as boas recordações das nossas casas.

Muitas coisas então foram ditas e feitas entre nós; mas é bom que delas não se guarde memória.

Com a absurda precisão à qual mais tarde deveríamos habituar-nos, os alemães fizeram a chamada. No fim: – *Visível Stock?* –, perguntou o sargento; o cabo fez a saudação militar e respondeu que as «peças» eram seiscentas e cinquenta, e que tudo estava em ordem; então, carregaram-nos nas camionetas e levaram-nos para a estação de Carpi. Aqui, esperavam-nos o comboio e a escolta para a viagem. Aqui, recebemos as primeiras pancadas: e o facto foi tão novo e insensato, que não sentimos dor, nem no corpo nem na alma. Só um profundo espanto: como se pode bater num homem sem raiva?

Os vagões eram doze, e nós seiscentos e cinquenta; no meu vagão, éramos só quarenta e cinco pessoas, mas tratava-se de um vagão pequeno. Aqui estava, pois, debaixo dos nossos olhos, debaixo dos nossos pés, um dos famosos comboios militares alemães, aqueles que não voltam, aqueles de que, estremecendo e sempre um pouco incrédulos, tantas vezes ouviam falar. Assim mesmo, ponto por ponto: vagões de

mercadorias, fechados por fora, e lá dentro homens, mulheres, crianças, apinhados sem piedade, como mercadoria barata, em viagem para o nada, em viagem para baixo, para o fundo. Desta vez, somos nós que estamos lá dentro.

Todos descobrem, mais tarde ou mais cedo na vida, que a felicidade perfeita não é realizável, mas poucos se detêm a pensar na consideração oposta: que também uma infelicidade perfeita é, igualmente, não realizável. Os momentos que se opõem à realização de ambos os estados-limite são da mesma natureza: derivam da nossa condição humana, que é inimiga de tudo o que é infinito. Opõe-se-lhe o nosso sempre insuficiente conhecimento do futuro; e a isto se chama, num caso, esperança; no outro, incerteza do amanhã. Opõe-se-lhe a certeza da morte, que impõe um limite a qualquer alegria, mas também a qualquer dor. Opõem-se-lhe as inevitáveis preocupações materiais que, assim como poluem qualquer felicidade duradoura, também distraem assiduamente a nossa atenção da desgraça que paira sobre nós e tornam fragmentária, e, por isso mesmo, suportável, a consciência dela.

Foram precisamente as privações, as pancadas, o frio, a sede, que não nos deixaram afundar no vazio de um desespero sem fim, durante a viagem e depois. Não a vontade de viver, nem uma resignação consciente: pois são poucos os homens capazes disso, e nós mais não éramos que uma vulgar amostra de humanidade.

As portas tinham sido fechadas imediatamente, mas o comboio só arrancou à noite. Soubéramos, com alívio, do nosso destino. Auschwitz: um nome sem qualquer significado, naquela altura e para nós; mas certamente devia corresponder a um lugar desta Terra.

O comboio viajava lentamente, com longas paragens enervantes. Através das barras da janela, vimos desfilarem as altas rochas pálidas do vale do Adie, os últimos nomes de cidades italianas. Atravessámos o Berne às doze horas do segundo dia, e todos se levantaram, mas ninguém disse uma palavra. Tinha no coração o pensamento do regresso, e cruelmente imaginava para comigo mesmo qual poderia vir a ser a inumana alegria de uma ou outra passagem, com as portas abertas, já que ninguém desejaria fugir, e os primeiros nomes italianos... olhei em redor e pensei quantos, entre aquele pobre pó humano, seriam escolhidos pelo destino. Entre as quarenta e cinco pessoas do meu vagão, só quatro voltaram para as suas casas; e foi de longe o vagão que teve mais sorte.

Sofríamos pela sede e pelo frio: em todas as paragens, pedíamos água em voz alta, ou pelo menos um bocado de neve, mas raramente nos ouviam; os soldados da escolta afastavam quem tentava aproximar-se do comboio. Duas jovens mães, que ainda amamentavam os filhos, gemiam dia e noite implorando água. Menos atormentadoras eram para todos a fome, a fadiga e a insónia, que a tensão dos nervos tornava menos penosas, mas as noites eram pesadelos sem fim.

São poucos os homens que sabem enfrentar a morte com dignidade e, em muitos casos, não são aqueles que se esperava. Poucos sabem calar-se e respeitar o silêncio dos outros. O nosso sono inquieto era frequentemente interrompido por brigas barulhentas e fúteis, por imprecações, por pontapés e socos desferidos ao acaso como se fossem uma defesa contra contactos molestos e inevitáveis. Então, alguém acendia a

lúgubre chama de uma vela, que permitia ver, prosternado no chão, um fervilhar fosco, uma massa humana confusa e contínua, tórpida e dorida, sacudida por inesperadas convulsões imediatamente apagadas pelo cansaço.

Através das barras, viam-se nomes conhecidos e desconhecidos de cidades austríacas, Salzburgo, Viena; a seguir checas, finalmente polacas. Na noite do quarto dia, o frio tornou-se intenso: o comboio percorria intermináveis pinhais negros, subindo de forma perceptível. A neve estava alta. Devia tratar-se de uma linha secundária, as estações eram pequenas e quase desertas. Já ninguém tentava, durante as paragens, comunicar com o mundo exterior: agora, sentíamos que estávamos «do outro lado». Houve uma longa paragem em campo aberto, depois a marcha recomeçou com extrema lentidão, até que o comboio parou, em plena noite, no meio de uma planície escura e silenciosa.

Viam-se, de ambos os lados dos carris, filas de luzes brancas e vermelhas, a perder de vista; mas nada daquele barulho confuso que anuncia de longe os sítios habitados. À luz escassa da última vela, cessado o ritmo dos carris, calado qualquer som humano, esperámos que algo acontecesse.

Ao meu lado, cerrada como eu entre um corpo e outro, ficara durante toda a viagem uma mulher. Conhecíamos-nos há muitos anos, e a desgraça colhera-nos juntos, mas pouco sabíamos um do outro. Dissemos então, na hora da decisão, coisas que não se dizem entre os vivos. Despedimo-nos, sem demora; cada um se despediu do outro como se se despedisse da vida. Já não tínhamos medo.

O desfecho surgiu de repente. A porta foi aberta estrondosamente; na escuridão, ecoaram ordens estrangeiras e os bárbaros latidos dos alemães quando dão ordens, que parecem libertar uma raiva velha de muitos séculos. Apareceu-nos um amplo cais iluminado por holofotes. Pouco mais adiante, uma fila de camiões. Depois, tudo ficou de novo em silêncio. Alguém traduziu: tínhamos de descer com as bagagens e depositá-las ao longo do comboio. Num instante, o cais fervilhou de sombras: mas receávamos romper aquele silêncio, todos se atarefavam em volta das bagagens, procuravam-se, chamavam-se uns aos outros, mas timidamente, a meia-voz.

Uma dezena de SS mantinha-se à distância, com ar indiferente, as pernas afastadas. A determinada altura, meteram-se entre nós e, em voz baixa, os rostos de pedra, começaram a interrogar-nos rapidamente, um a um, num mau italiano. Não interrogavam todos, só alguns. «Quantos anos? Saudável ou doente?», e conforme a resposta indicavam-nos duas direcções diferentes.

Tudo era silencioso como num aquário e como em certas cenas dos sonhos. Esperávamos algo de mais apocalíptico: pareciam simples agentes da ordem. Era desconcertante e desarmante. Alguém ousou perguntar acerca das bagagens: responderam «bagagens depois»; outros não queriam deixar a mulher: disseram «depois de novo juntos»; muitas mães não queriam separar-se dos filhos: disseram «muito bem, ficar com filho». Sempre com a calma segurança de quem está a cumprir apenas a sua tarefa de cada dia; mas Renzo demorou um instante mais a despedir-se de Francisca, que era a sua noiva, e então, com um único soco em pleno rosto, deitaram-no ao chão; era a sua tarefa de cada dia.

Em menos de dez minutos, todos nós, homens válidos, fomos reunidos num grupo.

O que aconteceu aos outros, às mulheres, às crianças, aos velhos, não pudemos esclarecer nem naquela altura nem depois: a noite engoliu-os, pura e simplesmente. Hoje, todavia, sabe-mos que, naquela escolha rápida e sumária, avaliara-se se cada um de nós podia ou não trabalhar utilmente para o *Reich*; sabemos que nos campos, prospectivamente de Bunha-Monólito e Bienal, só entraram, do nosso comboio, noventa e seis homens e vinte e nove mulheres e que de todos os outros, num total de quinhentos, nem um se encontrava vivo dois dias depois. Sabemos também que nem sempre este, embora ténue, princípio de discriminação em hábeis e inábeis foi seguido e que, sucessivamente, se adoptou muitas vezes o sistema mais simples de abrir as portas dos vagões, sem advertências nem instruções aos recém-chegados. Entravam para o campo os que o acaso fazia descer de um lado do comboio; iam para o gás os outros.

Assim morreu Emília, que tinha três anos; porque aos alemães parecia evidente a necessidade histórica de matar os filhos dos judeus. Emília, filha do engenheiro Aldo Levi, de Milão, que era uma criança curiosa, ambiciosa, alegre e inteligente; a ela, durante a viagem no vagão cheio de gente, o pai e a mãe conseguiram dar banho numa tina de zinco, em água morna que o degenerado maquinista alemão aceitara deixar pingar da locomotiva que nos arrastava a todos para a morte. Desapareceram assim num instante, traiçoeiramente, as nossas mulheres, os nossos pais, os nossos filhos. Quase ninguém teve oportunidade de se despedir deles. Vimo-los durante algum tempo como uma massa escura na outra ponta do cais, depois deixámos de os ver.

Surgiram entretanto, iluminados pelos faróis, dois grupos de estranhos indivíduos. Avançavam em formação, em filas de três, com um curioso passo arrastado, a cabeça descaída para a frente e os braços rígidos. Na cabeça traziam um boné ridículo e vestiam um casaco comprido às riscas, que mesmo de noite e de longe se via estar sujo e rasgado. Desenharam um amplo círculo à nossa volta, de forma a não se aproximarem e, em silêncio, começaram a mexer nas nossas bagagens e a subir e descer dos vagões vazios.

Olhávamo-nos uns aos outros sem uma palavra. Tudo era incompreensível e louco, mas uma coisa tínhamos percebido: era esta a metamorfose que nos esperava. Amanhã, também nós seríamos como eles.

Sem saber como, encontrei-me dentro de um camião com mais trinta pessoas; o camião partiu na noite a grande velocidade; estava coberto e não se podia ver para o exterior, mas pelos solavancos percebia-se que a estrada tinha muitas curvas e covas. Estaríamos sem escolta? atirar-se? Demasiado tarde, demasiado tarde, estávamos todos destinados a ir até ao fundo. De resto, cedo nos apercebemos de que não estamos sem escolta: trata-se de uma estranha escolta. É um soldado alemão carregado de armas: não o vemos porque a escuridão é cerrada, mas sentimos o contacto duro com ele todas as vezes que um solavanco do veículo nos atira a todos num molho para a direita ou para a esquerda. Acende uma lanterna de bolso e, em vez de gritar «Ai de vós, almas perdidas»³, pergunta-nos gentilmente um a um, em alemão e em língua franca, se temos dinheiro ou relógios para lhe dar, dado que já não iremos precisar deles. Não é uma ordem, não é do regulamento: vê-se bem que se trata de uma pequena iniciativa privada do nosso Caronte⁴. O facto suscita em nós raiva e riso e um estranho alívio.

- 1 Assim se chamaram os resistentes armados contra os nazis-fascistas em Itália. (*N. da T.*)
- 2 Organização inspirada em ideais liberais-democráticos. (*N. da T.*)
- 3 Verso da Divina Comédia, de Dante Alighieri (*Inferno*, Canto III). (*N. da T.*)
- 4 Personagem da *Divina Comédia*, é o timoneiro do barco que transporta para o Inferno as almas perdidas. (*N. da T.*)

NO FUNDO

A viagem não durou mais de vinte minutos. Depois, o camião parou, viu-se uma grande porta, encimada por umas palavras fortemente iluminadas (a lembrança destas palavras ainda me assalta nos sonhos): ARBEIT MACHT FREI, o trabalho liberta.

Descemos, mandaram-nos entrar para um local amplo e vazio, fracamente aquecido. Temos tanta sede! O débil barulho da água nos radiadores torna-nos ferozes: não bebemos há quatro dias. Porém, existe uma torneira: tem em cima um letreiro, no qual se diz que é proibido beber porque a água está poluída. Tretas, parece-me óbvio que o letreiro é um engano, «eles» sabem que estamos a morrer de sede e põem-nos num local onde há uma torneira que diz *Wassertrinken verboten*. Eu bebo, e encorajo os meus companheiros a fazer o mesmo; mas tenho de cuspir, a água está morna e adocicada, cheira a pântano.

Isto é o Inferno. Hoje, nos nossos dias, o Inferno deve ser assim, um local grande e vazio, e nós, cansados de estar de pé, com uma torneira a pingar água que não se pode beber, esperamos algo sem dúvida terrível e nada acontece e continua a não acontecer nada. Como pensar? Já não se pode pensar, é como estar já morto. Alguns sentam-se no chão. O tempo passa gota após gota.

Não estamos mortos; a porta abriu-se e entrou um SS, a fumar. Olha para nós sem pressa: – *Ver can Deutsch?* – Avança um de nós que nunca vi, chama-se Flesch; será o nosso intérprete. O SS fala demorada e pacatamente: o intérprete traduz. Temos de dispor-nos em filas de cinco, a intervalos de dois metros entre um e outro; a seguir, temos de nos despir e embrulhar a roupa de uma certa maneira, a de lã de um lado, o resto de outro, tirar os sapatos, mas tendo muito cuidado para não os deixar roubar.

Quem poderia roubá-los? porque é que deveriam roubar-nos os sapatos?, e os nossos documentos, as poucas coisas que temos nos bolsos, os relógios? Todos olhámos para o intérprete, o intérprete interrogou o alemão, o alemão fumava e olhou para ele trespassando-o, como se fosse transparente, como se ninguém tivesse falado.

Nunca vira antes homens de idade nus. O senhor Bergman trazia a cinta hernial, perguntou ao intérprete se tinha de a tirar, o intérprete hesitou. Mas o alemão percebeu e falou seriamente com o intérprete apontando para uma pessoa; vimos o intérprete engolir, depois disse: – O sargento diz que tire a cinta, que lhe vai dar a do senhor Coem. – Viam-se as palavras sair amargas da boca de Flesch, era esta a maneira de se

rir do alemão.

A seguir aparece outro alemão, manda-nos pôr os sapatos num determinado ângulo, e nós pomo-los, porque já está tudo acabado, sentimo-nos fora do mundo e não nos resta mais do que obedecer. Aparece um tipo com uma vassoura e varre todos os sapatos, para fora da porta, num monte. Está louco, está a misturá-los todos, noventa e seis pares, depois estarão trocados. A porta abre-se para o exterior, entra um vento gelado e nós estamos nus e tapamos o ventre com os braços. O vento bate e volta a fechar a porta; o alemão vai reabri-la e fica a ver com ar atento como nos contorcemos para nos taparmos do frio uns atrás dos outros; depois vai-se embora e volta a fechar a porta.

Agora, começa o segundo actor. Entram com violência quatro tipos com navalhas, pincéis e máquinas de tosquiar, vestem calças e casacos às riscas, com um número cosido no peito; devem ser da mesma espécie dos outros desta noite (esta noite ou ontem à noite?); mas estes são robustos e prósperos. Nós fazemos muitas perguntas, mas eles agarram-nos e num ápice encontramos-nos barbeados e rapados. Que caras ridículas temos sem cabelos! Os quatro falam uma língua que não parece deste mundo, sem dúvida não é alemão, porque eu percebo um pouco de alemão.

Finalmente, abre-se outra porta: agora, estamos todos fechados, nus, rapados e em pé, com os pés dentro de água; é uma sala de duches. Estamos sós; pouco a pouco, o pasmo dissolve-se e começamos a falar, todos perguntam e ninguém responde. Se estamos nus numa sala de duches, quer dizer que vamos tomar duche. Se vamos tomar duche, é porque ainda não nos vão matar. Então, porque é que nos obrigam a permanecer de pé, não nos dão água para beber, ninguém nos explica nada, não temos sapatos nem roupa, mas estamos todos nus com os pés na água, faz frio, viajámos durante cinco dias e nem podemos sequer sentar-nos?

E as nossas mulheres?

O engenheiro Levi pergunta-me se acho que também as nossas mulheres estarão assim como nós neste momento, onde estarão e se voltaremos a vê-las. Respondo-lhe que sim, porque ele é casado e tem uma filha; com certeza iremos vê-las de novo.

Mas a minha ideia agora é que tudo isto é uma grande máquina para se rirem de nós e nos vilipendiarem, depois está claro que nos irão matar, quem pensa sobreviver está louco, quer dizer que caiu no jogo deles; eu não, eu percebi que cedo estará tudo acabado, talvez neste mesmo local, quando se aborrecerem de nos verem nus, passar de um pé para o outro, e experimentarem de vez em quando sentar-nos no chão, mas o chão está coberto por três dedos de água fria e não podemos sentar-nos. Andamos para a frente e para trás sem sentido, e falamos, cada um fala com todos os outros, o que provoca um grande barulho. A porta abre-se, entra um alemão, é o mesmo sargento de há pouco; fala brevemente, o intérprete traduz. – O sargento diz que têm de se calar, pois isto não é uma escola rabínica. – Vê-se que as palavras não são suas, as palavras maléficas torcem-lhe a boca ao sair, como se cuspiisse algo de repugnante. Pedimos-lhe que pergunte do que é que estamos à espera, por quanto tempo ainda ficaremos aqui, pelas nossas mulheres, tudo: mas ele diz que não, que não quer perguntar. Este Flesch, que se adapta sem nenhuma vontade a traduzir em italiano frases alemãs cheias de gelo e se recusa a passar para alemão as nossas perguntas porque sabe que é inútil, é um

judeu alemão à beira dos cinquenta, que tem na cara uma grande cicatriz de um ferimento que sofreu ao combater contra os italianos no Piabe. É um homem fechado e taciturno, pelo qual experimento um respeito instintivo, porque sinto que começou a sofrer antes de nós.

O alemão vai-se embora, e ficamos calados, embora com um pouco de vergonha por ficarmos calados. Ainda era noite, perguntávamos a nós próprios se jamais chegaria o dia. De novo a porta se abriu e entrou um tipo com a farda às riscas. Era diferente dos outros, mais velho, de óculos, um rosto mais civilizado, e muito menos robusto. Fala connosco e fala italiano.

Já estamos cansados de nos espantar. Parece que estamos a assistir a um drama louco, daqueles em que aparecem em cena as bruxas, o Espírito Santo e o Demónio. Fala mal italiano, com um forte sotaque estrangeiro. Fala demoradamente, é muito gentil, procura responder a todas as nossas perguntas.

Encontramo-nos em Monólito, próximo de Auschwitz, na Alta Silésia: uma região habitada promiscuamente por alemães e polacos. Este campo é um campo de trabalho, em alemão diz-se *Arbeitslager*; todos os prisioneiros (são cerca de dez mil) trabalham numa fábrica de borracha, que se chama Buna, e por isso também o campo se chama Buna.

Iremos receber sapatos e roupa; não, os nossos, não: outros sapatos, outra roupa, como a dele. Agora estamos nus porque estamos à espera do duche e da desinfecção, que irão ocorrer logo após o despertar, porque não se entra no campo sem fazer a desinfecção.

Com certeza, teremos de trabalhar, todos aqui têm de trabalhar. Mas há trabalho e trabalho: ele, por exemplo, é médico, é um médico húngaro que estudou em Itália; é o dentista do *Lager*. Encontra-se num *Lager* há quatro anos (não neste: a Buna só existe há um ano e meio), porém, podemos vê-lo, está bem, não está muito magro. Porque é que se encontra no *Lager*? É judeu como nós? – Não – diz ele com simplicidade –, eu sou um criminoso.

Fazemos-lhe muitas perguntas; às vezes ri-se, responde a algumas, não responde a outras; vê-se bem que evita certas questões. Das mulheres não fala: diz que estão bem, que cedo voltaremos a vê-las, mas não diz como, nem onde. Mas conta-nos outras coisas, coisas estranhas e loucas, talvez também ele esteja a gozar connosco. Talvez esteja louco: no *Lager*, um homem enlouquece. Diz que todos os domingos há concertos e desafios de futebol. Diz que quem sabe pugilismo pode tornar-se cozinheiro. Diz que quem trabalha bem recebe como prémio senhas com as quais se pode comprar tabaco e sabão. Diz que a água de facto não é potável, mas que todos os dias é distribuído um sucedâneo de café, que geralmente ninguém bebe, porque a sopa é aguada quanto basta para satisfazer a sede. Pedimos-lhe para nos dar algo que se beba, mas ele diz que não pode, que veio ter connosco às escondidas, contra a proibição dos SS, porque ainda não estamos desinfectados, e tem de se ir embora imediatamente; veio porque tem simpatia pelos italianos e porque, diz, «tem um pouco de coração». Perguntamos-lhe ainda se há outros italianos no campo, diz que há alguns, poucos, não sabe quantos, e de repente muda de conversa. Entretanto, tocou um sino e ele fugiu imediatamente, deixando-nos atónitos e desconcertados. Alguns sentem-se mais animados, eu não, eu continuo a pensar que também este dentista, este

indivíduo incompreensível, quis divertir-se à nossa custa, e não quero acreditar numa palavra do que disse.

Ao toque do sino, sentiu-se o campo escuro acordar. De repente, a água começou a brotar a ferver dos chuveiros, cinco minutos de felicidade; mas logo a seguir irrompem quatro tipos (talvez sejam os barbeiros) que nos impelem, molhados e fumegantes, com gritos e empurrões para a sala adjacente, que está gelada; aqui, outras pessoas, gritando, deitam para cima de nós não sei que farrapos e põem-nos na mão um par de sapatos com sola de madeira; não temos tempo de perceber que já nos encontramos ao ar livre, na neve azul e gelada da madrugada e, descalços e nus, com toda a roupa na mão, temos de correr até outra barraca, a uma centena de metros de distância. Aqui, é-nos permitido vestir-nos.

Quando acabámos, cada um ficou no seu cantinho, e não ousámos levantar o olhar uns para os outros. Não há espelhos para nos vermos, mas o nosso aspecto está diante de nós, reflectido em cem rostos lívidos, em cem fantoches miseráveis e sórdidos. Estamos transformados nos fantasmas que entrevimos ontem à noite.

Então, pela primeira vez nos apercebemos de que a nossa língua carece de palavras para exprimir esta ofensa, a destruição de um homem. Num ápice, com uma intuição quase profética, a realidade revelou-se-nos: chegámos ao fundo. Mais para baixo do que isto, não se pode ir: não há nem se pode imaginar condição humana mais miserável. Já nada nos pertence: tiraram-nos a roupa, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão e, se nos escutassem, não nos perceberiam. Tirar-nos-ão também o nome: se quisermos conservá-lo, teremos de encontrar dentro de nós a força para o fazer, fazer com que, por trás do nome, algo de nós, de nós tal como éramos, ainda sobreviva.

Sabemos que, quanto a isto, dificilmente nos compreenderão, e é bom que assim seja. Mas considere cada um quanto valor, quanto significado está contido mesmo nos nossos mais pequenos hábitos quotidianos, nos nossos mil objectos que até o mendigo mais humilde possui: um lenço, uma velha carta, a fotografia de uma pessoa amada. Estas coisas fazem parte de nós, quase como se fossem membros do nosso corpo; não podemos sequer pensar em sermos privados delas, no nosso mundo, pois imediatamente encontraríamos outras para substituir as velhas, outros objectos que são nossos porquanto guardam e suscitam memórias nossas.

Imagine-se agora um homem ao qual, juntamente com as pessoas amadas, tiram a casa, os hábitos, a roupa, enfim, tudo, literalmente tudo quanto possui: será um homem vazio, reduzido ao sofrimento e à carência, esquecido da dignidade e bom senso, pois acontece facilmente, a quem tudo perdeu, perder-se a si próprio; reduzido a tal ponto, que outros poderão sem problemas de consciência decidir da sua vida ou da sua morte para além de qualquer sentido de afinidade humana; no caso mais optimista, na base de uma mera avaliação de utilidade. Compreender-se-á então o duplo significado da expressão «campo de extermínio», e será claro o que entendemos exprimir com esta frase: jazer no fundo.

Häftling: aprendi que sou um *Häftling*. O meu nome é 174 517; fomos baptizados, guardaremos até à morte a marca tatuada no braço esquerdo.

A operação foi levemente dolorosa e extraordinariamente rápida: puseram-nos

todos em fila e, um a um, pela ordem alfabética dos nossos nomes, passámos diante de um hábil funcionário munido de uma espécie de punção com a agulha muito ‘curta. Ao que parece, é esta a verdadeira iniciação: só «mostrando o número» se recebem o pão e a sopa. Foram precisos vários dias, e não poucos socos e bofetadas, para que nos habituássemos a mostrar o número prontamente, de forma a não atrapalhar as operações diárias de distribuição da comida; foram precisos semanas e meses para que aprendêssemos o som em língua alemã. E durante muitos dias, sempre que o hábito dos dias livres me levava a procurar as horas no relógio de pulso, no seu lugar aparecia-me ironicamente o meu novo nome, o número bordado em sinais azulados debaixo da epiderme.

Só muito mais tarde, e pouco a pouco, alguns de nós acabaram por aprender algo da funesta ciência dos números de Auschwitz, em que se compendiam as etapas da destruição do judaísmo da Europa. Aos velhos do campo, o número diz tudo: a época de entrada no campo, o comboio de que se fazia parte e, por consequência, a nacionalidade. Cada um tratará com respeito os números de 30 000 a 80 000: já só restam algumas centenas, e indicam os poucos sobreviventes dos guetos polacos. Convém abrir bem os olhos quando se entra em relações comerciais com um 116 000 ou um 117 000: estão reduzidos a cerca de quarenta, mas trata-se dos gregos de Salonica, é preciso não se deixar enganar. Quanto aos números altos, contêm uma nota essencialmente cómica, como acontece com as expressões «caloiro» ou «recruta» na vida normal: o número alto típico é um indivíduo pançudo, dócil e ingénuo ao qual podes fazer acreditar que na enfermaria distribuem sapatos de couro para indivíduos de pés delicados, convencendo-o a correr até lá, deixando a sua marmita de sopa «à tua guarda»; podes vender-lhe uma colher por três rações; podes mandá-lo ter com o mais feroz dos *Kapos*, para lhe perguntar (aconteceu-me a mim!) se é verdade que o dele é o *Kartoffelschälkommando*, o *Comando Descasca-Batatas*, e se é possível alistar-se.

De resto, todo o processo de integração nesta ordem nova para nós realiza-se numa chave grotesca e sarcástica. Uma vez acabada a operação de tatuagem, fecham-nos numa barraca onde não está ninguém. As camas em beliche estão arrumadas, mas estamos severamente proibidos de mexer nelas e de nos sentarmos, pelo que nos movimentamos sem destino durante metade do dia no escasso espaço disponível, ainda atormentados pela sede furiosa da viagem. Depois, a porta abre-se, entra um rapaz com a farda às riscas, com um ar bastante civilizado, pequeno, magro e louro. Fala francês, e muitos de nós caímos-lhe em cima, bombardeando-o com todas as perguntas que até agora trocámos uns com os outros inutilmente.

Mas não gosta de falar: ninguém aqui gosta de falar. Somos novos, não temos nada e não sabemos nada; para quê perder tempo connosco? Explica-nos contrariado que todos os outros se encontram a trabalhar e voltarão à noite. Ele saiu hoje de manhã da enfermaria; por hoje, está dispensado do trabalho. Perguntei-lhe (com uma ingenuidade que poucos dias depois já devia parecer-me fabulosa) se nos iam devolver pelo menos as escovas de dentes; ele não riu, mas, com uma expressão de extremo desprezo no rosto, disse-me: – *Vous n’êtes pás à la Madison*. – E é este o refrão que ouvimos repetir por toda a gente: já não estão nas vossas casas, isto não é um sanatório, daqui não se sai a não ser pela Chaminé (que é que isto significa? Iremos

aprendê-lo bem mais tarde).

E assim é: empurrado pela sede, descobri, no lado de fora de uma janela, um belo pedaço de gelo ao meu alcance. Abri a janela, arranquei o pedaço de gelo, mas imediatamente avançou um matulão que andava lá fora e mo tirou brutalmente. – Árum? – perguntei-lhe no meu pobre alemão. – *Hire isto kein warum* – (aqui não há porquê), respondeu-me, empurrando-me para dentro à força.

A explicação é repugnante mas simples; neste lugar, tudo é proibido, não por razões obscuras, mas porque o campo foi criado para tal. Se quisermos viver nele, temos de o perceber rapidamente e bem.

... O Santo Vulto aqui não vês,

Nem como em Serchio se toma aqui banho!⁵

Hora após hora, este primeiro longuíssimo dia no vestíbulo do Inferno está a terminar. Enquanto o Sol se põe num vórtice de sinistras nuvens sanguíneas, mandam-nos finalmente sair da barraca. Vão dar-nos água para beber? Não, dispõem-nos mais uma vez em filas, levam-nos para uma ampla parada que ocupa o centro do campo e mandam-nos formar meticulosamente. Depois, não acontece mais nada durante mais de uma hora: parece que estamos à espera de alguém.

Uma fanfarra começa a tocar, junto à porta do campo: toca *Rosamunda*, a bem conhecida cantiga sentimental, e isto parece-nos tão estranho que nos olhamos uns aos outros, sorrindo; nasce dentro de nós uma sombra de alívio, talvez todas estas cerimónias mais não sejam do que uma colossal farsa de gosto teutónico. Mas a fanfarra, depois de *Rosamunda*, continua a tocar outras marchas, umas atrás das outras, e então aparecem os grupos dos nossos companheiros, que regressam do trabalho. Avançam em colunas de cinco; avançam com um passo estranho, não natural, duro, como fantoches rígidos, feitos apenas de ossos: mas avançam acompanhando escrupulosamente o compasso da fanfarra.

Também eles se dispõem como nós, segundo uma ordem minuciosa, na ampla parada; uma vez entrado o último grupo, contam-nos e voltam a contar-nos durante mais de uma hora e efectuam demorados controlos que parecem ser dirigidos por um tipo com a farda às riscas, o qual presta contas a um pequeno grupo de SS armado até aos dentes.

Finalmente (já é de noite, mas o campo está fortemente iluminado por faróis e holofotes), sente-se gritar «*ABS Perre!*», e então todas as esquadras destroçam num vaivém confuso e turbulento. Agora, já não se deslocam rígidos e emperdigados como dantes: cada um arrasta-se com esforço evidente. Noto que todos trazem na mão ou pendurada no cinto uma marmita de chapa de ferro quase tão grande como uma bacia.

Também nós, recém-chegados, vagueamos entre a multidão, à pro cura de uma voz, de um rosto amigo, de um guia. Encostados à parede de madeira de uma barraca estão dois rapazes sentados no chão: parecem muito novos, dezasseis anos no máximo, ambos com o rosto e as mãos sujos de fuligem. Um deles, ao passarmos, chama-me e faz-me em alemão algumas perguntas que não percebo; depois pergunta-me de onde vimos.

– *Italiana* – respondo; queria perguntar-lhe muitas coisas, mas o meu vocabulário

alemão é muito limitado.

– És judeu? – pergunto-lhe.

– Sou judeu polaco.

– Há quanto tempo estás num *Lager*?

– Há três anos – e levanta três dedos. Deve ter entrado criança, penso horrorizado; pelo menos, isto significa que há quem consiga sobreviver aqui.

– Qual é o teu trabalho?

– *Schlosser* – responde. Não percebo: – *Essen*; *Fereu* – (ferro, fogo) insiste ele, e acena com as mãos como quem bate com o martelo numa bigorna. É um ferreiro, portanto.

– *Ichó Cheminé* – declaro eu; e ele acena gravemente com a cabeça: – *Cheminé guta*. – Mas tudo isto tem a ver com o futuro longínquo: o que me atormenta, neste momento, é a sede.

– Beber, água. Nós nada água – digo-lhe. Olha para mim com o rosto sério, quase severo, e diz pausadamente:

– Não bebas água, camarada – e a seguir outras palavras que não percebo.

– *Warum?*

– *Geschwollen* – responde telegraficamente: abano a cabeça, não percebi. – Inchado – dá-me a entender, inchando as bochechas e representando com as mãos uma monstruosa tumescência do rosto e da barriga. – *Warten bis heute abend*. – «Esperar até hoje noite», traduzo eu palavra por palavra.

Depois diz-me: – *Ich Schlome. Du?* – Digo-lhe o meu nome, e ele perguntou: – Onde a tua mãe? – Em Itália. – Schlome fica surpreendido. – Judia na Itália? – Sim – explico como melhor sei –, escondida, ninguém conhece, fugir, não falar, ninguém ver. – Percebeu; agora levanta-se, aproxima-se e abraça-me timidamente. A aventura terminou, sinto-me invadido por uma tristeza serena que é quase alegria. Nunca mais voltei a ver Schlome, mas não esqueci o seu rosto sério e bondoso de criança, que me acolheu à porta da casa dos mortos.

Ainda nos falta aprender muitas coisas, mas muitas outras já as aprendemos. Já temos uma certa ideia da topografia do *Lager*; este nosso *Lager* é um quadrado com cerca de seiscentos metros de lado, cercado por duas redes de arame farpado, sendo a interior percorrida por corrente de alta-tensão. É constituído por sessenta barracas de madeira, que aqui se chamam *Blocks*, uma dezena das quais em construção; a estas acrescentam-se o corpo das cozinhas, que é de alvenaria; uma horta experimental, gerida por um destacamento de *Häftlinge* privilegiados; as barracas dos duches e das latrinas, uma por cada grupo de seis ou oito *Blocks*. Para além disso, alguns *Blocks* são destinados a funções especiais. Primeiro, um grupo de oito, na extremidade leste do campo, constitui a enfermaria e o posto médico; há depois o *Bloch 24* que é o *Krätzeblock*, reservado aos sarnosos; o *Block 7*, onde nenhum *Häftling* comum jamais entrou, reservado à «*Prominenz*», isto é, à aristocracia, aos internados que desempenham os cargos mais elevados; o *Block 47*, reservado aos *Reichsdeutsche* (os arianos alemães, políticos ou criminosos); o *Block 49*, exclusivamente para *Kapos*; o *Block 12*, do qual metade, para uso dos *Reichsdeutsche* e *Kapos*, faz funções de *Antime*, isto é, de posto de distribuição de tabaco, insecticida e, ocasionalmente, outros artigos; o *Block 37*, que contém os escritórios centrais e os serviços de trabalho; e

finalmente o *Block* 29, que mantém as janelas sempre fechadas porque é o *Frauenblock*, o prostíbulo do campo, servido por raparigas *Häftlinge* polacas e reservado aos *Reichsdeutsche*.

Os *Blocks* de habitação comum são divididos em duas zonas: num deles (*Tagesraum*), vive o chefe da barraca com os seus amigos: contém uma mesa comprida, cadeiras, bancos; por todo o lado, uma quantidade de objectos estranhos de cores vivas, fotografias, recortes de revistas, desenhos, flores artificiais, bibelôs; nas paredes, grandes letreiros, provérbios e breves poesias exortando à ordem, à disciplina, à higiene; num canto, uma vitrina com os instrumentos do *Blockfrisör* (barbeiro autorizado), as conchas para distribuir a sopa e duas vergas-tas de borracha, uma maciça e outra oca, para manter a disciplina. O outro local é o dormitório; não há outra coisa a não ser cento e quarenta e oito camas em beliches de três andares, apinhadas, como celas de uma colmeia, de forma a utilizar sem desperdícios todo o volume do local, até ao tecto, e divididas por três corredores; aqui vivem os *Häftlinge* comuns, num total de duzentos, duzentos e cinquenta por barraca, portanto, dois na maioria das tarimbas, que são de tábuas de madeira móveis, equipadas com enxergão de palha muito fino e com dois cobertores cada. Os corredores de passagem são tão estreitos, que duas pessoas passam com muito dificuldade; a superfície total de chão é tão escassa, que os habitantes do mesmo *Block* não a podem ocupar ao mesmo tempo, sem que pelo menos metade esteja deitada nas camas. Daí, a proibição de entrar num *Block* ao qual não se pertence.

No meio do *Lager* está a Praça da Chamada, enorme, onde nos reunimos de manhã, para constituirmos as esquadras de trabalho, e à noite, para sermos contados. Em frente à Praça da Chamada há um canteiro com a relva cuidadosamente cortada, onde são montadas as forcas quando é preciso.

Cedo aprendemos que os hóspedes do *Lager* estão divididos em três classes: os criminosos, os políticos e os judeus. Todos andam com farda às riscas, todos são *Häftlinge*, mas os criminosos trazem ao lado do número, cosido no casaco, um triângulo verde; os políticos, um triângulo vermelho; os judeus, que são a maioria, trazem a estrela judaica, vermelha e amarela. Há também os SS, mas poucos e fora do campo, e vêem-se relativamente poucas vezes: os nossos verdadeiros patrões são os triângulos verdes, que têm liberdade de acção sobre nós, e também os das outras duas classes dispostos a ajudá-los: que não são poucos.

E aprendemos mais coisas ainda, mais ou menos rapidamente, conforme o carácter de cada um; a responder «*Jawohl*», a não fazer perguntas, a fingir sempre ter percebido. Aprendemos o valor dos alimentos; agora, também já raspamos cuidadosamente o fundo da marmita depois do rancho, e mantemo-la debaixo do queixo ao comermos o pão para não desperdiçar as migalhas. Também sabemos agora que não é a mesma coisa receber a concha de sopa da superfície ou do fundo da selha, e já somos capazes de calcular, na base da capacidade das várias selhas, qual o lugar mais conveniente onde ficar no momento de ir para a bicha.

Aprendemos que tudo serve; o arame, para apertar os sapatos; os farrapos, para fazermos deles panos para os pés; o papel, para forrar o casaco (abusivamente) contra o frio. Aprendemos, por outro lado, que tudo pode ser roubado, ou melhor, é automaticamente roubado, mal a atenção diminui; e para o evitar tivemos de aprender

a arte de dormir com a cabeça apoiada num embrulho feito com o casaco e contendo tudo o que possuímos, desde a marmita até aos sapatos.

Já conhecemos em boa parte o regulamento do campo, que é fabulosamente complicado. Inúmeras são as proibições: aproximar-se a menos de dois metros do arame farpado; dormir com o casaco, ou sem cuecas, ou com o boné na cabeça; servir-se de lavatórios ou latrinas particulares, que são «*nu for Kapos*» ou «*nu for Reichsdeutsche*»; não ir tomar duche nos dias fixados, e ir nos dias não fixados; sair da barraca com o casaco desabotoado, ou com a gola levantada; trazer debaixo das fardas papel ou palha contra o frio; lavar-se de outra forma a não ser em tronco nu.

Infinitos e sem sentido são os rituais a cumprir: todos os dias de manhã é obrigatório fazer «a cama», perfeitamente plana e alisada; engraxar as socas enlameadas e repelentes com lubrificante de má quina, raspar das fardas as nódoas de lama, enquanto as nódoas de tinta, gordura e de ferrugem são toleradas; à noite, é obrigatório submeter-se ao controlo dos piolhos e da lavagem dos pés; ao sábado, fazer a barba e cortar os cabelos, remendar ou fazer remendar os farrapos; ao domingo, submeter-se ao controlo geral da sarna e ao controlo dos botões do casaco, que devem ser cinco.

Acrescente-se que inúmeras circunstâncias, normalmente irrelevantes, aqui se transformam em problemas. Quando as unhas crescem, é preciso cortá-las, o que não pode ser feito de outra forma a não ser com os dentes (para as unhas dos pés, é suficiente o atrito dos sapatos); se se perde um botão, é preciso saber pregá-lo com um arame; se se vai à latrina ou ao lavatório, é preciso levar connosco tudo, sempre e em qualquer lugar, e, enquanto estamos a lavar os olhos, manter a trouxa de roupa apertada entre os joelhos; de outra forma, naquele mesmo instante seria roubada. Se um sapato magoa, é preciso apresentar-se à noite na cerimónia da troca de sapatos; aqui se põe à prova a perícia de um indivíduo: no meio de uma multidão incrível, saber escolher com olhar certo um (não um par; um) sapato que sirva, porque, uma vez efectuada a escolha, não é concedida uma segunda troca.

E não se pense que os sapatos, na vida do *Lager*, constituam um factor de importância secundária. A morte começa pelos sapatos: eles revelaram-se, para a maioria de nós, verdadeiros instrumentos de tortura, que após poucas horas de marcha provocavam chagas dolorosas que fatalmente infectavam. Quem é atingido, é obrigado a andar como se tivesse um peso atado aos pés (eis a explicação da estranha maneira de andar do exército de larvas que todas as noites regressa em formação); chega em último lugar a todo o lado, e em todo o lado recebe pancadas; não pode fugir se é perseguido; os seus pés incham, e, quanto mais incharem, tanto mais o atrito com a madeira e a tela dos sapatos se torna insuportável. Então, não presta mais do que para o hospital; mas entrar no hospital com o diagnóstico de «*Dice Fosse*» (pés inchados) é extremamente perigoso, pois toda a gente bem sabe, e os SS especialmente, que, para esta doença, aqui, não há tratamento.

E, contudo, ainda não fizemos referência ao trabalho, o qual é, por sua vez, um emaranhado de leis, de tabus e de problemas.

Todos trabalhamos, excepto os doentes (fazer com que nos reconheçam o estatuto de doente comporta, por si só, um notável património de conhecimentos e de experiências). Todas as manhãs, saímos em formação do campo para a Buna; todas as

noites, igualmente em formação, regressamos. No que se refere ao trabalho, estamos divididos em cerca de duzentos *Comandos*, cada um com um número entre quinze e cento e cinquenta homens chefiado por um *Capo*. Há *Comandos* bons e *Comandos* maus: na sua maioria, estão destinados a transportes, e o trabalho é muito duro, particularmente no Inverno, que mais não fosse por se realizar sempre ao ar livre. Há também *Comandos* de especialistas (electricistas, ferreiros, carpinteiros, soldadores, mecânicos, argamassa dores, etc.), cada um destinado a uma certa oficina ou repartição da Buna, e dependendo de forma mais directa de *Mester* civis, na sua maioria alemães e polacos; isto acontece naturalmente só nas horas de trabalho; no resto do dia, os especialistas (não são mais de trezentos ou quatrocentos, no máximo) não gozam de tratamento diferente dos trabalhadores comuns. A atribuição de cada um aos vários *Comandos* é da responsabilidade de um serviço especial do *Lager*, o *Arbeitsdienst*, que está continuamente em contacto com a direcção civil da Buna. O *Arbeitsdienst* decide baseando-se em critérios desconhecidos; em muitos casos, claramente, em protecções e corrupções, de forma que, se alguém consegue encontrar comida, está também praticamente certo de conseguir um bom lugar na Buna.

O horário de trabalho é variável conforme a época. Todas as horas de luz são horas de trabalho: por isso, vai-se de um horário mínimo invernal (8-12 e 12.30-16 horas) a um máximo de Verão (6.30-12 e 13-18 horas). Por nenhum motivo podem os *Hdflinge* encontrar-se a trabalhar nas horas de escuridão ou quando há nevoeiro denso, enquanto se trabalha normalmente, mesmo quando chove ou neva ou (caso muito frequente) sopra o vento feroz dos Cárpatos; isto, porque a escuridão ou o nevoeiro poderiam originar tentativas de fuga.

Um domingo em cada dois é dia normal de trabalho; nos domingos ditos feriados, em vez de se trabalhar na Buna, trabalha-se habitualmente na manutenção do *Lager*, de forma que os dias de descanso real são extremamente raros.

Esta será a nossa vida. Todos os dias, conforme o ritmo estabelecido, *Ausrücken* e *Einrücken*, sair e voltar; trabalhar, dormir e comer; adoecer, curar-se ou morrer.

... Até quando? Mas os velhos riem-se desta pergunta; por esta pergunta reconhecem-se os recém-chegados. Riem-se e não respondem; para eles, desde há meses, desde há anos, o problema do futuro longínquo esmoreceu, perdeu qualquer intensidade, diante dos problemas bem mais pungentes e concretos do futuro próximo: quanto haverá para comer hoje, se irá nevar, se haverá carvão para descarregar.

Se fôssemos capazes de raciocinar, deveríamos resignar-nos a esta evidência, de que o nosso destino é perfeitamente impossível de conhecer, de que qualquer conjectura é arbitrária e perfeitamente carente de qualquer fundamento real. Mas os homens só muito raramente são capazes de raciocinar quando o que está em jogo é o seu próprio destino; preferem em todos os casos as posições *extremas*; por isso, conforme os seus caracteres, entre nós uns convenceram-se imediatamente de que tudo está perdido, que aqui não é possível viver e que o fim é inevitável e próximo; outros convenceram-se de que, apesar da extrema dureza da vida que nos espera, a salvação é provável e não está longe e, se tivermos fé e força, voltaremos a ver as nossas casas e as pessoas amadas. As duas classes, dos pessimistas e dos optimistas, não são porém tão distintas: não porque os agnósticos sejam muitos, mas porque a maioria, sem

memória nem coerência, oscila entre as duas posições-limite, conforme o interlocutor e o momento.

Toquei o fundo. A apagar o passado e o futuro aprende-se muito rapidamente, se a necessidade empurra. Passados quinze dias da chegada, já sofro da fome regulamentar, a fome crônica desconhecida dos homens livres, que provoca sonhos de noite e se espalha por todos os membros dos nossos corpos; já aprendi a não me deixar roubar, pelo contrário, se encontro algures uma colher, um cordel, um botão, que possa apanhar sem perigo de punição, ponho-os no bolso e passo a considerá-los meus de pleno direito. Já apareceram, na sola dos meus pés, as chagas que não saram. Empurro vagões, trabalho com a pá, canso-me à chuva, tremo ao vento; até o meu próprio corpo já não me pertence: tenho o ventre inchado e os membros emagrecidos, o rosto inchado de manhã e encovado à noite; alguns entre nós têm a pele amarela, outros cinzenta; quando ficamos sem nos ver por três ou quatro dias, temos dificuldade em reconhecer-nos.

Tínhamos decidido encontrar-nos, os italianos, todos os domingos à noite num canto do *Lager*; mas desistimos imediatamente, porque era demasiado triste voltarmos a encontrar-nos cada vez menos numerosos, mais deformados, mais macilentos. E era tão cansativo dar aqueles poucos passos; e, para além disso, reencontrar-nos significaria recordar e pensar, e era melhor não o fazer.

5 Dante Alighieri, *Divina Comédia (Inferno, Canto XXI)*. (N. da T.)

INICIAÇÃO

Passados os primeiros dias em que fui caprichosamente transferido de bloco e de *Kommando* em *Kommando*, numa noite já tarde fui destinado ao *Block* 30 e indicaram-me uma cama em que já dorme Dina. Dina acorda e, embora exausto, dá-me lugar e recebe-me com amizade.

Não tenho sono, ou melhor, o meu sono é disfarçado por um estado de tensão e de ânsia de que ainda não consegui libertar-me, por isso falo, falo sem parar.

Tenho demasiadas coisas para perguntar. Tenho fome, e amanhã, quando distribuírem a sopa, como poderei comê-la sem colher?, e como se consegue uma colher?, e para onde irão mandar-me trabalhar? Dina sabe tanto quanto eu, naturalmente, e responde-me com outras perguntas. Mas de cima, de baixo, de perto, de longe, de todos os cantos da barraca já envolvida pela escuridão, vozes ensonadas e irritadas gritam: – *Ruh, Ruh!*

Percebo que me mandam calar, mas esta palavra é nova para mim e, dado que não conheço o seu sentido e as suas implicações, a minha inquietação aumenta. A confusão das línguas é um factor fundamental da maneira de viver aqui; estamos mergulhados numa perpétua Babel, em que todos gritam ordens e ameaças em línguas que nunca ouvimos antes, e aí de quem não percebe à primeira. Aqui, ninguém tem tempo, ninguém tem paciência, ninguém dá atenção a ninguém: nós, os recém-chegados, reunimo-nos instintivamente nos cantos, ao pé das paredes, como as ovelhas, para sentirmos as costas materialmente protegidas.

Renuncio a fazer perguntas, e rapidamente caio num sono amargo e tenso. Mas não descanso; sinto-me ameaçado, traído, a cada instante estou pronto para me contrair num espasmo de defesa. Sonho, e parece-me estar a dormir numa estrada, numa ponte, atravessado numa porta pela qual entra e sai muita gente. E bem cedo, cedo de mais, chega a alvorada. Toda a barraca é sacudida pelos alicerces, acendem-se as luzes, todos os que estão à minha volta se agitam numa actividade frenética e repentina: sacodem os cobertores levantando nuvens de pó fétido, vestem-se com pressa febril, correm para o exterior meio vestidos, precipitam-se para as latrinas e o lavatório; muitos, numa atitude animal, urinam enquanto correm para poupar tempo, porque dentro de cinco minutos se inicia a distribuição do pão, do pão-*Brota-Broita-Caleb-paim-fechem-Keynes*, do sagrado pedaço cinzento que parece gigantesco na mão do

teu vizinho, e tão pequenino de fazer chorar na tua mão. É uma alucinação quotidiana, à qual acabamos por nos habituar; mas nos primeiros tempos é tão irresistível, que muitos de nós, depois de muitas discussões a dois acerca da nossa evidente e constante desgraça, trocamos as razões, mas então a ilusão reaparece em sentido contrário, deixando-nos todos descontentes e frustrados.

O pão é também a nossa única moeda; nos escassos minutos entre a distribuição e o consumo, o *Block* ecoa de chamamentos, de discussões acesas e de fugas. São credores de ontem que reclamam o pagamento nos poucos instantes em que o devedor se encontra em condições de pagar. Depois, instala-se uma paz relativa que muitos aproveitam para ir de novo às latrinas, para fumar meio cigarro, ou ao lavatório para se lavar, como deve ser.

O lavatório é um local pouco convidativo. Está mal iluminado, cheio de correntes de ar, e o chão de tijoleira está coberto por uma camada de lama; a água não é potável, tem um cheiro repugnante e não é raro faltar durante muitas horas. As paredes estão decoradas com curiosos frescos didascálicos: vê-se, por exemplo, o *Hdfiling* bem-comportado, representado nu até à cintura, na atitude de ensaboar cuidadosamente o crânio bem rapado e rosado, e o *Hdfiling* malcomportado, com um nariz acentuadamente semítico e com uma cor esverdeada, o qual, completamente tapado pela roupa cheia de nódoas vistosas, com o boné na cabeça, mergulha com cautela um dedo na água do lavatório. Debaixo do primeiro está escrito: «*So bist du rein*» (assim, estás limpo); debaixo do segundo: «*So gehst du em*» (assim, vais acabar mal); e mais em baixo, num francês duvidoso, mas em letras góticas: «*La propreté, c'est la santé*».

A parede em frente está toda ocupada por um enorme piloto branco, vermelho e preto, com a legenda «*Eine Laus, dein Tod*» (um piolho é a tua morte) e os versos inspirados:

*Nach dem A bort, vor dem Essen
Hände Waschen, nicht vergessen*

(depois da latrina, antes de comer, lava as mãos, não esqueças).

Durante muitas semanas, considerei estas exortações à higiene como meros traços de espírito teutónico, no estilo do diálogo relativo à cinta hernial com que nos acolheram ao entrarmos no *Lager*. Mas percebi depois que os seus autores desconhecidos, talvez inconscientemente, não estavam longe de algumas verdades importantes. Neste lugar, lavar-se todos os dias na água turva do lavatório fedorento é praticamente inútil para fins de limpeza e de saúde; mas é muito importante como sintoma de um resto de vitalidade, e necessário como instrumento de sobrevivência moral.

Tenho de confessar: depois de uma semana como prisioneiro, desapareceu dentro de mim o instinto da limpeza. Vagueio sem energia pelo lavatório, e aparece Steinlauf, o meu amigo de cerca de cinquenta anos, nu até à cintura, que esfrega o pescoço e as costas com escasso êxito (não tem sabão) mas com extrema energia. Steinlauf vê-me e cumprimenta-me, e sem meias medidas pergunta-me com severidade porque é que não me lavo. Porque é que deveria lavar-me?, estaria melhor do que estou?, alguém gostaria mais de mim?, iria viver mais um dia, mais uma hora? Pelo contrário, iria

viver menos, porque lavar-se é um trabalho, um gasto de energia e de calor. Não sabe ele que, passada meia hora trabalhando com sacos de carvão, qualquer diferença entre nós desaparecerá? Quanto mais penso nisto, mais me convenço de que lavar a cara nas nossas condições é uma coisa inútil, fútil até: um hábito mecânico ou, pior ainda, uma lúgubre repetição de um rito extinto. Vamos morrer todos, estamos prestes a morrer: se me sobrares dez minutos entre o acordar e o trabalho, quero dedicá-los a outras coisas, fechar-me em mim próprio, fazer o balanço, ou então olhar o céu e pensar que talvez esteja a vê-lo pela última vez; ou mesmo só deixar-me viver, conceder-me o luxo de um breve ócio.

Mas Steinlauf interrompe-me. Acabou de se lavar, agora limpa-se com o casaco de tecido que antes mantinha embrulhado entre os joelhos e que a seguir vai vestir, e, sem interromper a operação, dá-me uma lição com todas as regras.

Já me esqueci, e lamento, das suas palavras certas e claras, as palavras do ex-sargento Steinlauf do exército austro-húngaro, condecorado com a Cruz de Ferro na Grande Guerra. Lamento, porque terei de traduzir o seu italiano incerto e a sua conversa linear de bom soldado para a minha linguagem de homem céptico. Mas o sentido era este, que não esqueci, nem então nem depois: que, exactamente porque o *Lager* é uma grande máquina para nos reduzir a animais, nós não devemos tornar-nos animais; que também neste lugar se pode sobreviver, e por isso é preciso querer sobreviver, para contar, para testemunhar; e que para viver é importante esforçarmo-nos para salvar pelo menos o esqueleto, os pilares, a forma da nossa civilização. Que somos escravos, privados de qualquer direito, expostos a qualquer injúria, condenados quase com certeza à morte, mas que uma faculdade nos restou, e temos de a defender com todo o vigor porque é a última: a faculdade de negar o nosso consentimento. Temos, portanto, sem dúvida de lavar a cara sem sabão, na água suja, e limparmo-nos ao casaco. Temos de engraxar os sapatos, não porque a tal obriga o regulamento, mas por dignidade e por propriedade. Temos de caminhar direitos, sem arrastar as socas, certamente não em homenagem à disciplina prussiana, mas para nos mantermos vivos, para não começarmos a morrer.

Estas coisas disse-me Steinlauf, homem de boa vontade: coisas estranhas para o meu ouvido desabitado, entendidas e aceites só em parte, e atenuadas numa doutrina mais fácil, dúctil e branda, a doutrina que desde há séculos se respira para alguém dos Alpes e segundo a qual, entre outras coisas, nada é mais inútil do que esforçar-se para digerir sistemas morais elaborados por outros, sob céus diferentes. Não, a sabedoria e a virtude de Steinlauf, sem dúvida boas para ele, para mim não chegam. Diante deste complicado mundo infernal, as minhas ideias estão confusas; será mesmo necessário elaborar um sistema e praticá-lo? Ou não será mais salutar tomar consciência do facto de não termos um sistema?

KA-BE

Os dias são todos iguais, e não é fácil conta-los. Desde há não sei quantos dias que nos deslocamos aos pares, entre o caminho-de-ferro e o armazém: uma centena de metros de solo em degelo. Carregados à ida, de braços caídos à volta, sem falar.

Em redor, tudo nos é hostil. Sobre nós, as nuvens adversas atropelam-se, para nos separar do Sol; somos apertados por todos os lados pela esqualidez atormentada do ferro. Nunca vimos os seus limites, mas sentimos, à nossa volta, a presença maligna do arame farpado que nos segrega do mundo. E nos andaimes, nos comboios em manobra, nos caminhos, nas escavações, nos escritórios, homens e mais homens, escravos e patrões, os patrões eles próprios escravos; uns empurrados pelo medo, os outros pelo ódio, todas as outras forças emudeceram. Todos são nossos inimigos ou nossos rivais.

Não, na verdade, neste meu companheiro de hoje, subjugado comigo debaixo da mesma carga, não sinto um inimigo nem um rival.

É Nulo Achtzehn. Não tem outro nome, Zero Dezoito, os últimos três algarismos do seu número de matrícula: como se cada um se tivesse apercebido de que só um homem é digno de ter um nome, e de que Null Achtzehn já não é um homem. Penso que ele próprio se esqueceu do seu nome, age sem dúvida como se assim tivesse acontecido. Ao falar, ao olhar, dá a impressão de estar interiormente vazio, nada mais do que um invólucro, como algumas cartilagens de insectos que se encontram junto aos pântanos, pegadas por um fio às pedras, e sacudidas pelo vento.

Null Achtzehn é muito novo, o que representa um grave perigo. Não só porque os rapazes suportam pior que os adultos as canseiras e o jejum, mas sobretudo porque aqui, para sobreviver, é preciso um longo treino para a luta de cada um contra todos os outros, que os jovens raramente possuem. Null Achtzehn não é sequer dos mais enfraquecidos, mas todos evitam trabalhar com ele. Tornou-se a tal ponto indiferente a tudo, que já nem se preocupa em evitar a fadiga e as pancadas e procurar a comida. Cumpre todas as ordens que recebe, e é de prever que, quando for mandado para a morte, irá com esta mesma total indiferença.

Não possui a rudimentar astúcia dos cavalos de tiro, que param de puxar um pouco antes de chegarem ao esgotamento: ele puxa, ou carrega, ou empurra até que as forças

lho permitam, depois cai de repente, sem uma palavra de aviso, sem levantar do chão os olhos tristes e opacos. Faz-me lembrar os cães dos trenós dos livros de Jack London, que se afadigam até ao último fôlego e morrem na pista.

Null Achtzehn, pois, é de nós todos o que trabalha mais, porque nós procuramos por todos os meios evitar o cansaço. Por isso, e por que é um parceiro perigoso, ninguém quer trabalhar com ele; e dado que, por outro lado, ninguém quer trabalhar comigo, porque sou fraco e desajeitado, acontece frequentemente encontrarmo-nos juntos.

Enquanto, de mãos vazias, voltamos mais uma vez arrastando os pés para o armazém, uma locomotiva assobia levemente e corta-nos o caminho. Contentes pela interrupção forçada, Null Achtzehn e eu paramos: dobrados e esfarrapados, esperamos que as vagões acabem de desfilar lentamente diante de nós.

... *Deutsche Reichsbahn. Deutsche Reichsbahn*, SNCF. Dois gigantescos vagões russos. Com a foice e o martelo mal apagados. *Deutsche Reichsbahn*. Depois, *Cavalli 8, Uomini 40, Tara, Portata*: um vagão italiano... Entrar dentro dele, num cantinho bem escondido debaixo do carvão, ficar imóvel e calado, na escuridão, escutando sem fim o ritmo dos carris, mais forte do que a fome e o cansaço; até que, a deter minada altura, o comboio parava, eu sentia o ar quentinho e o cheiro do feno, e podia sair para fora, ao sol: então deitava-me no chão, para o beijar, como se lê nos livros: com o rosto na relva. Nesse momento, passava uma mulher, e perguntava-me «Quem és tu?» em italiano, e eu contava-lhe, em italiano, e ela percebia e dava-me comida e dormida. E não acreditava nas coisas que eu dizia; então, mostrava-lhe o número que tenho no braço, e assim passava a acreditar...

... Acabou. O último vagão passou e, como ao levantar do pano, aparece diante de nós o monte dos suportes de ferro fundido, o *Kapo* de pé em cima do monte com uma vara na mão, os camaradas macilentos, aos pares, que andam para trás e para diante.

Não se deve sonhar: o momento de consciência que acompanha o acordar é o sofrimento mais intenso. Mas não nos acontece muitas vezes, e os sonhos não duram muito tempo: mais não somos do que animais cansados.

Mais uma vez, estamos junto do monte. Mischa e o Galiciano levantam um suporte e colocam-no com rudeza nas nossas costas. O seu lugar é o menos cansativo e por isso demonstram boa vontade para o conservar: chamam pelos camaradas que se atrasam, incitam, exortam, impõem ao trabalho um ritmo insustentável. Tudo isto me indigna. Embora já saiba que está dentro da ordem moral das coisas que os privilegiados oprimam os não-privilegiados: é por esta lei humana que se rege a estrutura social do campo.

Agora, é a minha vez de ir à frente. O suporte é pesado mas muito curto, pelo que, a cada passo, sinto atrás de mim os pés de Null Achtzehn que tropeçam nos meus, pois ele não é capaz, ou não se preocupa com isso, de acompanhar o meu passo.

Vinte passos, chegámos aos carris, temos de ultrapassar um cabo. A carga está mal colocada, algo não está bem, tende a escorregar do ombro. Cinquenta passos, sessenta. A porta do armazém; mais outro tanto de caminho e iremos descarregá-la. Chega, é impossível continuar, a carga pesa-me agora totalmente em cima do braço; não consigo suportar mais a dor e a fadiga, grito, procuro virar-me; mal tenho tempo de ver

Null Achtzehn tropeçar e largar tudo.

Se tivesse a minha agilidade de outrora, poderia saltar para trás, mas agora estou no chão, com todos os músculos contraídos, o pé atingido entre as mãos, cego pela dor. A aresta de ferro fundido atingiu-me na parte superior do pé esquerdo.

Durante um minuto, tudo se anula na vertigem do sofrimento. Quando consigo olhar em redor, Null Achtzehn está ainda ali, de pé, não se mexeu; com as mãos enfiadas nas mangas, sem dizer uma palavra, olha para mim sem expressão. Chegam Mischa e o Galiciano, falam entre si em ídiche, dão-me não sei bem que conselhos. Chegam Templer e David e todos os outros: aproveitam o contratempo para suspender o trabalho. Chega o *Kapo*, distribui pontapés, socos e insultos, os companheiros dispersam-se como palha ao vento; Null Achtzehn leva uma mão ao nariz e olha-a sem expressão: está cheia de sangue.

A mim, tocam-me apenas duas bofetadas na cabeça, das que não doem porque entontecem.

O acidente está encerrado. Constato que, bem ou mal, consigo segurar-me de pé, o osso não deve estar partido. Não ousa tirar o sapato com medo de despertar a dor, e também porque sei que o pé irá inchar e não conseguiria voltar a calçá-lo.

O *Kapo* manda-me substituir o Galiciano no monte, e este, olhando para mim com ar ameaçador, vai tomar o meu lugar ao pé de Null Achtzehn; mas já passam os prisioneiros ingleses, devemos estar em cima da hora de regressar ao campo.

Durante a marcha, esforço-me por andar depressa, mas não consigo acompanhar o passo; o *Kapo* manda Null Achtzehn e Finder apoiar-me até à passagem diante dos SS, e por fim (felizmente, esta noite não há chamada) estou na barraca e posso deitar-me na cama e respirar.

Talvez pelo calor, talvez pela fadiga da marcha, a dor reapareceu, juntamente com uma estranha sensação de humidade no pé ferido. Tiro o sapato: está cheio de sangue, já coagulado e empastado com a lama e com os pedaços do trapo que encontrei há um mês e que utilizo para enrolar os pés, um dia o direito, outro o esquerdo.

Esta noite, logo após a sopa, irei para o Ka-Be.

Ka-Be é a abreviatura de *Krankenbau*, a enfermaria. São oito barracas, em tudo parecidas com as outras do campo, mas separadas por um arame farpado. Contêm permanentemente um décimo da população do campo, mas poucos permanecem mais de duas semanas e ninguém mais de dois meses: dentro destes prazos, temos a obrigação de morrer ou ficar curados. Quem tem hipótese de se curar, no Ka-Be é tratado; quem tem tendência para piorar, do Ka-Be é enviado para as câmaras de gás.

Tudo isto porque temos a sorte de pertencer à classe dos «judeus economicamente úteis».

Nunca entrara no Ka-Be, nem no consultório, e portanto tudo aqui é novo para mim.

Os consultórios são dois, o médico e o cirúrgico. Diante da porta, na noite e no vento, estão duas longas filas de sombras. Uns precisam só de uma ligadura ou de um comprimido, outros pedem para marcar consulta; alguns trazem a morte na cara. Os primeiros das duas filas já estão descalços e prontos para entrar; os outros, à medida que a sua vez se aproxima, procuram, no meio da confusão, desligar os laços

improvisados e os arames dos sapatos e desenrolar, sem os rasgar, os preciosos panos para os pés; não demasiado cedo, para não ficarem inutilmente na lama com os pés descalços; não demasiado tarde, para não perderem a vez: pois é rigorosamente proibido entrar no Ka-Be com os sapatos. Quem está incumbido de fazer respeitar a proibição é um gigantesco *Häfiling* francês, que estaciona no cubículo colocado entre as portas dos dois consultórios. É um dos poucos funcionários franceses do campo: e não se pense que passar o dia entre os sapatos lamacentos e rotos constitua um pequeno privilégio. Será suficiente pensar em quantos entram para o Ka-Be com os sapatos e saem sem precisar deles...

Quando chega a minha vez, consigo milagrosamente tirar os sapatos e os panos sem perder nem uns nem outros, sem que me roubem a marmita e as luvas e sem perder o equilíbrio, embora sem largar o boné, que por nenhuma razão se pode ter na cabeça ao entrar nas barracas.

Deixo os sapatos no depósito e guardo a respectiva senha; depois, descalço e coxeando, com as mãos ocupadas com todas as minhas míseras coisas, que não posso deixar em lado nenhum, sou admitido no interior e fico numa nova bicha que termina na sala das consultas.

Nesta bicha, despimo-nos progressivamente e, quando a nossa vez se aproxima, é preciso estarmos nus porque um enfermeiro nos coloca o termómetro debaixo da axila; se alguém estiver vestido, perde a vez e volta para o fim da bicha. Todos devem pôr o termómetro, mesmo que tenham só sarna ou dor de dentes.

Deste modo, há a certeza de que quem não está seriamente doente não se irá submeter por capricho a este complicado ritual.

Chega finalmente a minha vez: sou admitido à presença do médico, o enfermeiro tira-me o termómetro e anuncia-me: – *Nummer 174 517, kein Fieber.* – Para mim, não é preciso uma consulta aprofundada: sou imediatamente declarado *Arztvormelder*; o que quer dizer, não sei, não é este certamente o lugar para pedir explicações. Põem-me fora, recupero os sapatos e volto para a barraca.

Chajim congratula-se comigo: tenho uma boa ferida, não parece perigosa e garante-me um certo período de repouso. Passarei a noite na barraca com os outros, mas amanhã de manhã, em vez de ir trabalhar, tenho de me apresentar de novo aos médicos para a consulta definitiva: é isto que significa *Arztvormelder*. Chajim tem prática destas coisas e acha que provavelmente amanhã serei admitido no Ka-Be. Chajim é o meu companheiro de cama e tenho nele uma confiança cega. É um polaco, judeu devoto, estudioso da Lei. Tem mais ou menos a minha idade, é relojoeiro, e aqui na Buna é mecânico de precisão; por isso, encontra-se entre os poucos que mantêm a dignidade e a segurança de si, que nascem do facto de se exercer um ofício para o qual se está preparado.

E assim foi. Depois da alvorada e do pão, chamaram-me com mais três da minha barraca. Levaram-nos para um canto da Praça da Chamada, onde se encontrava uma longa bicha, todos os *Arztvormelder* de hoje; chegou um tipo e tirou-me marmita, colher, boné e luvas. Os outros riram: não sabia que tinha de os esconder ou confiar a alguém, ou, melhor ainda, vende-los, e que para o Ka-Be não se podem levar? Depois, olham para o meu número e abanam a cabeça: de quem tem um número tão alto pode esperar-se qualquer asneira.

Depois contaram-nos, mandaram-nos despir lá fora ao frio, tiraram-nos os sapatos, contaram-nos outra vez, raparam-nos barba, cabelos e pêlos, contaram-nos de novo, mandaram-nos tomar duche; depois veio um SS, olhou para nós sem interesse, demorou-se diante de um tipo que tinha uma grande hidrocele, mandou separa-lo dos outros. Depois contaram-nos mais uma vez, mandaram-nos tomar outro duche, embora ainda estivéssemos molhados do primeiro e alguns tremessem de febre.

Agora, estamos prontos para a consulta definitiva. Por fora da janela vê-se o céu branco e, de vez em quando, o Sol; neste país, pode-se fita-lo através das nuvens, como através de um vidro fumado. A julgar pela sua posição, devem ser catorze horas: adeus sopa por hoje, e estamos de pé há dez horas e nus há seis.

Também esta segunda consulta é extraordinariamente rápida: o médico (tem a farda às riscas como nós, mas por cima veste uma bata branca, tem o número cosido na bata e é muito mais gordo que nós) olha e apalpa o meu pé inchado e ensanguentado, o que me faz soltar um grito de dor, e depois diz: – *Aufgenommen, Block 23.* – Eu fico ali de boca aberta, à espera de qualquer outra indicação, mas alguém me puxa brutalmente para trás, me deita um cobertor sobre os ombros nus, me estende um par de sandálias e me atira para o exterior.

O *Block 23* está a uma centena de metros; em cima da porta está escrito «*Schonungsblock*»: o que quererá dizer? Lá dentro, tiram-me cobertor e sandálias e encontro-me mais uma vez nu e último de uma bicha de esqueletos nus: os internados de hoje.

Desde há muito tempo que desisti de tentar perceber. Pelo que me diz respeito, já estou tão cansado de me segurar no pé ferido e ainda não medicado, tão esfomeado e cheio de frio, que já nada me interessa. Este pode muito bem ser o último dos meus dias, e este local a câmara de gás de que todos falam; o que poderia eu fazer? Mais vale encostar-me à parede, fechar os olhos e esperar.

O meu vizinho não deve ser judeu. Não é circuncidado e, além disso (esta é uma das poucas coisas que aprendi até agora), uma pele tão clara, um rosto e uma compleição tão maciça são características dos polacos não judeus. É mais alto do que eu uma cabeça, mas tem um ar muito amável, como só o têm os que não sofrem a fome.

Tentei perguntar-lhe se sabe quando nos mandarão entrar. Ele virou-se para o enfermeiro, que é parecido com ele como se fossem gémeos e está num canto a fumar; falaram e riram juntos sem responder, como se eu não estivesse ali: depois, um deles agarrou no meu braço e olhou para o número, e então passaram a rir mais alto. Todos sabem que os cento e setenta e quatro mil são os judeus italianos: os tão conhecidos judeus italianos, chegados há dois meses, todos advogados, todos doutores, eram mais de cem e já só ficaram quarenta, os que não sabem trabalhar e deixam roubar-lhes o pão e apanham bofetadas desde manhã até à noite; os alemães chamam-nos «*sei lince Ande*» (duas mãos esquerdas), e até os judeus polacos os desprezam porque não sabem falar iídiche.

O enfermeiro mostra ao outro as minhas costelas, como se eu fosse um cadáver na sala de anatomia; acena às pálpebras e às faces inchadas e ao pescoço delgado, dobra-se e carrega com o indicador na minha tíbia e faz notar ao outro a profunda cova que o dedo deixa na carne pálida, como na cera. Gostaria de nunca ter dirigido a palavra ao

polaco: parece-me nunca ter sofrido, em toda a minha vida, uma humilhação mais atroz do que esta. O enfermeiro entretanto parece ter terminado a sua demonstração; na sua língua que não percebo e que soa terrível aos meus ouvidos, dirige-se para mim e, em quase-alemão, piedosamente, fornece-me o resumo: – *Du Jude kaputt. Du schnell Krematorium fertig* – (Tu judeu despachado, tu cedo forno crematório, acabado).

Passaram mais algumas horas antes que todos os internados fossem admitidos, recebessem a camisa e fosse preenchida a sua ficha. Eu, como de costume, fui o último; um tipo com a farda às riscas novinha em folha perguntou-me onde nasci, que profissão exercia «na vida civil», se tinha filhos, que doenças tivera, uma data de perguntas; para que podem elas servir, trata-se de uma complicada encenação para nos gozar. É isto o hospital? Obrigam-nos a ficar nus e em pé e fazem-nos perguntas.

Finalmente, também para mim a porta se abriu e pude entrar no dormitório.

Também aqui, como em todo o lado, camas de beliche de três andares, em três filas ao longo de toda a barraca, separadas por dois corredores muito estreitos. As camas são cento e cinquenta, os doentes cerca de duzentos e cinquenta: portanto, dois em quase todas as camas. Os doentes das camas superiores, apertados contra o tecto, quase não podem sentar-se; debruçam-se com curiosidade para ver os recém-chegados de hoje, é o momento mais interessante do dia, encontra-se sempre alguém conhecido. Fui destinado à cama 10; milagre!, está vazia. Deito-me deliciado: é a primeira vez, desde que estou no campo, que tenho uma cama só para mim. Apesar da fome, passados menos de dez minutos, estou a dormir.

A vida no Ka-Be é uma vida de limbo. Os incómodos materiais são relativamente poucos, à parte a fome e os sofrimentos provocados pelas doenças. Não faz frio, não se trabalha e, a não ser por ter cometido alguma falta grave, não nos batem.

A alvorada é às quatro, mesmo para os doentes; temos de fazer a cama e lavar-nos, mas não há muita pressa nem muito rigor. Às cinco e meia, distribuem o pão, e podemos corta-lo comodamente em fatias finas, e comer deitados com toda a calma; depois, podemos voltar a dormir, até à distribuição do caldo do meio-dia. Até cerca das dezasseis, é o *Mittagsruhe*, o repouso da tarde; a esta hora, há frequentemente a visita médica e o tratamento e é preciso descer das camas, tirar a camisa e pôr-se em fila diante do médico. Também o rancho da noite é distribuído nas camas; depois, às vinte e uma, todas as luzes se apagam, excepto a lâmpada de vigia do guarda da noite, e cai o silêncio.

... E, pela primeira vez desde que estou no campo, a alvorada surpreende-me num sono profundo, e o acordar é um regresso do nada. Na altura da distribuição do pão, ouve-se de longe, fora das janelas, no ar escuro, a banda que começa a tocar: os companheiros são saem em formação para o trabalho.

Do Ka-Be, a música não se ouve bem: chega assíduo e monótono o martelar do bombo e dos pratos, mas sobre este fundo as frases musicais desenham-se só a intervalos, ao capricho do vento. Nós, das nossas camas, olhamos uns para os outros, porque todos sentimos que esta música é infernal.

Os motivos são poucos, uma dúzia, todos os dias os mesmos, de manhã e à noite:

marchas e canções populares queridas a todos os alemães. Estão gravadas nas nossas memórias, serão a última coisa do *Lager* de que nos esqueceremos: são a voz do *Lager*, a expressão sensível da sua loucura geométrica, da decisão alheia de nos aniquilarem primeiro enquanto homens para depois nos matarem lentamente.

Quando esta música toca, sabemos que os nossos companheiros, lá fora por entre o nevoeiro, partem em marcha como autómatos; as suas almas estão mortas e a música empurra-os, como o vento empurra as folhas secas, e substitui-se à sua vontade. Já não existe vontade: cada pulsação transforma-os num passo, numa contracção reflexa dos músculos desfeitos. Os alemães conseguiram. São dez mil, e são uma única máquina cinzenta; estão perfeitamente dominados; não pensam e não têm vontade, marcham.

Na marcha de saída e de regresso nunca faltam os SS. Quem poderia negar-lhes o direito de assistir a esta coreografia que eles próprios quiseram, à dança dos homens apagados, grupo após grupo, saindo do nevoeiro para entrar no nevoeiro? Que prova mais concreta da sua vitória?

Também os do Ka-Be conhecem esta saída e este regresso do trabalho, a hipnose do ritmo interminável, que mata o pensamento e acalma a dor; experimentaram-no e irão experimentá-lo de novo. Mas era preciso sair do encantamento, ouvir a música do lado de fora, como acontecia no Ka-Be e como agora a repensamos, depois da libertação e da ressurreição, sem lhe obedecer, sem ter de a suportar, para perceber o que era; para perceber por que meditada razão os alemães criaram este rito monstruoso, e porque é que, ainda hoje, quando a memória nos devolve alguma daquelas inocentes canções, o sangue pára nas nossas veias e ficamos conscientes de que ter regressado de Auschwitz não foi uma pequena sorte.

Tenho dois vizinhos de cama. Ficam todo o dia e toda a noite deitados lado a lado, pele contra pele, cruzados como os peixes do Zodíaco, de forma que cada um tem os pés do outro junto da cabeça. Um deles é Walter Bonn, um holandês civilizado e bastante culto. Vê que não tenho nada para cortar o pão, empresta-me a sua faca, depois oferece-se para me ceder por meia razão de pão. Discuto o preço, depois renuncio, penso que aqui no Ka-Be encontrarei sempre uma emprestada, e lá fora costumam só um terço de razão.

Apesar disto, Walter não desiste da sua amabilidade, e ao meio-dia, depois de comida a sopa, lambe com os lábios a colher (o que é uma boa regra antes de emprestar, para a limpar e para não desperdiçar os restos de sopa que ficaram pegados) e oferece-me espontaneamente.

– Que doença tens, Walter? – «*Körperschwäche*» – esgotamento orgânico. A pior doença: não tem tratamento e é muito perigoso entrar no Ka-Be com este diagnóstico. Se não fosse pelo edema nos tornozelos (e mostra-mos) que lhe impede de sair para o trabalho, teria certamente evitado o internamento.

Acerca deste tipo de perigos, tenho ainda as ideias bastante confusas. Todos falam deles indirectamente, com alusões, e quando faço perguntas olham para mim e calam-se.

É pois verdade o que se ouve dizer, de selecções, de gás, de fornos crematórios?

Fornos crematórios. O outro, o vizinho de Walter, acorda sobressaltado, levanta-se: quem está a falar em forno crematório? O que é que está a acontecer? Não se pode

deixar em paz quem dorme? É um judeu polaco, albino, com um rosto cavado e bonacheirão, já não muito novo. Chama-se Schmulek, é ferreiro. Walter põe-no a par da conversa em poucas palavras.

Assim, «*der Italeyner*» não acredita nas selecções? Schmulek queria falar alemão, mas fala ídiche; entendo-o com dificuldade, só porque quer fazer-se entender. Manda calar Walter com um gesto, será ele a persuadir-me:

– Mostra-me o teu número: tu és o 174 517. Esta numeração começou há dezoito meses, e vale para Auschwitz e para os campos dependentes. Nós somos agora dez mil aqui em Buna-Monowitz; talvez trinta mil entre Auschwitz e Birkenau. *Wo sind die Andere?*, onde estão os outros?

– Talvez transferidos para outros campos...? – sugiro. Schmulek abana a cabeça, dirige-se a Walter:

– *Er will nix versteyen* – ele não quer entender.

Mas era destino que bem cedo fosse levado a entender, e à custa do próprio Schmulek. Uma noite abriu-se a porta da barraca, uma voz gritou – *Achtung!* –, todo o barulho acabou e fez-se um silêncio pesado como chumbo.

Entraram dois SS (um deles com muitos galões, um oficial, talvez?), ouviam-se os seus passos na barraca como se estivesse vazia; falaram com o médico-chefe, este mostrou-lhes um livro de registo apontando aqui e ali. O oficial tomou notas num livrinho. Schmulek tocou-me os joelhos: – *Pass' auf, pass' auf* – toma atenção.

O oficial, seguido pelo médico, vagueia em silêncio e despreocupado entre as camas; tem na mão um chicote, chicoteia uma ponta de cobertor que pende de uma cama alta, o doente apressa-se a recompô-la. O oficial segue em frente.

Outro tem o rosto amarelo; o oficial tira-lhe os cobertores, ele estremece, o oficial apalpa-lhe a barriga, diz: – *Gut, gut* –, e depois segue em frente.

Agora, pousou o olhar sobre Schmulek; tira o livrinho do bolso, controla o número da cama e o número da tatuagem. Eu vejo tudo perfeitamente de cima: fez uma cruzinha ao lado do número de Schmulek. Depois seguiu em frente.

Agora olho para Schmulek, e atrás dele vejo os olhos de Walter, e por isso não faço perguntas.

No dia seguinte, em vez do habitual grupo de pessoas com alta, foram mandados sair dois grupos distintos. Os primeiros foram barbeados e rapados e tomaram duche. Os outros saíram como estavam, com as barbas compridas e os curativos por fazer, sem duche. Ninguém se despediu destes últimos, ninguém lhes confiou mensagens para os companheiros sãos.

Deles fazia parte Schmulek.

Desta forma discreta e composta, sem aparato e sem raiva, pelas barracas do Ka-Be paíra todos os dias o extermínio, tocando este ou aquele. Quando Schmulek partiu, deixou-me colher e faca; Walter e eu evitámos olhar um para o outro e ficámos por muito tempo em silêncio. Depois, Walter perguntou-me como consigo guardar durante tanto tempo a minha ração de pão, e explicou-me que costuma cortar a dele no sentido do comprimento, de forma a obter fatias mais largas, que é mais fácil de com a margarina.

Walter explica-me muitas coisas: *Schonungsblock* quer dizer barraca para o

descanso; aqui, estão doentes não graves, ou convalescentes, ou que não precisam de tratamento. Entre eles, pelo menos uns cinquenta disentéricos mais ou menos graves.

Estes são controlados de três em três dias. Dispõem-se em fila ao longo do corredor; na extremidade, estão duas bacias de latão e o enfermeiro, com livro de registo, relógio e lápis. Os doentes apresentam-se dois de cada vez, e têm de demonstrar, no local e imediatamente, que a sua diarreia persiste; para este fim, é-lhes concedido um minuto exacto. Passado o qual apresentam o resultado ao enfermeiro, que observa e avalia; as bacias são rapidamente lavadas numa tina e entram os dois seguintes.

Entre os que esperam, alguns contorcem-se no espasmo de reter o precioso testemunho por mais vinte, por mais dez minutos; outros, não tendo recursos naquele momento, contraem veias e músculos no esforço oposto. O enfermeiro assiste impassível, mordendo o lápis, um olhar para o relógio, um olhar para as amostras que lhe são apresentadas. Nos casos duvidosos, parte com a bacia e vai apresentá-la ao médico.

... Recebi uma visita; é Piero Sonnino, o romano. – Viste como o enganei? – Piero tem uma enterite bastante leve, está aqui há vinte dias, e está aqui bem, descansa e engorda, está-se nas tintas para as selecções e decidiu ficar no Ka-Be até ao fim do Inverno, custe o que custar. O seu método consiste em pôr-se na bicha atrás de um disentérico autêntico, que ofereça garantias de sucesso; quando chega a sua vez, pede-lhe colaboração (que será remunerada com sopa ou pão) e, se o outro aceitar e o enfermeiro se distrair por um momento, troca as bacias no meio da confusão e o golpe está feito. Piero sabe ao que se arrisca, mas até agora correu-lhe bem.

Mas a vida no Ka-Be não é esta. Não são os instantes cruciais das selecções, não são os episódios grotescos dos controlos da diarreia e dos piolhos, não são sequer as doenças.

O Ka-Be é o *Lager* sem o desconforto físico. Por isso, quem ainda mantém um germe de consciência, retoma consciência; por isso, nos infindáveis dias vazios, fala-se de outras coisas para além da fome e do trabalho, e acontece-nos considerar ao que nos reduziram, quanto nos tiraram, o que é esta vida. Neste Ka-Be, parênteses de paz relativa, aprendemos que a nossa personalidade é frágil, está muito mais ameaçada do que a nossa vida; e os sábios antigos, em vez de nos avisarem «recorda-te que tens de morrer», deveriam ter-nos lembrado este perigo maior que nos ameaça. Se do interior dos *Lager* uma mensagem tivesse podido chegar aos homens livres, deveria ter sido esta: procurai não ter de sofrer nas vossas casas o que nos infligem aqui.

Quando se trabalha, sofre-se e não se tem tempo para pensar: as nossas casas são menos do que uma lembrança. Mas aqui o tempo está por nossa conta: de cama para cama, apesar da proibição, trocamos visitas, e falamos, falamos. A barraca de madeira, apinhada de humanidade doente, está cheia de palavras, de recordações e de outra dor. «*Heimweh*», chama-se em alemão esta dor; é uma palavra bonita, que significa «dor pela casa».

Sabemos de onde vimos: as recordações do mundo externo povoam os nossos sonos e as nossas vigílias, apercebemo-nos com espanto de que nada esquecemos, todas as memórias evocadas surgem diante de nós dolorosamente nítidas.

Mas, para onde vamos, não sabemos. Conseguiremos talvez sobreviver às doenças e escapar às selecções, talvez também resistir ao trabalho e à fome que nos consomem: e depois? Aqui, momentaneamente afastados das blasfémias e das violências, podemos voltar a nós próprios e meditar, e é então que se torna claro que não teremos regresso. Viajámos até aqui nos vagões selados; vimos partir em direcção ao nada as nossas mulheres e as nossas crianças; reduzidos a escravos, marchamos mil vezes para trás e para diante, numa fadiga muda, já apagados nas almas antes da morte anónima. Não temos regresso. Ninguém deve sair daqui, pois poderia levar para o mundo, juntamente com a marca gravada na carne, a terrível notícia do que, em Auschwitz, o homem teve coragem de fazer ao homem.

AS NOSSAS NOITES

Passados vinte dias de Ka-Be, dado que a minha ferida estava praticamente sarada, com muito desgosto da minha parte, tive alta.

A cerimónia é simples, mas traz consigo um doloroso e perigoso período de adaptação. Quem não dispõe de apoios especiais, à saída do Ka-Be, não é devolvido ao seu *Block* e ao seu *Kommando* anterior, mas é incorporado, segundo critérios desconhecidos para mim, numa outra barraca qualquer e destinado a outro trabalho qualquer. Mais, do Ka-Be sai-se nu; recebem-se roupas e sapatos «novos» (isto é, não os que se deixaram ao entrar), sobre os quais é preciso intervir com habilidade e cuidado para os adaptar à nossa pessoa, o que pressupõe trabalho e gastos. É preciso voltar a arranjar colher e faca; finalmente, e é esta a circunstância mais grave, passamos a ser intrusos num ambiente desconhecido, entre companheiros nunca vistos antes e hostis, com chefes de que não conhecemos o carácter e dos quais, portanto, é difícil defendermos-nos.

A faculdade humana de cavar um nicho para si, de segregar uma carapaça, de levantar à sua volta uma ténue barreira de defesa, mesmo em circunstâncias aparentemente desesperadas, é espantosa e mereceria um estudo aprofundado. Trata-se de uma preciosa actividade de adaptação, em parte passiva e inconsciente, em parte activa: pregar um prego por cima da cama para pendurar os sapatos à noite; estipular pactos tácitos de não-agressão com os vizinhos; intuir e aceitar os hábitos e as leis de cada *Kommando* e de cada *Block*. Graças a esta actividade, passadas algumas semanas, consegue-se alcançar um certo equilíbrio, um certo grau de segurança perante os imprevistos: construiu-se um ninho, o trauma da transferência está ultrapassado.

Mas o homem que sai do Ka-Be, nu e quase sempre insuficientemente curado, sente-se projectado para a escuridão e para o gelo do espaço sideral. As calças caem-lhe, os sapatos magoam-no, a camisa não tem botões. Procura um contacto humano e encontra apenas costas viradas. Está desarmado e vulnerável como um recém-nascido, porém de manhã terá de se pôr em marcha para o trabalho.

Encontro-me nestas condições quando o enfermeiro, depois dos vários ritos administrativos da praxe, me confia aos cuidados do *Block dltelster* do *Block 45*. Mas imediatamente um pensamento me enche de alegria: tive sorte, trata-se do *Block* de Alberto!

Alberto é o meu melhor amigo. Tem apenas vinte e dois anos, menos dois do que eu, mas nenhum dos italianos demonstrou capacidades de adaptação como ele. Alberto entrou no *Lager* de cabeça erguida, e vive no *Lager* incólume e incorrupto. Foi o primeiro a perceber que esta vida é uma guerra; não concedeu a si próprio qualquer indulgência, não perdeu tempo a recriminar e a compadecer-se de si mesmo e dos outros, mas desde o primeiro dia foi à luta. Animam-no a inteligência e o instinto, raciocina correctamente, em muitos casos não raciocina, o que também está correcto. Percebe tudo à primeira: só conhece, e mal, um pouco de francês, mas entende o que lhe dizem alemães e polacos. Responde em italiano e com gestos, consegue fazer-se entender e ganha imediatamente a simpatia dos outros. Luta pela sua vida, mas mesmo assim é amigo de todos. «Sabe» quem deve corromper, quem deve evitar, quem pode apiedar-se, a quem deve resistir.

Porém (é por esta sua virtude que ainda hoje a sua memória é para mim querida e viva), não se tornou cínico. Sempre reconheci, e ainda reconheço nele, a rara figura do homem forte e bondoso, contra o qual se quebram as armas da noite.

Mas não consegui ser destinado à mesma cama e também Alberto não o conseguiu, embora no *Block 45* goze já de uma certa popularidade. É pena, porque ter um companheiro de cama em quem confiar, ou pelo menos com quem podemos entender-nos, é uma vantagem inestimável; para além disso, agora é Inverno, as noites são longas e, visto que somos obrigados a trocar suor, cheiro e calor com alguém, debaixo do mesmo cobertor e em setenta centímetros de largura, seria muito desejável que se tratasse de um amigo.

No Inverno, as noites são longas, e para o sono é-nos concedido um intervalo de tempo considerável.

O barulho dos *Block* apaga-se devagar; há mais de uma hora que acabou a distribuição do rancho da noite, e só alguns teimosos persistem em raspar o fundo já limpo da marmita, voltando-a minuciosamente debaixo da lâmpada, com as sobranceiras franzidas pela atenção. O engenheiro Kardos vai de cama em cama medicar os pés feridos e os calos supurados: é o seu negócio; não há quem não renuncie facilmente a uma fatia de pão para que lhe aliviem o tormento das chagas pútridas, que sangram a cada passo durante todo o dia, e deste modo, honestamente, o engenheiro Kardos encontrou uma solução para o problema da sua sobrevivência.

Da pequena porta das traseiras, às escondidas e olhando em redor com cuidado, entrou o contador de histórias. Sentou-se na cama de Wachsmann, e imediatamente se reuniu à sua volta uma pequena multidão atenta e silenciosa. Canta uma infundável rapsódia lídice, sempre a mesma, em quadras rimadas, de uma melancolia resignada e penetrante (ou talvez assim me lembre dela por a ter ouvido naquela altura e naquele lugar?); das poucas palavras que entendo, deve tratar-se de uma canção de sua autoria, onde incluiu toda a vida do *Lager*, nos mais pequenos pormenores. Alguém é generoso e compensa o contador de histórias com uma pitada de tabaco ou um pouco de linha de coser; outros escutam com atenção, mas não lhe dão nada.

Ecoa ainda o aviso repentino para a última operação do dia: – *Wer hat kaputt die Schuhe?* – (Quem tem os sapatos rotos?), e imediatamente se desencadeia o barulho dos quarenta ou cinquenta aspirantes à troca, os quais se apressam para o *Tagesraum*

com fúria desesperada, sabendo bem que só os primeiros dez, na melhor das hipóteses, serão satisfeitos.

Depois cai o silêncio. A luz apaga-se uma primeira vez, durante poucos segundos, avisando os costureiros para que guardem as preciosíssimas agulha e linha; a seguir, toca ao longe o sino, e é então que toma lugar o guarda da noite e todas as luzes se apagam definitivamente. Não resta mais do que despir-se e dormir.

Não sei quem é o meu vizinho; nem sequer tenho a certeza de que se trate sempre da mesma pessoa, porque nunca lhe vi a cara a não ser durante alguns instantes na confusão do despertar, de forma que conheço muito melhor as suas costas e os seus pés do que a sua cara. Não trabalha no meu *Kommando* e vem para a cama só no momento do silêncio; embrulha-se no cobertor, empurra-me de lado com um golpe das ancas ossudas, vira-se de costas para mim e começa logo a ressonar. Costas contra costas, procuro conquistar uma superfície razoável de enxergão; faço com os rins uma pressão progressiva contra os seus rins, depois viro-me e tento empurrar com os joelhos, agarro-lhe os tornozelos e tento deslocá-los um pouco, de forma a não ter os seus pés junto da minha cara, mas é inútil: ele é muito mais pesado do que eu e parece petrificado pelo sono.

Então, resigno-me a deitar-me assim, obrigado a ficar imóvel, com metade do corpo no rebordo de madeira. Todavia, estou tão cansado e aturdido, que em pouco tempo também deslizo no sono, e parece-me estar a dormir nos carris do comboio.

O comboio está a chegar; ouve-se o ofegar da locomotiva, que é o meu vizinho. Não estou ainda num sono tão profundo que não me aperceba da dupla natureza da locomotiva. Trata-se precisamente da locomotiva que puxava hoje na Buna os vagões que nos mandaram descarregar; reconheço-a porque também agora, como quando passou perto de nós, se sente o calor que se liberta das suas paredes pretas. Deita fumo, está cada vez mais próxima, está sempre prestes a atropelar-me, e, pelo contrário, nunca chega. O meu sono é muito leve, é um véu; se quiser, rasgo-o. Sim, quero rasgá-lo, assim poderei tirar-me dos carris. Quis mesmo, e agora estou acordado: mas não totalmente acordado, só um pouco mais acordado, no degrau superior da escada entre a inconsciência e a consciência. Tenho os olhos fechados e não quero abri-los para não deixar escapar o sono, mas posso ouvir os barulhos: este apito longínquo, tenho a certeza de que é verdadeiro, não provém da locomotiva sonhada, ecoou objectivamente: é o apito da Decauville, provém da obra que trabalha também de noite. Uma longa nota firme, depois outra mais baixa de um semitom, a seguir de novo a primeira, mas breve e cortada. Este apito é uma coisa importante e, de certo modo, essencial; tantas vezes o ouvimos, associado ao sofrimento do trabalho e do campo, que se tornou o seu símbolo e evoca directamente a sua representação, como acontece com certas músicas e com certos cheiros.

Surgem a minha irmã, alguns amigos meus não identificados e muito mais gente. Todos estão a ouvir-me, enquanto conto precisamente isto: o silvo em três notas, a cama dura, o meu vizinho que queria afastar mas que tenho medo de acordar porque é mais forte do que eu. Falo pormenorizadamente também da nossa fome, do controlo dos piolhos e do *Kapo* que me bateu no nariz e a seguir ordenou que fosse lavar-me porque sangrava. É um prazer imenso, físico, inefável, estar na minha casa, entre

peças amigas, e ter tantas coisas para contar; mas não posso deixar de me aperceber de que os meus ouvintes não prestam atenção. Pelo contrário, são totalmente indiferentes: falam confusamente de outras coisas entre si, como se eu não estivesse lá. A minha irmã olha para mim, levanta-se e vai-se embora sem dizer nada.

Então, nasce dentro de mim uma pena desoladora, como certas dores, de que mal nos lembramos, da primeira infância: é uma dor no seu estado puro, não temperada pelo sentido da realidade e pela intrusão de circunstâncias estranhas, parecida com as que fazem chorar as crianças; e é melhor para mim voltar mais uma vez à superfície, mas desta vez abro os olhos deliberadamente, para ter diante de mim a garantia de estar efectivamente acordado.

O sonho está à minha frente, ainda vivo, e eu, apesar de acordado, continuo cheio da angústia que me provocou: lembro-me então de que não é um sonho qualquer, mas que já o sonhei desde que me encontro aqui, não uma mas muitas vezes, com poucas variações de ambiente e de pormenores. Agora já estou completamente lúcido, e lembro-me também de o ter já contado a Alberto, que me confessou, com espanto meu, que também é o sonho dele, e o sonho de muitos outros, talvez de todos. Porque é que acontece isto?, porque é que a dor de todos os dias se traduz nos nossos sonhos tão constantemente, na cena mil vezes repetida de estarmos a contar e não sermos ouvidos?

... Enquanto estou a meditar, procuro aproveitar o intervalo da vigília para sacudir de cima de mim os resíduos de angústia do sopor anterior, de forma a não comprometer a qualidade do sono seguinte. Aninho-me na escuridão, olho em meu redor, escutando.

Ouvem-se respirar e ressonar os que estão a dormir, alguns gemem e falam. Muitos fazem estalar os lábios e mexem os maxilares. Sonham que estão a comer: também este é um sonho colectivo. É um sonho impiedoso; quem criou o mito de Tântalo devia conhecê-lo. Não só se vêem os alimentos, mas sentem-se nas mãos, distintos e concretos, reconhece-se o cheiro rico e violento; alguém os aproxima de nós até aos lábios, depois uma circunstância qualquer, sempre diferente, faz com que o acto não se cumpra. Então, o sonho desfaz-se e divide-se nos seus elementos, mas recompõe-se logo a seguir e recomeça parecido e mudado; e tudo isto sem tréguas, para cada um de nós, todas as noites e durante todo o tempo que dura o sono.

Deve passar das vinte e três horas, pois já há um intenso vaivém até ao balde, ao pé do guarda da noite. E um tormento obscuro e uma vergonha indelével: de duas em duas, de três em três horas, temos de levantar-nos, para nos libertarmos da grande dose de água que de dia somos obrigados a absorver sob a forma de sopa, para satisfazer a fome; é a mesma água que de noite nos incha os tornozelos e as olheiras, conferindo a todas as fisionomias um aspecto deformado, e cuja eliminação impõe aos rins um trabalho desgastante.

Não se trata só da procissão ao balde; está prescrito que o último utente do balde vá esvazia-lo na latrina; está prescrito também que de noite não se sai da barraca a não ser em traje de dormir (camisa e cuecas), após a entrega do nosso número ao guarda. Por consequência, é fácil de prever que o guarda da noite procurará exonerar do serviço os seus amigos, os seus compatriotas e os proeminentes; acrescente-se ainda

que os velhos do campo de tal maneira afinaram os seus sentidos, que, embora ficando nas suas camas, estão milagrosamente em condições de perceber, só pelo som das paredes do balde, se o nível está ou não no limite de perigo, pelo que conseguem quase sempre escapar à operação de esvaziamento. Por isso, os candidatos ao serviço do balde são, em cada barraca, um número bastante limitado, enquanto os litros totais a eliminar são pelo menos duzentos, e o balde tem de ser esvaziado umas vinte vezes.

Concluindo, é bastante grave o risco que paira sobre nós, inexperientes e não privilegiados, todas as noites, quando a necessidade nos empurra para o balde. De repente, o guarda da noite aparece do seu canto e agarra-nos, escrevinha o nosso número, entrega-nos um par de socas de madeira e o balde, e atira-nos para fora no meio da neve, trementes e cheios de sono. Não nos resta senão arrastar-nos até à latrina, com o balde enjoativamente quente a bater contra as pernas nuas; está cheio para além de qualquer limite razoável e, inevitavelmente, com os solavancos, uma parte entorna-se sobre os nossos pés, de forma que, apesar de repugnante, é sempre preferível sermos nós a cumprir esta função que o nosso vizinho de cama.

Assim se arrastam as nossas noites. O sonho de Tântalo e o sonho do conto inserem-se numa teia de imagens mais indistintas: o sofrimento do dia, feito de fome, pancadas, frio, fadiga, medo e promiscuidade, transforma-se de noite em pesadelos sem forma, de uma indescritível violência, que na vida livre acontecem somente nas noites de febre. Acorda-se a cada instante, gelado pelo terror, com um sobressalto de todos os membros, sob a impressão de uma ordem gritada por uma voz cheia de ira, numa língua incompreensível. A procissão do balde e o barulho dos calcanhares nus na madeira do chão transformam-se numa outra procissão simbólica: somos nós, cinzentos e idênticos, pequenos como formigas e grandes até às estrelas, apinhados uns contra os outros, espalhados por toda a planície até ao horizonte; às vezes fundidos numa única substância, uma massa angustiante em que nos sentimos envigados e sufocados; às vezes numa marcha circular, sem início nem fim, com uma vertigem obcecante e um mar de enjoo que sobe dentro de nós dos precórdios à garganta; até que a fome, ou o frio, ou a bexiga cheia dirigem os sonhos para dentro dos esquemas habituais. Procuramos em vão, quando o próprio pesadelo ou o desconforto nos acordam, distinguir os elementos e empurra-los separadamente para fora da área de atenção actual, de forma a defender o sono da sua intrusão: mal os olhos voltem a fechar-se, mais uma vez sentimos que o nosso cérebro se põe a trabalhar independentemente da nossa vontade; bate e zumba, incapaz de repousar, fabrica fantasmas e sinais terríveis, e desenha-os e agita-os sem parar num nevoeiro cinzento no ecrã dos sonhos.

Mas durante toda a noite, através de todas as alternâncias de sono, de vigília e de pesadelo, vigiam a espera e o terror do momento de despertar: graças à misteriosa faculdade que muitos conhecem, o homem é capaz, mesmo sem relógios, de prever o momento exacto com grande aproximação. Na hora de despertar, que varia conforme a época do ano, mas que surge sempre muito antes do amanhecer, toca demoradamente o sino do campo, e é então, em todas as barracas, que o guarda da noite acaba o seu turno: acende as luzes, levanta-se, espreguiça-se e pronuncia a condenação de todos os dias: – *Aufstehen* – ou mais frequentemente em polaco: – *Wstawać*.

Muito poucos esperam o *Wstawać* dormindo: é um momento de sofrimento tão

intenso, que até o sono mais profundo se dissolve ao seu aproximar-se. O guarda da noite sabe-o, e é por isso que não o pronuncia em tom de comando, mas com voz calma e baixa, como de quem sabe que o anúncio encontrará todos os ouvidos preparados e será escutado e cumprido.

A palavra estrangeira cai como uma pedra no fundo de todas as almas. «Levantar-se»; a efêmera barreira dos cobertores quentes, a leve couraça do sono, a evasão nocturna, apesar de atormentada, caem em pedaços à nossa volta, e encontramos-nos acordados sem remissão, expostos à ofensa, atrozmente nus e vulneráveis. Começa um dia como todos os dias, a tal ponto longo que não se pode razoavelmente conceber o seu fim, de que nos separam tanto frio, tanta fome, tanta fadiga; pelo que é melhor concentrar a atenção e o desejo no pedaço de pão cinzento, que é pequeno, mas dentro de uma hora será certamente nosso, e durará cinco minutos, e, enquanto o não tivermos devorado, constituirá tudo o que a lei daquele lugar nos permite possuir.

Ao som do *Wstawaé*, recomeça a tempestade. Toda a barraca entra bruscamente em actividade frenética: cada um mexe-se para cima e para baixo, faz a cama e simultaneamente procura vestir-se, de forma a não deixar nenhum dos seus objectos ao alcance dos outros; a atmosfera enche-se de pó até se tornar baça; os mais despachados abrem caminho à cotovelada para alcançar o lavatório e a latrina antes que a bicha se forme. Imediatamente aparecem os varredores, que obrigam todos a saírem, à pancada e aos gritos.

Depois de ter feito a cama e de me ter vestido, desço para o chão e calço os sapatos. Então, reabrem-se as chagas dos meus pés, e começa um novo dia.

O TRABALHO

Antes de Rink, dormia comigo um polaco de que ninguém sabia o nome; era tranquilo e silencioso, tinha duas velhas chagas nas tíbias e de noite exalava um cheiro repugnante de doença; era também fraco da bexiga, e por isso acordava, e acordava-me, oito ou dez vezes por noite.

Uma noite, confiou-me as suas luvas e entrou para o hospital. Durante meia hora, acalentei a esperança de que o escriturário se esquecesse que ficara sozinho a ocupar a minha cama, mas, já depois de ter tocado a silêncio, a cama tremeu, e um tipo comprido e vermelho, com o número dos franceses de Dranca, trepou até ao meu lado.

Ter um companheiro de cama de estatura alta é uma desgraça, significa perder horas de sono; e a mim cabem-me sempre companheiros altos, porque eu sou pequeno e não podem dormir juntas duas pessoas altas. Mas viu-se logo que Rink, apesar disso, não era um mau companheiro. Falava pouco e com um tom amável, era limpo, não ressonava, só se levantava duas ou três vezes por noite e sempre com muito cuidado. De manhã, ofereceu-se para fazer a cama (esta é uma operação complicada e cansativa e, além disso, comporta uma grande responsabilidade, pois os que fazem mal a cama, os « *schlechte Bettenbauer* », são zelosamente punidos) e fê-la rapidamente e bem; de forma que senti um certo prazer fugaz ao ver, mais tarde na Praça da Chamada, que fora destinado ao meu *Kommando*.

Durante a marcha para o trabalho, cambaleando com as socas grossas na neve gelada, trocámos algumas palavras, e soube que Resnyk é polaco; viveu durante vinte anos em Paris, mas fala um francês incrível. Tem trinta anos, mas, como a todos nós, poderia dar-se-lhe entre dezassete e cinquenta. Contou-me a sua história, que hoje já esqueci, mas era certamente uma história dolorosa, cruel e comovente; pois que assim são todas as nossas histórias, centenas de milhares de histórias, todas diferentes e todas cheias de uma trágica e surpreendente necessidade. Contamo-las uns aos outros à noite; aconteceram na Noruega, em Itália, na Argélia, na Ucrânia, e são simples e incompreensíveis como as histórias da Bíblia. E não são, elas próprias, histórias de uma nova Bíblia?

Uma vez chegados à obra, conduziram-nos para a *Eisenröhreplatz*, que é o terreiro onde se descarregam os tubos de ferro; depois, tudo correu como habitualmente. O

Kapo fez de novo a chamada, tomou nota rapidamente do recém-chegado, definiu com o *Meister* civil o trabalho do dia. Depois confiou-nos ao *Vorarbeiter* e foi dormir para a barraca das ferramentas, junto ao aquecimento; não é um *Kapo* que incomode, porque não é judeu e não tem medo de perder o lugar. O *Vorarbeiter* distribuiu as alavancas de ferro a nós e os macacos aos seus amigos; deu-se a habitual pequena luta para conquistar as alavancas mais leves, e hoje correu mal para mim, a minha é aquela torta, que pesa à volta de quinze quilos; sei que, mesmo utilizando-a sem pesos, passada meia hora estarei morto de cansaço.

Depois fomo-nos embora, cada um com a sua alavanca, coxeando na neve derretida. A cada passo, um pouco de neve e de lama adere às nossas solas de madeira, até que se passa a caminhar sem estabilidade sobre duas pesadas massas informes de que não conseguimos libertar-nos; de repente, uma delas cai, e então é como se uma perna fosse um palmo mais curta que a outra. Hoje, temos de descarregar do vagão um enorme cilindro de ferro fundido; julgo tratar-se de um tubo de síntese, deve pesar várias toneladas. Para nós é melhor, porque é sabido que se trabalha menos com as grandes cargas do que com as pequenas; de facto, o trabalho é mais dividido e são-nos concedidas ferramentas adequadas; todavia, estamos em perigo, é preciso não nos distrairmos nunca, basta uma distracção de um segundo e podemos ser esmagados.

Meister Nogalla, pessoalmente, o mestre-de-obras polaco, rijo, sério e taciturno, vigiou a operação de descarregamento. Agora, o cilindro está no chão e *Meister* Nogalla diz: – *Bohlen holen*.

Os nossos corações apertam-se. Significa «trazer dormentes» para construir na lama mole o caminho sobre o qual o cilindro será empurrado com as alavancas até ao interior da fábrica. Mas os dormentes estão enterrados no solo e pesam oitenta quilos; atingem mais ou menos o limite das nossas forças. Os mais robustos conseguem, trabalhando aos pares, levantar dormentes durante algumas horas; para mim, é uma tormenta, a carga aleija-me o osso do ombro, depois da primeira viagem estou surdo e quase cego pelo esforço, e cometeria qualquer infâmia para me subtrair à segunda.

Vou tentar formar par com Resnyk, que parece um bom trabalhador, e, além disso, sendo de estatura alta, irá suportar a maior parte do peso. Sei que está na ordem das coisas que Resnyk se recuse altivamente a trabalhar comigo, e procure formar par com outro indivíduo robusto; nesse caso, vou pedir para ir à latrina, demorando-me o mais possível, depois vou tentar esconder-me com a certeza de ser imediatamente encontrado, gozado e espancado; mas qualquer outra coisa é melhor do que este trabalho.

Mas não é isso que se irá passar: Resnyk não só aceita, como levanta sozinho o dormente e apoia-o no meu ombro direito com precaução; depois levanta a outra extremidade, põe por debaixo dela o seu ombro esquerdo e partimos.

O dormente está cheio de crostas de neve e lama, a cada passo bate contra a minha orelha e a neve desliza-me para o pescoço. Depois de uns cinquenta passos, estou no limite do que se costuma chamar a normal suportaçāo: os joelhos dobram-se, o ombro dói como se estivesse apertado num torno, o equilíbrio está em perigo. A cada passo, sinto os sapatos chupados pela lama faminta, por esta lama polaca omnipresente cujo horror monótono preenche os nossos dias.

Mordo os lábios com força; todos sabemos que provocar uma pequena dor estranha serve de estímulo para mobilizar as reservas extremas de energia. Também os *Kapos* o sabem: alguns batem-nos por mera malvadez e violência, mas outros há que o fazem quando estamos debaixo da carga, quase com amabilidade, acompanhando as pancadas com exortações e encorajamentos, como os carroceiros com os cavalos zelosos.

Chegados ao pé do cilindro, descarregamos o dormente no chão, e eu fico imóvel, com os olhos vazios, a boca aberta e os braços caídos, mergulhado no êxtase efêmero e negativo da cessação da dor. Num crepúsculo de esgotamento, espero o empurrão que me obrigará a retomar o trabalho, e procuro aproveitar cada segundo de espera para recuperar alguma energia.

Mas o empurrão não chega; Resnyk bate-me de leve no cotovelo e voltamos para os dormentes o mais devagar possível. Lá em baixo movimentam-se os outros, aos pares, todos procurando demorar o mais possível antes de se submeterem à carga.

– *Allons, petit, attrape.* – Este dormente está seco e é um pouco mais leve, mas no fim da segunda viagem apresento-me ao *Vorarbeiter* e peço para ir à latrina.

Temos a vantagem de que a nossa latrina é bastante longe; isso autoriza-nos, uma vez por dia, a ficarmos ausentes um pouco mais prolongadamente do que é habitual, e, dado que é proibido ir à retrete sozinho, Wachsmann, o mais fraco e desajeitado do *Kommando*, foi incumbido do cargo de *Scheissbegleiter*, «acompanhante às latrinas»; Wachsmann, graças a esta nomeação, é responsável por uma nossa hipotética (hipótese ridícula!) tentativa de fuga e, mais realisticamente, por qualquer atraso nosso.

O meu pedido foi aceite e afasto-me na lama, na neve cinzenta e entre os escombros metálicos, escoltado pelo pequeno Wachsmann. Com ele, não consigo entender-me, pois não temos qualquer língua em comum; mas os seus companheiros disseram-me que é rabino, ou melhor, um Melamed, um sábio da Tora; mais, na sua terra, na Galé-cia, tinha fama de curandeiro e de taumaturgo. Não tenho dificuldade em acreditar, considerando como consegue, sendo tão franzino, frágil e dócil, trabalhar há dois anos sem adoecer e sem morrer, movido por uma surpreendente vitalidade de olhar e de palavra, pelo que passa longos serões a discutir com Mendi, que é um rabino modernista, questões talmúdicas em iídiche e em hebraico, que ninguém percebe.

A latrina é um oásis de paz. É uma latrina provisória, que os alemães ainda não apetrecharam com os habituais tapumes de madeira que separam os vários sectores: «*Nur für Engländer*», «*Nur für Polen*», «*Nur für Ukrainische Frauen*» e assim por diante, e, um pouco afastado dos outros, «*Nur für Häftlinge*».

No interior, ombro contra ombro, estão sentados quatro *Häftlinge* famintos; um velho e barbudo operário russo com a faixa azul OST no braço esquerdo; um rapaz polaco, com um grande P branco nas costas e no peito; um prisioneiro militar inglês, com o rosto esplendidamente barbeado e rosado, com a farda de aqui impecável, passada a ferro e limpa, à parte a grande marca KG (*Kriegsgefangener*) nas costas. Um quinto *Häftling* está à entrada e, a cada civil que chega tirando o cinto, pergunta paciente e monótono: – Êtes-vous français?

Quando volto para o trabalho, vêem-se passar os camiões do rancho, o que significa que são dez horas, o que é uma hora já respeitável, dado que a pausa do meio-dia já se desenha no nevoeiro do futuro remoto e nós podemos começar a recuperar

energias com a espera.

Faço mais duas ou três viagens com Resnyk, procurando com todo o cuidado, mesmo chegando até aos montões mais longínquos, encontrar dormentes mais leves, mas todos os melhores já foram transportados, e só ficaram os outros atrozes, com os cantos aguçados, pesados pela lama e pelo gelo, que trazem pregadas as placas metálicas que servem para adaptar os carris.

Quando Franz vem chamar Wachsmann para ir buscar o rancho, quer dizer que são onze horas, a manhã está quase acabada, e ninguém pensa na tarde. Depois, há o regresso da faxina às onze e meia, e o interrogatório habitual, quanta sopa hoje e de que qualidade, se nos calhou do início ou do fundo da tina; eu esforço-me para não fazer perguntas, mas não consigo impedir-me de esticar avidamente o ouvido para saber, e o nariz para o fumo que chega da cozinha com o vento.

E, finalmente, como um meteoro celeste, sobre-humano e impessoal como um sinal divino, a sirene do meio-dia explode para satisfazer os nossos cansaços e as nossas fomes anónimas e concordes. E de novo acontecem as coisas habituais: todos corremos para a barraca, pomo-nos na bicha com as marmitas estendidas, e todos temos uma pressa animalesca de encher as vísceras com o caldo quente, mas ninguém quer ser o primeiro, pois ao primeiro calha a ração mais líquida. Como de costume, o *Kapo* goza-nos e insulta-nos pela nossa voracidade, e evita com todo o cuidado mexer na marmita, pois o fundo fica, como é sabido, para ele. Depois chega a beatitude (positiva e visceral) da desconstracção e do calor na barriga e na barraca em volta do aquecimento roncante. Os fumadores, com gestos avarentos e piedosos, enrolam um magro cigarro, e as roupas, molhadas de lama e de neve, fumegam densas à chama do aquecimento, com um cheiro a canil e a rebanho.

Uma tácita convenção impõe que ninguém fale; num minuto, estão todos a dormir, apinhados cotovelo contra cotovelo, caindo de repente para a frente e retomando a posição normal com um enrijamento das costas. Por detrás das pálpebras mal fechadas, irrompem os sonhos com violência, e também estes são os sonhos habituais. Estarmos em nossas casas, num maravilhoso banho quente. Estarmos em nossas casas sentados à mesa. Estarmos em casa e contarmos este nosso trabalhar sem esperança, este nosso constante ter fome, este nosso dormir de escravos.

Depois, entre os vapores das digestões, condensa-se um núcleo doloroso, espicaçamos, cresce até ultrapassar o limiar da consciência e tira-nos a alegria do sono. «*Es wird bald ein Uhr sein*»: é quase uma hora. Algo parecido com um cancro rápido e voraz mata o nosso sono e aperta-nos numa angústia prévia: viramos os ouvidos para o vento que assobia lá fora e para o bater leve da neve contra o vidro, «*es wird schnell ein Uhr sein*». Enquanto cada um se agarra ao sono, para que não nos abandone, todos os sentidos estão virados para o horror do sinal que está para chegar, que está fora da porta, que está aqui...

Ei-lo. Um toque no vidro, *Meister* Nogalla lançou contra a janelinha uma bola de neve, e agora está de pé lá fora e segura o relógio com o mostrador virado para nós. O *Kapo* levanta-se, espreguiça-se e diz, em voz baixa, como quem não duvida de que lhe obedecem: – *Alles heraus* – todos para fora.

Se pudéssemos chorar! Se pudéssemos enfrentar o vento como fazíamos outrora, de igual para igual, não como aqui, como vermes sem alma!

Estamos no exterior, e cada um retoma o seu trabalho. Resnyk encolhe a cabeça entre os ombros, enfia o boné até às orelhas e levanta a cara para o céu baixo e cinzento em que redemoinha a neve inexorável: – *Si j’avey une chien, je ne le chasse pas dehors.*

UM BOM DIA

A persuasão de que a vida tem uma finalidade está enraizada em todas as fibras do homem, é uma propriedade da substância humana. Os homens livres dão a esta finalidade muitos nomes, e sobre a sua natureza muito se debruçam e discutem; mas para nós a questão é mais simples.

Agora e aqui, a nossa finalidade é chegar à Primavera. Neste momento, nada mais nos preocupa. Por detrás desta meta, neste momento, não há outra meta. De manhã, quando, em fila na Praça da Chamada, esperamos durante um tempo interminável a hora de partir para o trabalho, e cada sopro de vento penetra por debaixo das nossas roupas e corre em arrepios violentos pelos nossos corpos sem defesa, e tudo em volta está cinzento, e nós próprios estamos cinzentos; de manhã, ainda antes de o dia chegar, todos observamos o céu do lado do Oriente para espiar os primeiros indícios da estação amena, e o nascer do Sol é todos os dias comentado: hoje foi um pouco mais cedo do que ontem; hoje está um pouco mais de calor do que ontem; dentro de dois meses, dentro de um mês, o frio dar-nos-á tréguas e teremos um inimigo a menos.

Hoje, pela primeira vez, o Sol nasceu vivo e nítido por cima do horizonte lamacento. É um sol polaco, frio, branco e longínquo, e não consegue aquecer para além da epiderme; mas, quando se libertou das últimas neblinas, um murmúrio percorreu a massa descorada que somos e, quando eu também senti a tepidez através da roupa, compreendi como se pode adorar o Sol.

– *Das Schlimmste ist vorüber* – diz Ziegler estendendo para o Sol os ombros ossudos: o pior já passou. Ao nosso lado está um grupo de gregos, destes admiráveis e terríveis judeus Saloniki tenazes, larápios, sábios, ferozes e solidários, tão determinados a viver e adversários tão cruéis na luta pela vida; desses gregos que prevaleceram, nas cozinhas e nas obras, e que até os alemães respeitam e os polacos receiam. Estão no terceiro ano de campo, e ninguém melhor do que eles sabe o que é o campo; agora estão fechados num círculo, ombro contra ombro, e cantam uma das suas intermináveis cantilenas.

Felício, o grego, conhece-me: – *L'année prochaine à la maison!* – grita-me, e acrescenta: – *À la maison par la Cheminée!* – Felício esteve em Birkenau. E continuam a cantar, e batem os pés ritmadamente, e embebedam-se de cantigas.

Quando finalmente saímos pela grande porta do campo, o Sol estava bastante alto

e o céu sereno. Viam-se a sul as montanhas; a poente, familiar e incongruente, a torre sineira de Auschwitz (uma torre sineira, aqui!) e a toda a volta os balões cativos da barragem antiaérea. Os fumos da Buna estagnavam no ar frio, e via-se também uma fila de colinas baixas, cobertas de florestas verdes: o nosso coração ficou apertado, pois todos sabemos que aí é Birkenau, que para lá foram as nossas mulheres, e cedo também nós lá iremos parar: mas não estamos habituados a vê-lo.

Pela primeira vez, apercebemo-nos de que também aqui, nas bermas da estrada, os prados são verdes: pois, se não há sol, é como se um prado não fosse verde.

A Buna, não: a Buna é desesperada e essencialmente baça e cinzenta. Este emaranhado infundável de ferro, de cimento, de lama e de fumo é a negação da beleza. As suas ruas e os seus edifícios chamam-se como nós, com números ou com letras, ou então com nomes desumanos e sinistros. Dentro da sua cerca, não cresce um fio de relva e a terra está impregnada dos resíduos venenosos do carvão e do petróleo, e nada mais há de vivo a não ser máquinas e escravos: e aquelas mais vivas do que estes.

A Buna é grande como uma cidade; nela trabalham, para além dos dirigentes e técnicos alemães, quarenta mil estrangeiros, nela falam-se quinze ou vinte línguas diferentes. Todos os estrangeiros vivem em vários *Lager*, que circundam a Buna: o *Lager* dos prisioneiros de guerra ingleses, o *Lager* das mulheres ucranianas, o *Lager* dos franceses voluntários e outros que não conhecemos. O nosso *Lager* (*Judenlager*, *Vernichtungslager*, *Kazett*) fornece sozinho dez mil trabalhadores, provenientes de todas as nações da Europa; e nós somos os escravos dos escravos, a quem todos podem dar ordens, e o nosso nome é o número que trazemos tatuado no braço e cosido no peito.

A Torre do Carburato, que surge no meio da Buna e cujo cume raramente se vê no meio do nevoeiro, fomos nós que a construímos. Os seus tijolos foram chamados *Ziegel*, *briques*, *tegula*, *cegli*, *kamenny*, *bricks*, *téglak*, e foram cimentados pelo ódio; o ódio e a discórdia, como na Torre de Babel, e é assim que a chamamos: *Babelturm*, *Bobelturm*; e odiamos nela o sonho demencial de grandeza dos nossos patrões, o seu desprezo por Deus e pelos homens, por nós homens.

E ainda hoje, como no conto antigo, nós todos sentimos, e os próprios alemães sentem, que uma maldição, não transcendente e divina, mas imanente e histórica, paira sobre essa construção provocatória, alicerçada na confusão das linguagens e erigida a desafiar o céu como uma blasfémia de pedra.

Como se dirá mais adiante, da fábrica da Buna, em volta da qual durante quatro anos os alemães se movimentaram, e na qual inúmeros de nós sofreram e morreram, nunca saiu um quilo de borracha sintética.

Mas hoje as poças eternas, sobre as quais treme um véu irisante de petróleo, reflectem o céu sereno. Tubos, trave, caldeiras, ainda frios pelo gelo da noite, estão a pingar orvalho. A terra mexida das escavações, os montes de carvão, os blocos de cimento, exalam numa neblina ligeira a humidade do Inverno.

Hoje, é um bom dia. Olhamos em redor, como cegos que readquiriram a vista, e olhamos uns para os outros. Nunca nos tínhamos visto ao sol: alguém sorri. Se não fosse a fome!

Pois a natureza humana é feita de tal forma, que os sofrimentos e as dores que acontecem ao mesmo tempo não se somam inteiramente na nossa sensibilidade, mas

escondem-se, os menores atrás dos maiores, segundo uma lei prospectiva definida. Isto é providencial e permite-nos viver no campo. E é esta também a razão pela qual tantas vezes, na vida livre, se ouve dizer que o homem é insaciável: pelo contrário, mais do que de uma incapacidade humana para um estado de bem-estar absoluto, trata-se de um conhecimento sempre insuficiente da natureza complexa do estado de infelicidade, pelo que às suas causas, que são múltiplas e hierarquicamente dispostas, se dá um único nome: o da causa maior; até que esta venha eventualmente a faltar, e então fica-se dolorosamente surpreendido ao ver que atrás dela existe outra; e, na realidade, uma série de outras. Por isso, logo que o frio, que durante todo o Inverno nos parecera o único inimigo, cessou, apercebemo-nos de que tínhamos fome: e, repetindo o mesmo erro, assim hoje dizemos: «Se não fosse a fome!...»

Mas como se poderia pensar em não ter fome? O *Lager* é fome, nós próprios somos fome, fome viva.

Do outro lado da rua trabalha uma draga. As tenazes, suspensas pelos cabos, abrem os maxilares dentados, libertam-se por um instante como se hesitassem na escolha, depois atiram-se para a terra argilosa e fofa, e ferram vorazmente, enquanto da cabina de comando sai um sopro satisfeito de fumo branco e denso. Depois voltam a levantar-se, dão meia-volta, vomitam para trás o peso com que estão carregadas, e recomeçam. Apoiados às nossas pás, ficamos a olhar fascinados. A cada dentada das tenazes, as bocas entreabrem-se, as maçãs-de-adão dançam para cima e para baixo, miseravelmente visíveis por debaixo da pele mole. Não conseguimos desvincular-nos do espectáculo do repasto da draga.

Siga tem dezassete anos, e tem mais fome que qualquer outro, apesar de receber todas as noites um pouco de sopa de um protector, possivelmente não desinteressado. Começara por falar da sua casa de Viena e da mãe, mas a seguir deslizou para o tema da cozinha, e agora conta sem parar não sei que almoço nupcial e relembra, com saudade sincera, não ter acabado de comer o terceiro prato de feijão. Todos o mandam calar, mas não passam dez minutos e Bela está a descrever-nos a sua terra húngara, e os campos de milho, e uma receita para fazer a papa de milho doce, com a torrada, e o toucinho, e as especiarias, e... e é amaldiçoado, insultado, e um terceiro começa a contar... Como é fraca a nossa carne! Apercebo-me plenamente de quanto são inúteis estas fantasias da fome, mas não consigo escapar à lei comum e dança-me diante dos olhos o prato de massa que acabávamos de cozinhar, Vanda, Luciana, Franco e eu, em Itália, no campo de internamento, quando chegou de repente a notícia de que no dia seguinte íamos partir para aqui; e estávamos a come-la (estava tão boa, amarela, sólida) e parámos, nós parvos, nós inconscientes; se soubéssemos! Se voltasse a acontecer de novo... Absurdo; se há uma coisa certa no mundo, é exactamente esta: não voltará a acontecer de novo.

Fisher, o recém-chegado, tira do bolso um embrulho, feito com a minúcia dos húngaros, contendo meia ração de pão: metade do pão de hoje de manhã. É sobejamente sabido que apenas os Números Altos guardam no bolso o seu pão. Nenhum de nós, mais velhos, está em condições de guardar o pão durante uma hora. Circulam várias teorias para justificar esta nossa incapacidade: o pão comido um pouco de cada vez não é totalmente assimilado; a tensão nervosa necessária para conservar o pão, tendo fome, sem o partir, é prejudicial e altamente enfraquecedora; o

pão, ao secar, perde rapidamente o seu valor alimentar, pelo que, quanto antes se comer, tanto mais é nutritivo; Alberto diz que a fome e o pão no bolso são parcelas de sinal contrário, que se anulam entre si automaticamente e não podem coexistir no mesmo indivíduo; finalmente, a maioria afirma justamente que o estômago é o cofre mais seguro contra os roubos e as extorsões. – *Mói, no má jamais polé Mon paim!* – rosna David, batendo no estômago côncavo: mas não consegue tirar os olhos de Fisher que mastiga lenta e metodicamente, do «homem cheio de sorte» que ainda possui meia ração às dez horas da manhã: – *Sacre Veimar, vá!*

Mas não é só por causa do sol que hoje é um dia de alegria: ao meio-dia, uma surpresa espera-nos. Para além do rancho normal da manhã, encontramos na barraca uma maravilhosa marmita de cinquenta litros, da Cozinha da Fábrica, quase cheia.

Templer olha para nós com um ar triunfante: esta «organização» é obra dele.

Templer é o organizador oficial do nosso *Kommando*: tem uma sensibilidade requintada pela Sopa dos Civis, como as abelhas pelas flores. O nosso *Kapo*, que não é um *Kapo* mau, deixa-o actuar, e com razão: Templer parte, seguindo pistas imperceptíveis, como um perdigueiro, e volta com a preciosa notícia de que aos operários polacos do metanol, a dois quilómetros daqui, sobram quarenta litros de sopa porque sabia a ranço, ou que um vagão de nabos se encontra abandonado no carril morto da Cozinha da Fábrica.

Hoje, os litros são cinquenta, e nós somos quinze, incluindo o *Kapo* e o *Vorarbeiter*. São três litros por cabeça; um ser-nos-á dado ao meio-dia, para além do rancho normal; quanto aos outros dois, iremos por turnos, à tarde, à barraca, e excepcionalmente ser-nos-ão concedidos cinco minutos de interrupção do trabalho para encher o depósito.

Que mais se poderia desejar? Até o trabalho nos parece leve, com a perspectiva dos dois litros densos e quentes que nos esperam na barraca. Periodicamente, o *Kapo* vem ter connosco e chama: – *Wer hat noch zu fressen?*

E não o diz por derisão ou por escárnio, mas porque de facto este nosso comer de pé, furiosamente, queimando-nos a boca e a garganta, sem tempo para respirar, é «*fressen*», o comer dos animais, e não certamente «*essen*», o comer dos homens, sentados a uma mesa, religiosamente. «*Fressen*» é o termo apropriado, o que habitualmente usamos entre nós.

Meister Nogalla assiste, e fecha um olho diante da nossa ausência do trabalho. Também *Meister* Nogalla tem ar de ter fome e, se não fosse pelas conveniências sociais, talvez não recusasse um litro do nosso caldo quente.

Chega a vez de Templer, a quem, com um consenso plebiscitário, foram atribuídos cinco litros, tirados do fundo da marmita. Pois Templer, para além de bom organizador, é um comedor de sopa excepcional, e, caso único, é capaz de esvaziar o intestino, voluntária e preventivamente, em vista de uma refeição consistente: o que contribui para a sua espantosa capacidade gástrica.

Desta sua característica, anda justamente orgulhoso, e todos, até *Meister* Nogalla, o sabem. Acompanhado pela gratidão de todos, o benfeitor Templer fecha-se durante alguns instantes na latrina, sai radiante e pronto, e dirige-se, entre a benevolência geral, ao gozo do fruto da sua obra:

– *Nu, Templer, hast du Platz genug für die Suppe gemacht?*

Ao cair do Sol, toca a sirene do *Feierabend*, do fim do trabalho; e, estando todos saciados pelo menos durante umas horas, não surgem discussões, sentimo-nos bons, o *Kapo* não é levado a bater-nos, e estamos em condições de pensar nas nossas mães e nas nossas esposas, o que habitualmente não acontece. Durante umas horas, podemos ser infelizes à maneira dos homens livres.

AQUÉM DO BEM E DO MAL

Tínhamos uma tendência incorrigível para ver em cada acontecimento um símbolo e um sinal. Havia já setenta dias que esperávamos o Wäschetausche, isto é, a cerimónia da troca da roupa, e já circulava com insistência a voz de que a roupa faltava porque, devido ao avançar da frente, os alemães estavam impossibilitados de fazer chegar a Auschwitz novos transportes, e «portanto» a libertação estava próxima; e, paralelamente, circulava a interpretação oposta, que o atraso na troca era sinal certo de uma próxima liquidação integral do campo. Pelo contrário, a roupa chegou e, como era hábito, a direcção do *Lager* fez tudo para que a troca se desse de repente e simultaneamente em todas as barracas.

É preciso saber-se, com efeito, que no *Lager* o tecido falta e é precioso; e que a única maneira que temos para obter um pano para limpar o nariz, ou um trapo para os pés, é precisamente a de cortar um pedaço de camisa no momento da troca. Se a camisa tem as mangas compridas, cortam-se as mangas; caso contrário, contentam-nos com um rectângulo do fundo, ou descosemos um dos numerosos remendos. De qualquer forma, é preciso algum tempo para encontrar agulha e linha e para executar a operação com alguma habilidade, para que o prejuízo não seja demasiado evidente no acto da entrega. A roupa suja e esfarrapada passa, toda misturada, para a alfaiataria do campo, onde é sumariamente remendada, e depois para a desinfecção a vapor (não para a lavagem!), a fim de ser distribuída a seguir; por isso, para salvaguardar a roupa usada das mutilações acima referidas, as trocas tinham de acontecer da forma mais inesperada.

Mas, sempre conforme o hábito, não se pôde evitar que alguns olhos sagazes penetrassem por debaixo do toldo do carro que saía da desinfecção, pelo que foram suficientes poucos minutos para que o campo soubesse que estava iminente um *Wdschetauschen*, e ainda por cima que desta vez se tratava de camisas novas, provenientes de um transporte de húngaros chegado há três dias.

A notícia teve eco imediato. Todos os detentores abusivos de uma segunda camisa, roubada ou «organizada», ou até honestamente comprada com pão, para se protegerem do frio ou para investir capitais num momento de prosperidade, precipitaram-se para a Bolsa, na esperança de chegar a tempo para trocar por géneros de consumo a sua camisa de reserva antes que a vaga de camisas novas, ou a certeza da sua chegada,

desvalorizasse irreparavelmente o preço do artigo.

A Bolsa está sempre em grande actividade. Apesar de ser explicitamente proibida qualquer troca (ou melhor, qualquer forma de propriedade), e apesar de serem frequentes as rusgas de *Kapos* ou de *Blockdlteste* que, periodicamente, põem em debandada os mercadores, juntamente com clientes e curiosos, no canto nordeste do *Lager*, todavia (significativamente, o canto mais afastado das barracas dos SS), mal as equipas regressam do trabalho, estaciona permanentemente uma multidão tumultuosa, ao ar livre no Verão, dentro de um lavadouro no Inverno.

Por aqui vagueiam às dezenas, com os lábios semiabertos e os olhos a brilharem, os desesperados da fome, que um instinto enganador empurra para o lugar onde as mercadorias exibidas tornam mais agudo o tormento do estômago, e mais intensa a salivação. Possuem, no melhor dos casos, a mísera meia ração de pão que, com esforço doloroso, pouparam desde a manhã, com a esperança insensata de que se lhes apresente a ocasião de uma troca vantajosa com algum ingénuo, que não esteja a par das cotações do momento. Alguns deles, com uma paciência selvagem, adquirem com a meia ração um litro de sopa, que, afastados dos outros, submetem à extracção metódica dos poucos pedaços de batata que estão no fundo; feito isto, voltam a trocá-la por pão, e o pão por outro litro de sopa que irá ser desnaturada, e assim por diante, até ao esgotamento dos nervos, ou até que alguém, tendo sido prejudicado, ao surpreendê-los no acto de adulterar a sopa, lhes inflija uma severa lição, apontando-os à irrisão pública. Ao mesmo género pertencem os que vão à Bolsa para vender a sua única camisa; eles sabem bem o que irá acontecer na próxima ocasião, quando o *Kapo* constatar que estão nus debaixo do casaco. O *Kapo* irá perguntar-lhes o que fizeram com a camisa; trata-se de uma mera pergunta retórica, uma formalidade útil apenas para introduzir o argumento. Irão responder que a camisa lhes foi roubada no lavadouro; também esta resposta é da praxe, e não tem a pretensão de ser convincente; de facto, mesmo as pedras do *Lager* sabem que, em noventa e nove casos em cem, quem não tem camisa é porque a vendeu por fome, e que, por outro lado, somos responsáveis pela nossa camisa, porque ela pertence ao *Lager*. Então, o *Kapo* irá espancá-los, ser-lhes-á entregue outra camisa, e mais cedo ou mais tarde voltarão a fazer o mesmo.

Cada um no seu cantinho habitual, estacionam na Bolsa os mercadores profissionais; entre eles, primam os gregos; imóveis e silenciosos como esfinges, acorados no chão por detrás das marmitas de sopa densa, fruto do seu trabalho, das suas combinações e da sua solidariedade nacional. Os gregos estão reduzidos a muito poucos, mas trouxeram uma contribuição de primeira ordem à fisionomia do campo e à linguagem internacional que nele circula. Todos sabem que «*caravana*» é a marmita, e que «*la comedera es buena*» quer dizer que a sopa está boa; o vocábulo que exprime a ideia genérica de roubo é «*klepsi-klepsi*», de evidente origem grega. Estes escassos sobreviventes da colónia judaica de Salonica, com uma dupla linguagem, espanhola e helénica, e com múltiplas actividades, são os depositários de uma concreta, terrena e consciente sabedoria na qual confluem as tradições de todas as civilizações mediterrânicas. O facto de, no campo, esta sabedoria se resolver na prática sistemática e científica do roubo e do assalto aos cargos, e no monopólio da Bolsa das trocas, não deve levar-nos a esquecer que a sua repugnância pela brutalidade gratuita, a sua

surpreendente consciência da sobrevivência de uma dignidade humana pelo menos potencial, tornavam os gregos no *Lager* o núcleo nacional mais coerente, e, nestes aspectos, mais civilizado.

Na Bolsa, podes encontrar os especializados em roubos na cozinha com os casacos misteriosamente inchados. Enquanto para a sopa existe um preço praticamente estável (meia ração de pão por um litro), a cotação dos nabos, cenouras, batatas, é extremamente caprichosa e depende muito, entre outros factores, também do cuidado e da corrupção dos guardas de turno nos armazéns.

Vende-se o *Mahorca*: o *Mahorca* é um tabaco de refugio, em forma de lascas lenhosas, que está oficialmente à venda na *Kantine*, em pacotes de cinquenta gramas, contra entrega das «senhas-prémio» que a Buna deveria distribuir aos melhores trabalhadores. Esta distribuição acontece de forma irregular, com grande parcimónia e evidente iniquidade, pelo que a maior parte das senhas acaba, directamente ou por abuso de autoridade, nas mãos dos *Kapos* e dos proeminentes; todavia, as senhas-prémio da Buna circulam no mercado do *Lager* com função de moeda, e o seu valor varia obedecendo rigorosamente às leis da economia clássica.

Períodos houve em que por uma senha-prémio se pagou uma ração de pão, depois uma e um quarto, e mesmo uma e um terço; um dia, chegou a ser cotada uma ração e meia, mas depois faltou o fornecimento de *Mahorca* na *Kantine*, e então, faltando a cobertura, a moeda caiu de repente para um quarto de ração. Outro período de alta deu-se por uma causa singular: o render da guarda no *Frauenblock*, com a chegada de um contingente de saudáveis raparigas polacas. Com efeito, sendo a senha-prémio válida (para os criminosos e para os políticos; não para os judeus, os quais, aliás, não sofrem pela limitação) para uma entrada no *Frauenblock*, os interessados açambarcaram-nas activa e rapidamente: daí, a alta, que porém não durou muito tempo.

Entre os *Hdflinge* comuns, não são muitos os que procuram o *Mahorca* para uso pessoal; geralmente, sai do campo e acaba nas mãos dos trabalhadores civis da Buna. Trata-se de um esquema de «*kombinacja*» muito praticado: o *Hdfiling* economiza de alguma maneira uma ração de pão e investe-a em *Mahorca*; entra cautelosamente em contacto com um «apreciador» civil, que adquire o *Mahorca* efectuando o pagamento a pronto, com uma dose de pão superior à inicialmente fixada. O *Hdfiling* come a margem de lucro, e põe de novo em reciclagem a ração que sobra. Especulações deste tipo estabelecem uma ligação entre a economia interna do *Lager* e a vida económica do mundo exterior: quando acidentalmente faltou a distribuição de tabaco à população civil de Cracóvia, o facto, ultrapassando a barreira de arame farpado que nos segrega do consórcio humano, teve repercussão imediata no campo, provocando uma nítida alta da cotação do *Mahorca*, e por consequência da senha-prémio.

O caso acima referido é apenas o mais esquemático: outro, já mais complexo, é o seguinte. O *Häftling* adquire através de *Mahorca* ou pão, ou é-lhe dado por um civil, um qualquer abominável, esfarrapado, sujo trapo de camisa, o qual está porém ainda provido de três buracos pelos quais podem passar, bem ou mal, os braços e a cabeça. Desde que apresente apenas sinais de desgaste, e não de mutilações feitas artificialmente, tal objecto, no acto do *Wäschetauschen*, é considerado uma camisa, e dá direito à troca; na pior das hipóteses, quem o apresentar poderá receber uma adequada dose de pancada por ter posto tão pouco cuidado na conservação do

vestuário da ordem.

Por isso, no interior do *Lager*, não existe grande diferença de valor entre uma camisa digna desse nome e um trapo cheio de remendos; o *Häftling* acima mencionado não terá dificuldade em encontrar um companheiro na posse de uma camisa num estado comerciável, mas que não pode valorizar, por não estar, por razões de lugar de trabalho, ou de língua, ou de incapacidade intrínseca, em relação com trabalhadores civis. Este último contentar-se-á com uma modesta quantidade de pão para aceitar a troca; com efeito, o próximo *Wäschetauschen* irá de certa forma restabelecer a nívelação, distribuindo roupa boa ou má de forma perfeitamente casual. Mas o primeiro *Häftling* poderá vender de contrabando na Buna a camisa boa, e vendê-la ao civil anterior (ou a outro qualquer) por quatro, seis, até dez rações de pão. Uma margem de lucro tão elevada reflecte a gravidade do risco de sair do campo vestindo mais do que uma camisa, ou de regressar sem camisa.

Existem muitas variações sobre este tema. Há quem não hesite em fazer extrair o revestimento de ouro dos seus dentes para vender na Buna contra pão ou tabaco; mas é mais vulgar que esse tráfico ocorra por interposta pessoa. Um «número alto», isto é, um recém-chegado, internado há pouco tempo mas já suficientemente embrutecido pela fome e pela extrema tensão da vida no campo, é notado por um «número baixo» por causa de alguma rica prótese dentária; o «baixo» oferece ao «alto» três ou quatro rações de pão a pronto pagamento para se submeter à extracção. Se o «alto» aceitar, o «baixo» paga, leva o ouro para a Buna e, se estiver em contacto com um civil de confiança, do qual não receie denúncias ou enganar, pode ter a certeza de conseguir um lucro de dez a vinte ou mais rações, que lhe são dadas gradualmente, uma ou duas por dia. É de notar, a este respeito, que, ao contrário do que acontece na Buna, quatro rações de pão constituem o montante máximo dos negócios concluídos no interior do campo, pois aqui seria praticamente impossível quer estipular contratos a crédito, quer preservar da cobiça de outrem e da sua própria fome uma quantidade superior de pão.

O tráfico com os civis é um elemento característico do *Arbeitslager* e, como se viu, determina a sua própria vida económica. Porém, trata-se de um crime, explicitamente contemplado no regulamento do campo e assimilado aos crimes «políticos»; por isso, é punido com particular severidade. O *Häftling* sabe que «*Handel mit Zivilisten*», se não dispuser de apoios influentes, acaba em Gleiwitz III, em Janina, em Heidebrack, nas minas de carvão; o que significa a morte por esgotamento em poucas semanas. Além disso, também o trabalhador civil seu cúmplice pode ser denunciado à competente autoridade alemã e condenado a passar em *Vernichtungslager*, nas nossas mesmas condições, um período variável, conforme me consta, entre os quinze dias e os oito meses. Os operários a quem é aplicada uma espécie de pena de talão são como nós despidos à entrada, mas os seus bens pessoais são conservados num armazém destinado a esse fim. Não são tatuados e conservam os seus cabelos, o que os torna facilmente reconhecíveis, mas durante todo o período da punição são submetidos ao mesmo trabalho e à mesma disciplina que nós: excluindo, está claro, as selecções.

Trabalham em *Kommandos* particulares e não têm contactos de qualquer tipo com os *Häftlinge* comuns. De facto, o *Lager* para eles constitui uma punição, e, se não morrerem de cansaço ou de doença, têm muitas probabilidades de voltar para o meio dos homens; comunicar connosco constituiria uma brecha no muro que nos torna

mortos perante o mundo, e uma fresta no mistério que reina entre os homens livres acerca da nossa condição. Para nós, pelo contrário, o *Lager* não é uma punição; para nós, não está previsto um fim, e o *Lager* outra coisa não é senão o género de existência que nos foi atribuída, sem limites de tempo, no seio do organismo social alemão.

Uma secção do nosso campo é destinada precisamente aos trabalhadores civis, de todas as nacionalidades, que têm de permanecer aqui por um período mais ou menos longo para expiar as suas relações ilícitas com os *Häftlinge*. Esta secção é separada do resto do campo por um arame farpado e chama-se *E-Lager*, enquanto os hóspedes se chamam *E-Häftlinge*. «E» é a letra inicial de «*Erziehung*», que significa «educação».

Todas as combinações até agora verificadas baseiam-se no contrabando de material pertencente ao *Lager*. Por isso, os SS são tão rigorosos na sua repressão: o próprio ouro dos nossos dentes pertence-lhes, pois, uma vez extraído dos maxilares dos vivos ou dos mortos, tudo vai parar, mais tarde ou mais cedo, às suas mãos. É portanto natural que se preocupem com que o ouro não saia do campo.

Mas, contra o roubo puro e simples, a direcção do campo não prevê nenhuma medida. Isto é demonstrado pela atitude de grande convivência manifestada pelos SS em relação ao contrabando contrário.

Neste caso, as coisas são, em geral, mais simples. Trata-se de roubar ou receptor alguns dos vários utensílios, ferramentas, materiais, produtos, etc., com os quais estamos diariamente em contacto na Buna por razões de trabalho; introduzi-los no campo à noite, encontrar o cliente e efectuar a troca com pão ou sopa. Este tráfego é muito intenso: para alguns artigos, que são absolutamente necessários para a vida normal do *Lager*, esta, do roubo na Buna, é a via única regular de abastecimento. São típicos os casos das vassouras, das tintas, do fio eléctrico, da graxa para os sapatos. Refira-se como exemplo o tráfico desta última mercadoria.

Como já se indicou, o regulamento do campo dita que todas as manhãs os sapatos sejam engraxados e limpos e cada *Blockältester* é responsável perante os SS pela observância desta ordem por parte de todos os homens da sua barraca. Poderia, portanto, pensar-se que cada barraca está contemplada com uma distribuição periódica de graxa, mas assim não acontece: o mecanismo é outro. É preciso dizer, antes de mais, que cada barraca recebe, à noite, uma distribuição de sopa que é bastante mais alta que o conjunto das rações regulamentares; o excedente é distribuído arbitrariamente pelo *Blockältester*, o qual tira, em primeiro lugar, as ofertas para os seus amigos e protegidos, em segundo, as compensações devidas aos varredores, aos guardas da noite, aos controladores dos piolhos e a todos os outros funcionários proeminentes da barraca. O que ainda sobra (e qualquer *Blockältester* experiente faz com que sobre sempre uma parte) serve precisamente para as compras.

O resto é fácil de perceber: os *Häftlinge* aos quais se apresenta na Buna a ocasião de encher a marmita de graxa ou óleo para máquina (ou também outras coisas: qualquer substância mais ou menos preta e gordurosa é considerada própria para o efeito), uma vez regressados ao campo, dão a volta sistemática às barracas, até encontrarem o *Blockältester* que está desprovido do artigo ou pretende armazená-lo. De resto, cada barraca tem, habitualmente, o seu fornecedor, com o qual estabeleceu uma compensação diária fixa, com a condição de que ele forneça a graxa sempre que a reserva esteja prestes a acabar.

Todas as noites, ao pé das portas dos *Tagesräume*, estacionam pacientemente os ajuntamentos dos fornecedores: de pé, parados durante horas e horas, debaixo da chuva ou da neve, falam animadamente em voz baixa de questões ligadas às variações dos preços e do valor da senha-prémio. De vez em quando, alguém se separa do grupo, visita rapidamente a Bolsa, e volta com as últimas notícias.

Para além dos que já foram referidos, inúmeros são os artigos que se podem encontrar na Buna, que podem ser úteis no *Block*, ou bem aceites pelo *Blockältester*, ou suscitar o interesse ou a curiosidade dos proeminentes. Lâmpadas, escovas, sabão comum e para barbear, limas, alicates, sacos, pregos; vende-se o álcool metílico, útil para fazer beberagens, e a gasolina, útil para isqueiros rudimentares, prodígios da indústria secreta dos artesãos do *Lager*.

Nesta complexa rede de roubos e contra-roubos, alimentados pela surda hostilidade entre os comandos dos SS e as autoridades civis da Buna, um papel de primeira ordem é o do Ka-Be; o Ka-Be é o lugar de menor resistência, a válvula pela qual mais facilmente é possível subtrair-se aos regulamentos e iludir a vigilância dos chefes. Toda a gente sabe que são os próprios enfermeiros que lançam no mercado, a baixo preço, o vestuário e os sapatos dos mortos e dos seleccionados que partem nus para Birkenau; são os enfermeiros e os médicos que exportam para a Buna as sulfamidas da dotação, vendendo-as aos civis em troca de géneros alimentícios.

Além disso, os enfermeiros tiram lucros enormes do tráfico das colheres. O *Lager* não fornece colher aos recém-chegados, apesar de não se poder comer de outra forma a sopa semilíquida. As colheres são fabricadas na Buna, à revelia e nos intervalos, pelos *Häftlinge* que trabalham como operários especializados em *Kommandos* de ferreiros e latoeiros: trata-se de utensílios grosseiros e maciços, extraídos de chapas trabalhadas a martelo, frequentemente com o cabo afiado, de forma a servir ao mesmo tempo como faca para cortar o pão. Os próprios fabricantes vendem-nas directamente aos recém-chegados: uma colher simples vale meia ração, uma colher-faca, três quartos de ração de pão. Ora, é permitido por lei entrar no Ka-Be com a colher, mas não sair com ela. Aos doentes curados, no acto da saída e antes da entrega da roupa, a colher é requisitada pelos enfermeiros, que a põem à venda na Bolsa. Juntando as colheres dos doentes de saída às dos mortos e dos seleccionados, os enfermeiros perfazem por dia a quantia correspondente à venda de cerca de cinquenta colheres. Pelo contrário, os que tiveram alta são obrigados a voltar ao trabalho com a desvantagem inicial de meia ração de pão a gastar para a aquisição de uma nova colher.

Finalmente, o Ka-Be é o principal cliente e receptor dos roubos efectuados na Buna: da sopa destinada ao Ka-Be, nada menos que vinte litros todos os dias são previstos como fundo de roubos para a aquisição junto dos especialistas dos artigos mais diversos. Há quem roube tubo fino de borracha, que é utilizado no Ka-Be para os enteroclismas e as sondas gástricas; quem ofereça lápis e tintas de cor, necessários para a complicada contabilidade do armazém do Ka-Be; e, ainda, termómetros, objectos de vidro, reagentes químicos, que saem dos armazéns da Buna nos bolsos dos *Häftlinge* e são utilizados na enfermaria como material sanitário.

Não queria parecer imodesto, ao acrescentar que foi nossa, de Alberto e minha, a ideia de roubar os rolos de papel milimétrico dos termógrafos da Secção de Secagem e de os oferecer ao médico-chefe do Ka-Be, sugerindo-lhe que os empregasse como

fichas para os diagramas pulso-temperatura.

Em conclusão: o roubo na Buna, punido pela direcção civil, é autorizado e encorajado pelos SS; o roubo no campo, reprimido severamente pelos SS, é considerado entre os civis como uma normal operação de troca; o roubo entre *Häftlinge* geralmente é punido, mas a punição atinge com igual gravidade o ladrão e a vítima.

Queríamos agora convidar o leitor a reflectir sobre o que podiam significar no *Lager* as nossas palavras «bem» e «mal», «justo» e «injusto»; cada um julgue, na base do quadro que traçámos e dos exemplos acima referidos, quanto do nosso comum mundo moral podia subsistir aquém do arame farpado.

SUCUMBIR OU SALVAR-SE

Esta de que falámos e continuaremos a falar é a vida ambígua do *Lager*. Desta forma dura, alcançado o fundo, viveram muitos homens dos nossos dias, mas cada um por um período relativamente breve; por isso, seria talvez legítimo perguntar se será mesmo o caso, e se será útil guardar alguma memória desta condição humana anormal.

A esta pergunta, sentimos ter de responder afirmativamente. Estamos de facto convictos de que nenhuma experiência humana é privada de sentido e indigna de ser analisada, e que, pelo contrário, deste mundo particular de que estamos a falar se podem tirar valores fundamentais, mesmo que nem sempre positivos. Queríamos levar o leitor a considerar como o *Lager* foi também, e em notável medida, uma gigantesca experiência biológica e social.

Fechem-se entre arames farpados milhares de indivíduos diferentes em idade, condição, origem, língua, cultura e hábitos, e obriguem-se, nesse lugar, a um regime de vida constante, controlável, idêntico para todos e abaixo de todas as necessidades; é quanto de mais rigoroso um experimentador poderia instituir para estabelecer o que é essencial e o que é adquirido no comportamento do animal-homem perante a luta pela vida.

Não acreditamos na dedução mais fácil e óbvia: que o homem é fundamentalmente brutal, egoísta e estulto na sua maneira de actuar, quando todas as superestruturas civis lhe são tiradas, e que o «*Häftling*» seria, portanto, o homem sem inibições. Julgamos, pelo contrário, que, em relação a isso, nada mais se pode concluir, a não ser que, diante das carências e do mal-estar físicos obsessivos, muitos hábitos e muitos instintos sociais ficam completamente silenciados.

Parece-nos, no entanto, digno de atenção este facto: verifica-se que existem entre os homens duas classes particularmente bem distintas: os que se salvam e os que sucumbem. Outros pares de contrários (os bons e os maus, os sensatos e os insensatos, os cobardes e os corajosos, os desgraçados e os afortunados) são muito menos nítidos, parecem menos congénitos e, sobretudo, admitem graduações intermédias mais numerosas e complexas.

Esta divisão é muito menos evidente na vida comum; aí, não é frequente acontecer que um homem se perca, pois normalmente o homem não está só e, no seu subir e

descer, está ligado ao destino dos que o rodeiam; pelo que só excepcionalmente acontece que alguém cresça sem limites, ou desça continuamente de derrota em derrota até à ruína. Mais, cada um possui habitualmente recursos, espirituais, físicos e também económicos, capazes de tornar ainda menos provável a eventualidade de um naufrágio, de uma carência perante a vida. Acrescente-se ainda que uma sensível acção de amortecimento é exercida pela lei e pelo sentido moral, que é a lei interior; de facto, considera-se tanto mais civilizado um país quanto mais sábias e eficientes são as leis que impedem ao miserável ser demasiado miserável, e ao poderoso ser demasiado poderoso.

Mas no *Lager* tudo acontece de outra forma: aqui, a luta para sobreviver é sem remissão, porque cada um está desesperada e ferozmente só. Se um Null Achtzehn qualquer vacilar, não encontrará quem lhe estenda uma mão, mas sim alguém que o deitará abaixo, pois ninguém está interessado em que um «muçulmano»⁶ a mais se arraste todos os dias para o trabalho; e se alguém, com um milagre de paciência selvagem e astúcia, encontrar uma nova combinação para escapar ao trabalho mais duro, uma nova artimanha que lhe proporcione alguns gramas de pão, procurará manter secreta a forma como o conseguiu, e por isso será estimado e respeitado, e tirará um lucro exclusivo e pessoal; tornar-se-á mais forte, os outros terão medo dele e, por isso mesmo, será um candidato à sobrevivência.

Na história e na vida, parece às vezes vislumbrar-se uma lei feroz, segundo a qual «dar-se-á a quem tiver; tirar-se-á a quem não tiver». No *Lager*, onde o homem está só e a luta pela vida se reduz ao seu mecanismo primordial, a lei iníqua está abertamente em vigor, é reconhecida por todos. Com os aptos, com os indivíduos fortes e astutos, os próprios chefes gostam de manter contactos, que chegam a ser de quase-camaradagem, pois esperam poder tirar, talvez mais tarde, algum proveito. Mas aos «muçulmanos», aos homens em fase de degradação, não vale a pena dirigir a palavra, pois já se sabe que começariam a queixar-se e a contar o que costumavam comer em casa. Muito menos vale a pena ser-se amigo deles, pois não têm conhecimentos importantes no campo, não comem nada extra-ração, não trabalham em *Kommandos* vantajosos e não conhecem nenhuma forma secreta de organização. E, finalmente, sabe-se que estão aqui de passagem e, dentro de poucas semanas, deles ficará apenas um punhado de cinzas num campo não muito longe daqui, e um número de matrícula riscado num livro de registo. Embora envolvidos e arrastados sem tréguas pela multidão inúmera dos outros iguais a eles, sofrem e arrastam-se numa íntima solidão baça, e em solidão morrem ou desaparecem, sem deixar rasto na memória de ninguém.

O resultado deste feroz processo de selecção natural poderia ler-se nas estatísticas do movimento do *Lager*. Em Auschwitz, no ano de 1944, dos velhos prisioneiros judeus (não falamos aqui dos outros, pois diferentes eram as suas condições) «*kleine Nummer*», dos pequenos números inferiores a cento e cinquenta mil, sobreviviam poucas centenas; *nenhum* deles era um *Häftling* comum, vegetando nos *Kommandos* comuns e pago com a ração normal. Só sobreviviam os médicos, os alfaiates, os sapateiros, os músicos, os cozinheiros, os jovens homos sexuais atraentes, os amigos ou patrícios de uma ou outra autoridade do campo; e ainda indivíduos particularmente ferozes, vigorosos e desumanos, desempenhando (em consequência de uma investidura

por parte do comando dos SS, que neste sentido mostravam ter um conhecimento dos homens deveras diabólico) os cargos de *Kapo*, de *Blockältester*, ou outros; e finalmente os que, embora sem desempenhar funções particulares, pela sua astúcia e energia conseguiam sempre organizar com êxito, obtendo assim, para além da vantagem material e da reputação, também indulgência e estima por parte dos poderosos do campo. Quem não sabe tornar-se um *Organisator*, *Kombinator*, *Proeminent* (feroz eloquência das palavras!), acaba por se tornar dentro de pouco tempo um «muçulmano». Uma terceira via existe na vida, onde aliás é a norma; não existe no campo de concentração.

Sucumbir é o mais simples: basta cumprir todas as ordens que se recebem, comer só a ração, obedecer à disciplina do trabalho e do campo. A experiência demonstrou que só em casos excepcionais, desta forma, se pode durar para além de três meses. Todos os «muçulmanos» que vão para a câmara de gás têm a mesma história, ou, melhor dizendo, não têm história; seguiram o declive até ao fundo, naturalmente, como os rios que vão desaguar no mar. Depois de ter ingressado no campo, por sua incapacidade essencial, ou por azar, ou por um qualquer acidente banal, sucumbiram antes de poderem habituar-se; estão sempre atrasados, só começam a aprender o alemão e a perceber qualquer coisa no infernal emaranhado de leis e de proibições quando o seu próprio corpo já se encontra em fase de aniquilação, e nada os pode salvar da selecção ou da morte por depauperamento. A sua vida é breve, mas o seu número é enorme; são eles, os *Muselmdnner*, os que sucumbem, a coluna vertebral do campo; eles, a massa anónima, continuamente renovada e sempre idêntica, dos não-homens que marcham e se afadigam em silêncio; dentro deles, apagou-se a centelha divina, já demasiado vazios para sofrer de verdade. Hesita-se em chamá-los vivos: hesita-se em chamar morte à sua morte, diante da qual não têm medo, pois estão demasiado cansados para poderem aperceber-se dela.

Eles povoam a minha memória com a sua presença sem rosto e, se pudesse resumir numa única imagem todo o mal do nosso tempo, escolheria esta, que me é familiar: um homem ressequido, com a testa baixa e os ombros curvados, em cujo rosto e em cujos olhos não se pode ler qualquer sinal de pensamento. Se os que sucumbiram não têm história, e um só e amplo é o caminho da perdição, os caminhos da salvação são, pelo contrário, muitos, difíceis e imprevisíveis.

O caminho principal, como já dissemos, é a *Prominenz*. «*Prominenten*» chamam-se os funcionários do campo, desde o director-*Hdfiling* (*Lagerältester*) aos *Kapos*, aos cozinheiros, aos enfermeiros, aos guardas da noite, até aos varredores das barracas e aos *Scheissminister* e *Bademeis-ter* (superintendentes das latrinas e dos duches). Mais particularmente, interessam aqui os proeminentes judeus, dado que, quanto aos outros, as funções eram atribuídas automaticamente, na altura da sua entrada no campo, graças à sua supremacia natural; os judeus tinham de intrigar e lutar duramente para as obter.

Os proeminentes judeus constituem um triste e notável fenómeno humano. Neles convergem os sofrimentos presentes, passados e atávicos, e a tradição e a educação de hostilidade para com o estrangeiro, para os tornar monstros de insociabilidade e insensibilidade.

Eles são o produto típico da estrutura do *Lager* alemão: ofereça-se a alguns indivíduos em estado de escravidão uma posição privilegiada, um certo bem-estar e

uma boa probabilidade de sobreviver, exigindo em troca a traição da solidariedade natural para com os seus companheiros, e certamente haverá quem aceite. Este será subtraído à lei comum e tornar-se-á intangível; será por isso tanto mais odioso e odiado quanto mais poder lhe for atribuído. Se lhe confiarem o comando de um manípulo de desgraçados, com direito de vida ou de morte sobre eles, será cruel e tirânico, porque perceberá que, se não o for suficientemente, outro, considerado mais apto, tomará o seu lugar. Para além disso, acontecerá que a sua capacidade de odiar, que ficou insatisfeita em relação aos opressores, cairá, injustificadamente, sobre os oprimidos: e sentir-se-á satisfeito ao descarregar sobre os seus subalternos a ofensa que recebeu dos que estão acima dele.

Apercebemo-nos de que tudo isto está longe do quadro que se costuma traçar dos oprimidos que se unem, ainda que não para resistir, pelo menos para suportar. Não excluimos que isso possa acontecer, quando a opressão não ultrapassa um certo limite, ou talvez quando o opressor, por inexperiência ou por magnanimidade, o tolere ou o favoreça. Mas constatamos que, nos nossos dias, em todos os países invadidos por um povo estrangeiro, estabeleceu-se uma análoga situação de rivalidade e de ódio entre os oprimidos; e isto, como muitos outros factos humanos, foi possível captar no *Lager* com particular e crua evidência.

Acerca dos proeminentes não judeus, há menos que falar; apenas que são de longe os mais numerosos (nenhum *Häftling* «ariano» estava privado de um cargo, ainda que modesto). Que fossem insensatos e brutais, é natural, se se pensar que na sua maioria eram criminosos comuns, escolhidos nas cadeias alemãs precisamente para serem entregues como superintendentes nos campos para judeus; e julgamos que foi esta uma escolha muito acertada, pois recusamo-nos a acreditar que os sinistros exemplares humanos que vimos actuar representem uma amostra média, não apenas dos alemães em geral, mas mesmo dos presos alemães. Mais difícil de explicar é como em Auschwitz os proeminentes políticos alemães, polacos e russos rivalizavam em brutalidade com os réus comuns. Mas é sabido que na Alemanha a qualificação de crime político se aplicava também a actos como o tráfico clandestino, as relações ilícitas com mulheres judias, os roubos contra funcionários do Partido. Os políticos «verdadeiros» viviam e morriam noutros campos, cujos nomes são hoje tristemente famosos, em condições notoriamente muito duras, mas, em muitos aspectos, diferentes das que relatámos aqui.

Mas, além dos funcionários propriamente ditos, há uma vasta classe de prisioneiros que, inicialmente não favorecidos pelo destino, lutam exclusivamente com as suas forças para sobreviver. É preciso lutar contra a corrente; dar batalha todos os dias e todas as horas à fadiga, à fome, ao frio e à inércia que daí deriva, resistir aos inimigos e não ter piedade dos rivais; aguçar a inteligência, endurecer a paciência, afirmar a vontade. Ou, então, destroçar qualquer dignidade e apagar qualquer relâmpago de consciência, descer ao campo como feras contra outras feras, deixar-se conduzir pelas insuspeitadas forças subterrâneas que sustentam as estirpes e os indivíduos nos tempos cruéis. Muitíssimos foram os caminhos por nós inventados e praticados para não morrer: tantos quantos são os caracteres humanos. Todos comportam uma luta esgotante de cada um contra todos, e muitos uma quantidade não pequena de aberrações e de compromissos. Sobreviver sem renunciar a nada do seu

mundo moral, a não ser por poderosas e directas intervenções da sorte, só foi concedido a pouquíssimos indivíduos superiores, com vocação de mártires e de santos.

Por quantas formas se pode alcançar a salvação, procuraremos, pois, mostrar, contando as histórias de Schepsel, de Alfred L., de Elias e de Henri.

Schepsel vive no *Lager* há quatro anos. Viu morrer à sua volta dezenas de milhares de outros como ele a partir do *pogrom* que o expulsou da sua aldeia na Galécia. Tinha mulher e cinco filhos, e um próspero negócio de seleiro, mas já há muito tempo perdeu o costume de pensar em si de outra forma a não ser como um saco que deve ser periodicamente enchido. Schepsel não é muito forte, nem muito corajoso, nem muito mau; também não é particularmente manhoso, e nunca encontrou uma acomodação que lhe permitisse um pouco de pausa, mas está reduzido às artimanhas pequenas e avulsas, às «*kombinacje*», como se chamam aqui.

De vez em quando, rouba uma vassoura na Buna e vende-a ao *Blockdltester*; quando consegue juntar um pouco de capital-pão, aluga as ferramentas do sapateiro do *Block*, que é seu patrício, e trabalha durante algumas horas por sua conta; sabe fabricar suspensórios com fio eléctrico entrelaçado; Sigi disse-me que durante o intervalo do meio-dia o viu cantar e dançar em frente da barraca dos operários eslovacos, que às vezes o compensam com restos de sopa.

Dito isto, pode ser-se induzido a pensar em Schepsel com simpatia indulgente, como um desgraçado, cuja alma já não guarda outra coisa a não ser a humilde e elementar vontade de viver, e que trava valorosamente a sua pequena luta para não sucumbir. Mas Schepsel não era uma excepção e, quando a ocasião se apresentou, não hesitou em fazer condenar à fustigação Moischl, que tinha sido seu cúmplice num roubo na cozinha, com a esperança, infundada, de adquirir algum mérito diante do *Blockdltester* e de se candidatar ao lugar de lavador das marmitas.

A história do engenheiro Alfred L. demonstra, entre outras coisas, quanto é infundado o mito da igualdade originária entre os homens. L. dirigia no seu país uma fábrica muito importante de produtos químicos, e o seu nome era (e é) conhecido nos meios industriais de toda a Europa. Era um homem forte, com cerca de cinquenta anos; não sei como o prenderam, mas entrara no campo como todos: nu, só e desconhecido. Quando o conheci, estava muito debilitado, mas guardava no rosto os traços de uma energia disciplinada e metódica; naquele tempo, os seus privilégios limitavam-se à limpeza diária das marmitas dos operários polacos; este trabalho, de que obtivera, não sei como, a exclusividade, rendia-lhe meia marmita de sopa por dia. Isso não era certamente suficiente para satisfazer a sua fome; todavia, nunca ninguém o ouvira queixar-se. Antes pelo contrário, as poucas palavras que pronunciava eram tais, que faziam pensar em grandiosos recursos secretos, numa «organização» sólida e lucrativa.

E isto era confirmado pelo seu aspecto. L. tinha «um estilo»: com as mãos e o rosto sempre perfeitamente limpos, tinha a abnegação muito rara de lavar, de quinze em quinze dias, a camisa, sem esperar a muda bimestral (faz-se notar aqui que lavar a camisa significa encontrar o sabão, o tempo, o espaço no lavatório superconcorrido;

adaptar-se a vigiar atentamente, sem distrair os olhos um instante, a camisa molhada, e vesti-la, naturalmente ainda molhada, à hora do silêncio, em que as luzes se apagam); possuía um par de socas de madeira para ir tomar duche, e até a sua farda às riscas estava singularmente adaptada ao seu tamanho, limpa e nova. Enfim, L. tinha conseguido ter todo o aspecto do proeminente muito antes de o ser: pois que só muito tempo depois fiquei a saber que toda esta ostentação de prosperidade, L. ganhara-a com incrível persistência, pagando cada aquisição e serviço com o pão da sua própria ração, reduzindo-se desta forma a um regime de privações suplementares.

O seu plano era de longo prazo, o que é tanto mais notável, porquanto fora concebido num meio em que dominava a mentalidade do provisório; e L. actuou com rígida disciplina interior, sem piedade por si próprio e muito menos pelos companheiros que se lhe atravessassem no caminho. L. sabia que, entre ser julgado poderoso e tornar-se verdadeiramente poderoso, o passo é curto, e que em todo o lado, mas em particular na nivelção geral do *Lager*, um aspecto respeitável é a melhor garantia para ser respeitado. Ele dedicou todos os cuidados a não ser confundido com o rebanho: trabalhava com um afinco ostensivo, incitando também, quando calhava, os companheiros preguiçosos, num tom persuasivo e deprecatório; evitava a luta diária para o lugar melhor na bicha do rancho, e adaptava-se a receber todos os dias a primeira ração, notoriamente mais líquida, de forma a ser notado pelo *Blockältester* pela sua disciplina. Para completar o afastamento, nas relações com os companheiros portava-se sempre com a máxima amabilidade compatível com o seu egoísmo, que era absoluto.

Quando foi constituído, como se dirá, o *Kommando* Químico, L. percebeu que a sua hora chegara; não era preciso mais que a sua farda limpa e o seu rosto, ressequido é verdade, mas barbeado, entre as manadas dos colegas sujos e desmazelados, para convencer imediatamente o *Kapo* e o *Arbeitsdienst* que ele era um dos que se tinham verdadeiramente salvo, um proeminente potencial; pelo que (será dado a quem tiver) foi promovido sem hesitações a «especializado», nomeado chefe-técnico do *Kommando* e admitido pela direcção da Buna como analista no laboratório da Secção de Estireno. Foi a seguir encarregado de examinar os novos candidatos a admitir no *Kommando* Químico, para avaliar a sua habilidade profissional: que fez sempre com extremo rigor, particularmente em relação àqueles em que adivinhava possíveis adversários futuros.

Ignoro o seguimento da sua história; mas julgo muito provável que tenha evitado a morte e viva hoje a sua vida fria de dominador decidido e sem alegria.

Elias Lindzin, 141 565, chegou um dia, inexplicavelmente, ao *Kommando* Químico. Era um anão, não tinha mais do que metro e meio, mas nunca vi uma musculatura como a sua. Quando está nu, distingue-se cada músculo a trabalhar debaixo da pele, poderoso e móvel como um animal autónomo; ampliado sem alterar as proporções, o seu corpo seria um bom modelo para um Hércules: mas é preciso não ver a sua cabeça.

Debaixo do couro cabeludo, as suturas cranianas sobressaem desmedidamente. O crânio é maciço e dá a impressão de ser de metal ou de pedra; vê-se a linha preta dos cabelos cortados apenas um dedo por cima das sobrancelhas. O nariz, o queixo, a testa,

as maçãs do rosto, são duros e compactos, todo o rosto parece uma cabeça de carneiro, um instrumento apto para bater. Da sua pessoa brota um sentido de vigor animalesco. Ver Elias a trabalhar é um espectáculo desconcertante; os *Meister* polacos, os próprios alemães, às vezes param para contemplar Elias em acção. Parece que para ele nada é impossível. Enquanto nós carregamos com esforço um saco de cimento, Elias carrega dois, a seguir três, a seguir quatro, mantendo-os em equilíbrio não se sabe como, e, enquanto se desloca em pequenos passos sobre as pernas curtas e atarracadas, faz caretas debaixo da carga, impreca, grita e canta sem parar, como se tivesse pulmões de bronze. Elias, apesar das socas de madeira, trepa como um macaco pelos andaimes acima, e corre com segurança pelas tábuas suspensas no ar, leva seis tijolos de uma vez em equilíbrio na cabeça; sabe fazer uma colher com um pedaço de lata e uma faca com um destroço de aço; encontra em todo o lado papel, lenha e carvão secos e sabe acender em poucos instantes uma fogueira mesmo debaixo de chuva. Sabe ser costureiro, carpinteiro, sapateiro, barbeiro; cospe a distâncias incríveis; canta, com uma voz de baixo não desagradável, canções polacas e iídiches que nunca se ouviram antes; pode tragar seis, oito, dez litros de sopa sem vomitar e sem ter diarreia, e retomar o trabalho logo a seguir. Sabe fazer sair dos seus ombros uma grande corcunda, e dá a volta à barraca, retorcido e disforme, gritando e declamando incompreensivelmente, entre a alegria dos poderosos do campo. Vi-o lutar com um polaco mais alto do que ele uma cabeça, e deitá-lo ao chão com uma cabeçada no estômago, poderosa e certa como uma catapulta. Nunca o vi descansar, nunca o vi calado ou parado, nunca soube que estivesse ferido ou doente.

Da sua vida de homem livre ninguém sabe nada; de resto, representar Elias na veste de homem livre exige um profundo esforço de fantasia e indução. Só fala polaco e o iídiche turvo e deformado de Varsóvia; aliás, é impossível levá-lo a ter uma conversa coerente. Pode ter vinte ou quarenta anos; costuma dizer que tem trinta e três, e que procriou dezassete filhos: o que não é inverosímil. Fala, continuamente, dos assuntos mais diversos; sempre com voz tonante, com tom oratório, com uma mímica violenta de esquizofrénico. Como se estivesse sempre a dirigir-se a um numeroso público; e, como é natural, o público nunca lhe falta. Os que percebem a sua linguagem bebem as suas declamações torcendo-se de riso, batem-lhe nos ombros duros com entusiasmo, incitam-no a continuar; enquanto ele, feroz e cheio de rugas, vagueia como uma fera dentro do círculo dos ouvintes, interpelando ora um ora outro; de repente, agarra um pelo peito com a sua pequena garra adunca, atrai-o para si irresistivelmente, vomita-lhe na cara espantada uma incompreensível invectiva, depois atira-o para trás como uma palha, e entre os abraços e os risos, com os braços levantados como um pequeno monstro profético, continua a sua declamação furiosa e insensata.

A sua fama de trabalhador excepcional difundiu-se muito depressa, e, pela absurda lei do *Lager*, desde então praticamente deixou de trabalhar. A sua prestação era pedida directamente pelos *Meister*, apenas para aqueles trabalhos em que fossem necessárias perícia e vigor particulares. À parte estas prestações, supervisionava com insolência e violência o nosso monótono trabalho diário, desaparecendo frequentemente para misteriosas visitas e aventuras em sabe-se lá que cantos da obra, donde regressava com grandes inchaços nos bolsos e muitas vezes com o estômago visivelmente cheio.

Elias é natural e inocentemente ladrão; nisso, manifesta a instintiva astúcia dos animais selvagens. Nunca é surpreendido em flagrante, porque só rouba quando se lhe apresenta uma ocasião segura; mas, quando se apresenta, Elias rouba, fatal e previsivelmente, assim como uma pedra solta cai. À parte ser difícil surpreendê-lo, está claro que de nada serviria puni-lo pelos seus roubos, que representam para ele um acto vital normal, como respirar e dormir.

Podemos neste ponto perguntar-nos quem é este homem, Elias. Se é um louco, incompreensível e extra-humano, chegado ao *Lager* por acaso. Se é um atavismo, heterogéneo em relação ao nosso mundo moderno e mais bem adaptado às primordiais condições de vida do campo. Ou se por acaso não é um produto do campo, em que todos nos transformaremos, se não morrermos no campo, e se o campo não acabar antes.

Há algo de verdade nas três suposições. Elias sobreviveu à destruição exterior, porque é fisicamente indestrutível; resistiu à aniquilação interior, porque é demente. Portanto, é em primeiro lugar um sobrevivente: é o mais adequado, o exemplar humano mais idóneo para esta forma de viver.

Se Elias readquirir a liberdade, encontrar-se-á reduzido à margem da sociedade humana, numa cadeia ou num hospital psiquiátrico. Mas aqui, no *Lager*, não há criminosos nem loucos: não há criminosos, porque não há lei moral à qual desobedecer, não há loucos, porque somos determinados, e cada acção nossa é, naquele momento e naquele lugar, sensivelmente a única possível.

No *Lager*, Elias prospera e triunfa. É um bom trabalhador e um bom organizador, e por esta dupla razão está defendido das selecções e é respeitado por chefes e companheiros. Para quem não tem sólidos recursos interiores, para quem não sabe tirar da consciência de si próprio a força necessária para se manter ligado à vida, a única via de salvação conduz a Elias: à demência e à bestialidade manhosa. Todas as outras vias não têm saída.

Dito isto, alguém pode ser levado a tirar conclusões, e até normas, para a nossa vida de todos os dias. Não existem à nossa volta uns Elias, mais ou menos realizados? Não nos acontece vermos viver indivíduos que ignoram os seus próprios fins e não possuem qualquer forma de autocontrolo e de consciência? E eles vivem não *apesar* destas suas lacunas, mas precisamente, como Elias, em função delas.

A questão é grave, e não iremos desenvolvê-la mais, pois estas pretendem ser as histórias do *Lager*, e sobre o homem fora do *Lager* já muito se escreveu. Mas mais uma coisa queríamos acrescentar: Elias, pelo que nos é possível julgar de fora, e pelo que a frase pode significar, Elias era possivelmente um indivíduo feliz.

Henri é, pelo contrário, eminentemente civilizado e consciente, e sobre as formas de sobreviver no *Lager* possui uma teoria completa e orgânica. Tem apenas vinte e dois anos; é muito inteligente, fala francês, alemão, inglês e russo, tem uma óptima cultura científica e clássica.

O seu irmão morreu na Buna durante o último Inverno e, desde então, Henri cortou qualquer ligação afectiva; fechou-se em si como numa couraça, e luta para viver sem distrações, com todos os recursos que pode tirar do seu intelecto pronto e da sua

educação requintada. Segundo a teoria de Henri, para escapar à aniquilação, há três métodos que o homem pode aplicar continuando a ser digno desse nome: a organização, a piedade e o roubo.

Ele próprio aplica os três. Ninguém é melhor estrategista do que Henri a intrujar («cultivar», diz ele) os prisioneiros de guerra ingleses. Eles tornam-se, nas suas mãos, verdadeiras galinhas dos ovos de ouro: pense-se que, da troca de um único cigarro inglês, no *Lager* tira-se o suficiente para tapar a fome durante um dia. Henri foi visto uma vez no acto de comer um autêntico ovo cozido.

O tráfico das mercadorias de proveniência inglesa é monopólio de Henri, e até aqui trata-se de organização; mas o seu instrumento de penetração, junto dos ingleses e dos outros, é a piedade. Henri tem o corpo e o rosto delicados e subtilmente perversos do São Sebastião de Sodoma: os seus olhos são pretos e profundos, não tem ainda barba, movimenta-se com lânguida e natural elegância (embora saiba, em caso de necessidade, correr e pular como um gato, e a capacidade do seu estômago seja apenas inferior à de Elias). Henri conhece perfeitamente estes seus dotes naturais, e aproveita-os com a fria competência de quem manobra um instrumento científico: os resultados são surpreendentes. Trata-se, no fundo, de uma descoberta; Henri descobriu que a piedade, sendo um sentimento primário e irreflectido, pega muito bem, se habilmente instilada, precisamente nas almas primitivas das feras que mandam em nós, daqueles mesmos que não têm vergonha de nos atirar ao chão à pancada sem motivo e de nos pisar a seguir, e não lhe escapou o grande alcance prático desta descoberta, na qual inseriu a sua indústria pessoal.

Como o icnêumone paralisa as grandes lagartas peludas, ferindo-as no seu único gânglio vulnerável, assim Henri avalia com uma olhadela o sujeito, «*son type*»; fala com ele brevemente, com a linguagem apropriada para cada um, e o «*type*» é conquistado: escuta com simpatia crescente, comove-se pelo azar do jovem infeliz, e não é preciso muito tempo para que isso comece a render.

Não há alma tão endurecida que Henri não consiga conquistar, se se empenhar nisso. No *Lager*, e mesmo na Buna, os seus protectores são inúmeros: soldados ingleses, operários civis franceses, ucranianos, polacos; «políticos» alemães; pelo menos, quatro *Blockdlteste*, um cozinheiro, até um SS. Mas o seu domínio preferido é o Ka-Be; no Ka-Be, Henri tem entrada livre, o doutor Citron e o doutor Weiss são, mais do que seus protectores, seus amigos, e internam-no quando quer e com o diagnóstico que quiser. Isto acontece em particular na altura das selecções e nos períodos de trabalho mais duro: para «passar o Inverno», diz ele.

Dispondo de tão importantes amizades, é natural que só raramente Henri seja obrigado a utilizar a terceira via, o roubo; de resto, percebe-se que sobre este assunto não goste de falar.

É muito agradável falar com Henri, nos momentos de descanso. É também útil: não há nada do campo que não conheça e que não tenha considerado, no seu estilo rigoroso e coerente. Das suas conquistas, fala com educada modéstia, como de presas pouco valiosas, mas agrada-lhe expor demoradamente o cálculo que o levou a aproximar-se de Hans, pedindo-lhe notícias do filho na frente de guerra, ou de Otto, mostrando-lhe as cicatrizes que tem nas canelas.

Falar com Henri é útil e agradável; acontece também, às vezes, sentirmo-lo

caloroso e próximo, parece possível uma comunicação, talvez até um carinho; parece perceber-se o fundo humano, dorido e consciente da sua personalidade invulgar. Mas no momento a seguir o seu sorriso triste arrefece numa careta fria que parece ter sido estudada ao espelho; Henri pede gentilmente desculpa («... *j'ai quelque chose à faire*», «*j'ai quelq'un à voir*») e parte de novo todo empenhado na sua caça e na sua luta, desumanamente manhoso e incompreensível como a Serpente do Génesis.

De todas as conversas com Henri, mesmo das mais cordiais, sempre saí com um leve sabor a derrota; com a confusa suspeita de ter sido também, de uma forma involuntária, não um homem diante dele, mas um instrumento nas suas mãos.

Hoje, sei que Henri está vivo. Gostava muito de conhecer a sua vida de homem livre, mas não tenho vontade de voltar a vê-lo.

⁶ Com esta palavra, «*Muselmann*», ignoro porquê, os velhos do campo designavam os fracos, os ineptos, os votados à selecção.

EXAME DE QUIMICA

O *Kommando* 98, o assim chamado *Kommando* Químico, deveria ser uma secção de especialistas.

No dia em que foi oficialmente anunciada a sua constituição, um pequeno grupo de quinze *Häftlinge* reuniu-se à volta do novo *Kapo*, na Praça da Chamada, numa madrugada cinzenta.

Foi a primeira desilusão: tratava-se mais uma vez de um «triângulo verde», um criminoso profissional; o *Arbeitsdienst* não julgara necessário que o *Kapo* do *Kommando* Químico fosse um químico. Era inútil gastar fôlego para fazer perguntas; não responderia, ou responderia aos gritos e aos pontapés. Porém, o seu aspecto não muito forte e a sua altura inferior à média tranquilizavam um pouco.

Fez um curto discurso num alemão ordinário de caserna, que confirmou a desilusão. Então, eram estes os químicos; muito bem, ele era Alex e, se pensavam ter entrado no Paraíso, enganavam-se. Em primeiro lugar, até ao dia do início da produção, o *Kommando* 98 seria apenas um qualquer *Kommando* de Transporte destinado ao armazém do Cloreto de Magnésio. Para além disso, se pensavam, por serem *Intelligenten*, intelectuais, gozar com ele, Alex, um *Reichsdeu tscher*, nesse caso, *Herrgottssacramento*, teriam de se haver com ele, teriam... (e, com o punho cerrado e o indicador estendido, cortava o ar de viés, no gesto de ameaça dos alemães); finalmente, que não pensassem enganar ninguém, no caso de alguém se ter apresentado como químico sem o ser; num dos próximos dias, haveria um exame, isso mesmo, um exame de química, diante do Triunvirato da Secção de Polimerização: o *Doktor* Hagen, o *Doktor* Probst, o *Doktor Ingenieur* Pannwitz.

E com isto, *meine Herren*, já se perdera bastante tempo, os *Kommandos* 96 e 97 já se tinham encaminhado, portanto, em frente marche, e, para começar, quem não acompanhar o passo e não se mantiver em fila, terá de se haver com ele.

Era um *Kapo* igual a todos os outros *Kapos*.

Ao sair do *Lager*, diante da banda de música e do posto de contagem dos SS, marcha-se em filas de cinco, com o boné na mão, os braços imóveis ao longo do corpo e o pescoço rígido, e não é permitido falar. Depois, dispomo-nos três a três, e então podemos tentar trocar algumas palavras entre o ruído provocado por dez mil pares de

socas de madeira no chão.

Quem são estes meus companheiros químicos? Ao meu lado está Alberto, é estudante do terceiro ano, também desta vez conseguimos não nos separar. O terceiro à minha esquerda nunca o vi, parece muito novo, é pálido como a cera, traz o número dos holandeses. Também as três costas que estão à minha frente são novas. Para trás, é perigoso virar-se, poderia perder o passo ou tropeçar; porém, tento durante um segundo e vejo a cara de Iss Clausner.

Enquanto caminhamos, não temos tempo para pensar, é preciso cuidar de não tirar as socas ao que coxeia à nossa frente e de não as deixar tirar a nós por quem coxeia atrás; de vez em quando, aparece um cabo para ultrapassar, uma poça de água escorregadia para evitar. Sei onde estamos, já passámos por aqui com o meu *Kommando* anterior, é a *H-Strasse*, a rua dos armazéns. Digo-o a Alberto: vamos efectivamente para o armazém do Cloreto de Magnésio, pelo menos isto não foi mentira.

Chegámos, descemos para uma ampla cave húmida e cheia de correntes de ar; trata-se da sede do *Kommando*, que aqui se chama Bude. O *Kapo* divide-nos em três equipas; quatro a descarregarem os sacos dos vagões, sete a transportá-los para baixo, quatro a empilhá-los no armazém. Estes últimos somos eu com Alberto, Iss com o holandês.

Finalmente, podemos falar, e a cada um de nós o que Alex disse parece o sonho de um turco.

Com estas nossas caras vazias, com estes crânios rapados, com estas fardas humilhantes, fazer um exame de química. E será em alemão, evidentemente; e teremos de comparecer diante de algum *Doktor* ariano louro com a esperança de não vir a ter necessidade de assoar o nariz, porque talvez ele não saiba que não possuímos lenço, e com certeza não poderemos explicar-lho. E teremos connosco a nossa velha companheira, a fome, e teremos dificuldade em ficar com os joelhos imóveis, e ele sentirá sem dúvida este nosso cheiro, ao qual agora nos habituámos, mas que nos perseguia nos primeiros dias: o cheiro dos nabos e das couves cruas, cozidas e digeridas.

É assim mesmo, confirma Clausner. Será que os alemães precisam tanto de químicos? Ou trata-se de um novo truque, de uma nova máquina «*pour faire chier les Juifs*»? Apercebem-se do grotesco e do absurdo da prova que nos pedem, a nós, que já não estamos vivos, a nós, que já estamos meio dementes, à espera esquelética do nada?

Clausner mostra-me o fundo da sua marmita. No sítio onde os outros gravam o seu número, e Alberto e eu gravámos o nosso nome, Clausner escreveu: «*Ne pas chercher à comprendre.*»

Embora não pensando nisto mais do que alguns minutos por dia, e mesmo numa forma estranha, afastada e externa, temos perfeita consciência de que acabaremos por ser seleccionados. Sei que não tenho o cabedal dos que resistem, sou demasiado civilizado, penso ainda demasiado, desgasto-me no trabalho. Agora, também sei que irei safar-me se me tornar especialista, e que irei tornar-me especialista se superar um exame de química.

Hoje, este hoje verdadeiro em que estou sentado a uma secretária a escrever, eu próprio não tenho a certeza de que estas coisas aconteceram realmente.

Passaram três dias, três dos habituais dias imemoráveis, tão compridos ao passar, e tão curtos depois de passados, e já todos se tinham cansado de acreditar no exame de química.

O *Kommando* estava reduzido a doze homens: três tinham desaparecido da forma habitual daquele lugar, talvez na barraca ao lado, talvez apagados do mundo. Dos doze, cinco não eram químicos; todos eles tinham imediatamente pedido a Alex para voltar aos seus *Kommandos* anteriores. Não evitaram as pancadas, mas inesperadamente, e por não se sabe qual autoridade, foi decidido que ficassem, agregados na qualidade de auxiliares ao *Kommando* Químico.

Alex apareceu na cave do Cloreto de Magnésio e mandou-nos sair os sete, para irmos fazer o exame. E nós, como sete pintos desengonçados atrás da galinha, vamos atrás de Alex pela pequena escada do *Polymerisations-Büro*. Estamos no patamar; na porta, uma tabuleta com os três nomes famosos. Alex bate respeitosamente, tira o boné, entra; ouve-se uma voz calma; Alex volta a sair: – *Ruhe, jetz. Warten.* – Esperem em silêncio.

Esperar agrada-nos. Enquanto se espera, o tempo avança sem sobressaltos, sem termos de intervir para o fazer avançar; pelo contrário, quando se trabalha cada minuto, percorre-nos com fadiga e tem de ser expulso com muito esforço. Por isso, é sempre agradável esperar durante horas com a completa e obtusa inércia das aranhas nas velhas teias.

Alex está nervoso, anda para trás e para diante, e nós desviamo-nos todas as vezes, para o deixar passar. Também nós, cada um a seu modo, estamos inquietos; apenas Mendi não está. Mendi é rabino; provém da Rússia subcarpática, daquele emaranhado de povos em que cada um fala pelo menos três línguas, e Mendi fala sete. Sabe muitíssimas coisas, para além de rabino, é sionista militante, glotólogo, foi resistente e é doutorado em Jurisprudência; não é químico, mas quer tentar igualmente, é um pequeno homem tenaz, corajoso e arguto.

Bálla tem um lápis e os outros não o largam. Não temos a certeza de sermos ainda capazes de escrever, queríamos experimentar.

Kohlenwasserstoffe, Massenwirkungsgesetz. Vêm-me à memória os nomes alemães dos compostos e das leis: estou grato ao meu cérebro, deixei de me preocupar com ele, porém, ainda me serve muito bem.

Chega Alex. Eu sou um químico, que tenho a ver com este Alex? Pára com ar firme à minha frente, arranja-me bruscamente o colarinho do casaco, tira-me o boné e volta a colocá-lo na minha cabeça, depois dá um passo para trás, avalia o resultado com ar desgostoso e vira as costas murmurando: – *Was für ein Muselmann Zugang!* – Que nova aquisição tão pelintra!

A porta abriu-se. Os três doutores decidiram que seis dos candidatos serão examinados na parte da manhã. O sétimo, não. O sétimo sou eu, tenho o número de matrícula mais elevado, tenho de voltar para o trabalho. Só à tarde Alex me vem buscar; que azar, nem posso comunicar com os outros para saber «que perguntas fazem».

Desta vez, é mesmo. Pelas escadas, Alex olha para mim com ar sombrio, sente-se de qualquer forma responsável pelo meu aspecto miserável. Não gosta de mim porque sou italiano, porque sou judeu e porque, entre todos, sou o que mais se afasta do seu

ideal viril de primeiro-cabo. Por analogia, embora sem nada perceber do assunto, e tendo orgulho dessa sua incompetência, manifesta uma desconfiança profunda nas minhas probabilidades para o exame.

Entrámos. Está apenas o *Doktor Pannwitz*; Alex, com o boné na mão, fala com ele em voz baixa: – ... um italiano, está no *Lager* há apenas três meses, já meio *kaputt*... *Er sagt er ist Chemiker*... – mas ele, Alex, parece ter reservas quanto a isso.

Alex é rapidamente despachado e posto de lado, e sinto-me como Édipo diante da Esfinge. Tenho as ideias claras, e apercebo-me também de que, neste momento, o que está em jogo é importante; porém, sinto um impulso louco de desaparecer, de me subtrair à prova.

Pannwitz é alto, magro, louro; tem os olhos, os cabelos e o nariz como todos os alemães os devem ter, e está formidavelmente sentado atrás de uma complicada secretária. Eu, *Hdfiling* 174 517, estou de pé no seu escritório, que é um verdadeiro escritório, brilhante, limpo e arrumado, e parece-me que, se tocasse em qualquer ponto, iria deixar uma nódoa suja.

Depois de acabar de escrever, levantou os olhos e olhou para mim.

Desde então, pensei no *Doktor Pannwitz* muitas vezes e de muitas formas. Perguntei a mim próprio qual era o seu íntimo funcionamento de homem; como preenchia o seu tempo, para além da polimerização e da consciência indo-germânica; acima de tudo, quando voltei a ser um homem livre, desejei encontrá-lo de novo, certamente não por vingança, mas simplesmente por curiosidade acerca da alma humana.

Porque aquele olhar não aconteceu entre dois homens; e, se soubesse explicar a fundo a natureza daquele olhar, trocado como através

da parede de vidro de um aquário entre dois seres que habitam meios diferentes, também saberia explicar a essência da grande loucura da Terceira Alemanha.

O que todos pensávamos e dizíamos dos alemães percebeu-se naquele momento de forma imediata. O cérebro que governava aqueles olhos azuis e aquelas mãos tratadas dizia: «Isto que está à minha frente pertence a um género que, obviamente, é oportuno suprimir. No caso particular, é preciso averiguar antes se por acaso não contém algum elemento utilizável.» E, na minha cabeça, como sementes dentro de uma abóbora vazia: «Os olhos azuis e os cabelos louros são essencialmente maldosos. Não há comunicação possível. Sou especialista em química mineral. Sou especialista em sínteses orgânicas. Sou especialista...»

E começou o interrogatório, enquanto no seu canto bocejava e rangia Alex, o terceiro exemplar zoológico. – *Wo sind Sie geboren?* – trata-me por *Sie*, o senhor: o *Doktor Ingenieur Pannwitz* não tem sentido de humor. Maldito seja, não faz o mínimo esforço para falar num alemão minimamente compreensível.

– Licenciiei-me em Turim em 1941, *suma cum laude* – e, enquanto digo isto, tenho a nítida sensação de que não acredita em mim; para falar verdade, eu próprio não acredito, só de olhar as minhas mãos sujas e em chagas, as calças de forçado cheias de crostas de lama. Porém, sou eu mesmo, o licenciado de Turim, aliás, neste momento em particular, é impossível duvidar da minha identidade; de facto, o depósito de noções de química orgânica, apesar da longa inércia, responde à pergunta com inesperada docilidade; e, mais, esta ebriedade lúcida, esta exaltação que sinto correr

pelas veias quentes, reconheço-a bem, é a febre dos exames, a *minha* febre dos *meus* exames, aquela espontânea mobilização de todas as faculdades lógicas e de todas as noções que os meus colegas de universidade tanto me invejavam.

O exame está a correr bem. À medida que o constato, parece-me estar a crescer em altura. Agora, pergunta-me pelo assunto da minha tese de licenciatura. Tenho de fazer um esforço violento para suscitar estas sequências de recordações tão profundamente longínquas: é como se procurasse lembrar-me dos acontecimentos de uma encarnação anterior.

Algo me protege. As minhas pobres e velhas *Medidas de Constantes Dieléctricas* interessam particularmente este ariano louro, dono de uma existência certa: pergunta-me se sei inglês, mostra-me o texto de Gattermann, e também isto é absurdo e inverosímil, encontrar aqui, do outro lado do arame farpado, um texto de Gattermann absolutamente idêntico àquele em que estudava em Itália, no quarto ano, em minha casa.

Agora acabou: a excitação que me aguentou ao longo de toda a prova cai de repente e contemplo com ar estúpido e atônito a mão de pele loura que, com sinais incompreensíveis, escreve o meu destino na página branca.

– *Los, ab!* – Alex volta à cena, estou de novo debaixo da sua jurisdição. Cumprimenta Pannwitz batendo os tacões e em troca recebe um levíssimo aceno das pálpebras. Eu procuro por um instante uma fórmula de despedida apropriada: em vão, em alemão sei dizer comer, trabalhar, roubar, morrer; sei também dizer ácido sulfúrico, pressão atmosférica e gerador de ondas curtas, mas não sei mesmo como se pode cumprimentar uma pessoa de respeito.

Estamos de novo nas escadas. Alex voa pelos degraus: tem sapatos de couro, porque não é judeu, é leve a andar como os diabos de Malebolge. Vira-se de lá de baixo para me olhar com ar sombrio, enquanto desço, desajeitada e ruidosamente, com as minhas socas desirmanadas e enormes, agarrando-me ao corrimão como um velho.

Parece ter corrido bem, mas seria insensato contar com isso. Conheço já bastante o *Lager* para saber que nunca se devem fazer previsões, em particular quando optimistas. O que é certo é que passei um dia sem trabalhar, e portanto esta noite terei um pouco menos fome, e esta é uma vantagem concreta e adquirida.

Para voltar à Bude, é preciso atravessar um largo cheio de vigas e postes metálicos amontoados. O cabo de aço de um torniquete corta o caminho; Alex agarra-o para o ultrapassar; Donnerwetter olha para a mão preta de massa viscosa. Entretanto, alcancei-o: sem ódio e sem escárnio, Alex esfrega a mão no meu ombro, palma e costas, para a limpar, e ficaria muito espantado, o inocente e bruto Alex, se alguém lhe dissesse que hoje o julgo por este seu acto, ele e Pannwitz, e as inúmeras pessoas que foram como ele, grandes e pequenas, em *Ausch witz* e em todo o lado.

O CANTO DE ULISSSES⁷

Éramos seis a raspar e limpar o interior de uma cisterna enterrada; a luz do dia chegava-nos apenas através de uma pequena abertura que servia de entrada. Era um trabalho privilegiado, porque ninguém nos controlava; mas o local era frio e húmido. O pó da ferrugem ardia debaixo das pálpebras e empastava-nos a garganta e a boca com um sabor quase a sangue.

A escadinha de corda que pendia da abertura oscilou: aproximava-se alguém. Deutsch apagou o cigarro, Goldner acordou Sivadjan; todos recomeçámos a raspar com vigor a parede sonora de chapa de ferro.

Não era o *Vorarbeiter*, era apenas Jean, o *Pikolo* do nosso *Kommando*. Jean era um estudante alsaciano; apesar de ter já vinte e quatro anos, era o *Häftling* mais novo do *Kommando* Químico. Por isso, calhara-lhe o cargo de *Pikolo*, isto é, de moço de recados e escriturário, incumbido da limpeza da barraca, da entrega das ferramentas, da lavagem das marmitas, da contabilidade das horas de trabalho do *Kommando*.

Jean falava francês e alemão: mal se reconheceram os seus sapatos no degrau mais alto da escadinha, todos pararam de raspar:

– *Also, Pikolo, was gibt es Neues?*

– *Qu'est-ce qu'il y a comme soupe aujourd'hui?*

... De que humor estava o *Kapo*? E a questão das vinte e cinco chicotadas a Stern? Que tempo estava lá fora? Lera o jornal?

Cheirava a quê, a cozinha civil? Que horas eram?

Jean gozava de grande benevolência no *Kommando*. É preciso saber-se que o cargo de *Pikolo* constitui um degrau já bastante elevado na hierarquia das proeminências: o *Pikolo* (que normalmente não tem mais de dezassete anos) não faz trabalho manual, tem mão livre nos fundos da marmita do rancho e pode ficar o dia inteiro ao pé do aquecimento: «por isso», tem direito a meia ração suplementar e boas probabilidades de se tornar amigo e informador do *Kapo*, do qual recebe oficialmente as roupas e os sapatos que ele deixa de usar. Ora, Jean era um *Pikolo* excepcional. Era manhoso e fisicamente robusto, e ao mesmo tempo tranquilo e amigável: embora conduzindo com tenacidade e coragem a sua secreta luta individual contra o campo e contra a morte, não deixava de manter relações humanas com os companheiros menos privilegiados; por outro lado, fora tão hábil e perseverante, que conseguira conquistar a

confiança de Alex, o *Kapo*.

Alex mantivera todas as suas promessas. Demonstrara ser uma fera violenta e traiçoeira, couraçada com uma sólida e compacta ignorância e estupidez, exceptuando o seu faro e a sua técnica de carrasco experiente e hábil. Não perdia ocasião de se proclamar orgulhoso do seu sangue puro e do seu triângulo verde, e manifestava um desprezo soberbo para com os seus químicos maltrapilhos e esfomeados: – *Ir Doutorem! Ir Intelligenten!* – escarnecia todos os dias ao vê-los apinhar-se com as marmitas estendidas para a distribuição do rancho. Nas relações com os *Meister* civis, era extremamente condescendente e servil, e com os SS mantinha ligações de amizade cordial.

Era evidente o seu pouco à-vontade diante do livro de registo do *Kommando* e do pequeno relatório diário de actividade, e foi este o caminho que *Pikolo* escolhera para se lhe tornar necessário. Tratara-se de um trabalho lento, cuidadoso e subtil, que todo o *Kommando* acompanhara durante um mês retendo a respiração; mas a defesa do ouriço acabou por ser vencida, *Pikolo* foi confirmado no cargo, para satisfação de todos os interessados.

Embora Jean não abusasse da sua posição, já pudéramos constatar que uma palavra sua, dita no tom e no momento certo, tinha um grande poder; já por diversas vezes conseguira evitar para um ou outro de nós o chicote ou a denúncia aos SS. Éramos amigos há uma semana: descobríramo-nos um ao outro na ocasião excepcional de um alarme aéreo, mas a seguir, dominados pelo ritmo veloz do *Lager*, mais não conseguimos do que cumprimentar-nos à pressa, nas latrinas, nos lavatórios.

Pendurado com uma mão na escada oscilante, indicou-me:

– *Aljoui d’hui c’est Primo que venda ave mói chercher la sope.*

Até ao dia anterior fora Stern, o transilvano estrábico; mas agora caíra em desgraça por não sei que história de vassouras roubadas no armazém, e *Pikolo* conseguira apoiar a minha candidatura como ajudante no «*Essenholen*», a faxina diária do rancho.

Trepou para fora e eu fui atrás dele, piscando os olhos na luz viva do dia. Estava quentinho cá fora, o sol levantava da terra gordurosa um leve cheiro a tinta e a alcatrão que me fazia lembrar uma qualquer praia de Verão da minha infância. *Pikolo* deu-me uma das duas varas e caminhámos debaixo do céu claro de Junho.

Ia agradecer-lhe, mas interrompeu-me, não era preciso. Viam-se os Cárpatos cobertos de neve. Respirei o ar fresco, sentia-me estranhamente leve.

– *Tu es fou de marcher si vite. On a le temps, tu sais.*

O rancho era distribuído a um quilómetro de distância; depois, era preciso voltar com a marmitta de cinquenta quilos enfiada nas varas. Era um trabalho bastante cansativo, mas pressupunha uma agradável marcha de ida sem carregamento, e a ocasião sempre desejável de se aproximar das cozinhas.

Abrandámos o passo. *Pikolo* era esperto, escolhera inteligentemente o caminho, de forma a darmos uma volta comprida, caminhando pelo menos durante uma hora sem levantarmos suspeitas. Falámos das nossas casas, de Estrasburgo e de Turim, das nossas leituras, dos nossos estudos. Das nossas mães: como são todas parecidas, as mães! Também a mãe dele o repreendia por não saber nunca quanto dinheiro tinha no bolso, também a mãe dele se teria espantado se pudesse saber que se safara, que dia após dia se estava a safar.

Passou um SS de bicicleta. É Rudi, o *Blockführer*. Alto, continência, tirem o boné. – *Sale brute, celui-là. Ein ganz gemeiner Hund.* – Para ele, é indiferente falar francês ou alemão? É indiferente, pode pensar em ambas as línguas. Esteve na Ligúria um mês, gosta da Itália, queria aprender o italiano. Eu gostava de lhe ensinar o italiano: não podemos fazê-lo? Podemos. Mesmo já, uma coisa vale a outra, o importante é não perder tempo, não desperdiçar esta hora.

Passa Limentani, o romano, arrastando os pés, com uma marmita escondida debaixo do casaco. *Pikolo* está com atenção, agarra algumas palavras da nossa conversa e repete-as rindo: – *Zup-pa, cam-po, ac-qua.*

Passa Frenkel, o bufo. Aceleramos o passo, nunca se sabe, aquele tipo faz o mal só por fazer.

... O canto de Ulisses. Quem sabe como e porquê me lembrei disto: mas não temos tempo para escolher, esta hora já não é sequer uma hora. Se Jean é inteligente, vai perceber. Vai perceber: hoje sinto-me capaz de o conseguir.

... Quem é Dante. O que é a Comédia. Que estranha sensação de novidade se experimenta ao tentar explicar brevemente o que é a Divina Comédia. Como está dividido o Inferno, o que é a pena de talião. Virgílio é a razão, Beatriz, a teologia.

Jean está muito atento, e eu começo lento e cuidadoso:

Da flama antiga o mais alto dos cornos,
Murmurando, tornou-se tremulante
Como por vento archote verdascado.

A crista ele agitava lado a lado
Como se fora língua que falasse;
Uma voz se formou que até nos veio:
Quando...

A este ponto, paro e procuro traduzir. Um desastre: pobre Dante e pobre francês! Todavia, a experiência parece prometer: Jean admira a bizarra semelhança da língua, e sugere-me a palavra apropriada para traduzir «antiga».

E a seguir ao «Quando»? O vazio. Um buraco na memória. «Eneias não lhe pusera ainda o nome.» Outro buraco. Emergem alguns fragmentos não utilizáveis. «... Amor por filho jovem, pai idoso, jurado amor de esposo que a Penélope o coração de gáudio preenchia...», será mesmo exacto?

... Ao mar, pois, eu me fiz, mar alto aberto.

Disto, sim, disto estou certo, estou em condições de explicar a *Pikolo*, de discriminar porque é que «eu me fiz» não é «*je me mis*», é muito mais forte e mais audacioso, é uma corrente quebrada, é atirar-se a si próprio para além de uma barreira, nós conhecemos bem este impulso. O mar alto aberto: *Pikolo* viajou pelos mares e sabe o que significa, é quando o horizonte se fecha sobre si mesmo, livre, direito e simples, e só permanece o cheiro do mar: coisas doces ferozmente longínquas.

Chegámos ao *Kraftwerk*, onde trabalha o *Kommando* dos que colocam os cabos. Deve estar por aí o engenheiro Levi. Ei-lo, só se vê a cabeça fora da trincheira. Acena-me com a mão, é um homem de fibra, nunca o vi abatido, nunca fala em comida.

«Mar aberto». «Mar aberto». Sei que liga com «... dessa companhia escoltado que nunca ao meu destino me largara», mas já não me lembro se vem antes ou depois. E também a viagem, a viagem temerária para além das Colunas de Hércules, que tristeza, sou obrigado a ter de a contar em prosa: um sacrilégio. Apenas salvei um verso, mas vale a pena meditá-lo:

... Não fosse alguém tal arraia transpor.

«Transpor»: tinha de vir para o *Lager* para me aperceber de que «transpor» está relacionado com a expressão anterior, «eu me fiz». Mas não o revelo a Jean, não tenho a certeza de que se trate de uma observação importante. Quantas coisas mais haveria a dizer, mas o Sol já está alto, o meio-dia está próximo. Tenho pressa, uma pressa furibunda.

Atenção agora, *Pikolo*, abre os ouvidos e a mente, preciso que entendas:

De vossa origem meditai n'altura
Que vos impede a vida como brutos
Mas por saber, por bem, sempre exaltada.

Como se eu também o ouvisse pela primeira vez: como um tocar de trompete, como a voz de Deus. Por um momento, esqueci-me de quem sou e onde estou.

Pikolo pede-me para repetir. Como é bom *Pikolo*, apercebeu-se de que está a fazer-me bem. Ou talvez seja algo mais: talvez, apesar da tradução superficial e do comentário primário e apressado, tenha recebido a mensagem, tenha sentido que lhe diz respeito, que diz respeito a todos os homens atormentados, e a nós especialmente; e que diz respeito a nós dois, que ousamos raciocinar isto com as varas da sopa aos ombros.

Os ânimos tão fortes eu excitei...

... e esforço-me, mas em vão, por explicar quantas coisas significa este «excitei». Aqui, mais uma lacuna, desta vez irreparável. «... A Lua ao dia a luz já consentira» ou algo de parecido; mas antes... Nenhuma ideia, «*keine Ahnung*», como se diz aqui. *Pikolo* tem de me desculpar, esqueci-me pelo menos de quatro tercetos.

– *Ça ne fait rien, vas-y tout de même.*

... Quando distante vimos, nebulosa,
Isolada montanha que julguei
Das altas a mais alta que então vira.

Assim mesmo, não «muito alta», mas «das altas a mais alta», grau superlativo. E as montanhas, quando se vêem de longe... as montanhas... oh, *Pikolo*, *Pikolo*, diz

qualquer coisa, fala, não me deixes pensar nas minhas montanhas, que apareciam no lusco-fusco ao anoitecer quando regressava de comboio de Milão para Turim! Chega, é preciso ir para a frente, estas coisas que se pensam mas não se dizem. *Pikolo* espera e olha para mim.

Dava a minha sopa de hoje para saber ligar «a mais alta que então vira» com o final. Esforço-me por reconstruir através das rimas, fecho os olhos, mordo os dedos: mas não serve, o resto é silêncio. Dançam na minha cabeça outros versos: «... e a terra só de lágrimas foi vento...», não, é outra coisa. É tarde, chegámos à cozinha, é preciso concluir:

Três vezes na voragem o voltou;
A quarta, como de Alguém foi desejo,
Ergueu-se a popa e se abismou a proa...

Detenho *Pikolo*, é absolutamente necessário e urgente que oiça, que entenda este «como de Alguém foi desejo», antes que seja demasiado tarde, amanhã, ele ou eu podemos estar mortos, ou nunca mais voltar a ver-nos, tenho de lhe dizer, explicar-lhe a Idade Média, o tão humano, necessário e porém inesperado anacronismo, e outras coisas mais, algo de gigantesco que eu próprio só agora vi, na intuição de um instante, talvez o porquê do nosso destino, do nosso estar aqui hoje...

Estamos agora na fila para a sopa, no meio da multidão sórdida e esfarrapada dos encarregados da sopa dos outros *Kommandos*. Os recém-chegados apinham-se atrás de nós. – *Kraft und Rüben?* – *Kraut und Rüben*. – Anunciam oficialmente que hoje a sopa é de couves e nabos: – *Choux et navets* – *Kaposzta és répak*.

E sobre nós o pego se fechou.

7 Dante Alighieri, *Divina Comédia, Inferno*, Canto XXVI. (N. da T.)

OS ACONTECIMENTOS DO VERÃO

Ao longo de toda a Primavera, chegaram transportes da Hungria; um prisioneiro em cada dois era húngaro, o húngaro tornara-se, depois do iídiche, a segunda língua do campo.

No mês de Agosto de 1944, quem, como nós, chegara cinco meses antes, já era considerado entre os velhos. Por isso, nós do *Kommando* 98 não nos tínhamos admirado pelo facto de as promessas feitas e o exame de química superado não terem tido consequências: nem admirado nem entristecido para além do normal: no fundo, tínhamos todos um certo receio das mudanças: «Quando se muda, é para pior», dizia um dos provérbios do campo. Mais em geral, a experiência já nos demonstrara infinitas vezes a inutilidade de qualquer previsão: para quê atormentarmo-nos a prever o futuro, se nenhum acto nosso, nenhuma palavra nossa, poderia influencia-lo minimamente? Éramos velhos *Häftlinge*: a nossa sabedoria era «não procurar entender», não prefigurar o futuro, não nos atormentarmos acerca de como e de quando tudo acabaria: não fazer perguntas a outros nem a nós próprios.

Guardávamos as recordações da nossa vida anterior, mas veladas e longínquas e, por isso mesmo, profundamente doces e tristes, como o são para cada um as recordações da primeira infância e de todas as coisas findas; enquanto para cada um o momento da entrada no campo estava na origem de uma diferente sequência de recordações, estas, sim, próximas e duras, continuamente confirmadas pela experiência presente, como feridas abertas todos os dias.

As notícias que soubemos na obra, do desembarque dos Aliados na Normandia, da ofensiva russa e do atentado falhado contra Hitler, levantaram vagas de esperança violentas, mas efémeras. Cada um de nós sentia, dia após dia, as forças fugir, a vontade de viver dissolver-se, a mente obscurecer-se; e a Normandia e a Rússia estavam tão longe, e o Inverno tão perto; tão concretas eram a fome e a desolação, tão irreal tudo o resto, que não parecia possível que realmente existissem um mundo e um tempo, a não ser o nosso mundo de lama e o nosso tempo estéril e estagnante para o qual já não éramos capazes de imaginar um fim.

Para os homens vivos, as unidades do tempo têm sempre um valor, tanto maior quanto mais elevados são os recursos interiores de quem as percorre; mas para nós horas, dias e meses extravasavam entorpecidamente do futuro para o passado, sempre

demasiado lentos, matéria viva e supérflua de que procurávamos desfazer-nos o mais rapidamente possível. Acabara o tempo em que os dias se seguiam vivos, preciosos e irreparáveis, e o futuro estava diante de nós cinzento e inarticulado, como uma barreira invencível. Para nós, a história parara.

Mas em Agosto de 1944 começaram os bombardeamentos sobre a Alta Silésia, e prolongaram-se, com pausas e recomeços irregulares, por todo o Verão e Outono, até à crise definitiva.

O monstruoso e coeso trabalho de gestão da Buna parou bruscamente e imediatamente degenerou numa actividade desarticulada, frenética e paroxística. O dia em que a produção da borracha sintética devia começar, que em Agosto parecia próximo, foi sempre adiado, e os alemães acabaram por não falar mais no assunto.

O trabalho construtivo cessou; a potência do imenso rebanho de escravos foi dirigida para outros fins, e tornou-se dia após dia mais hostil e passivamente inimiga. Depois de cada incursão, havia sempre novos estragos para reparar; desmontar e desmobilizar a delicada maquinaria que poucos dias antes tanto custara pôr a trabalhar, erguer apressadamente abrigos e protecções, que à próxima prova se revelavam ironicamente inconsistentes e inúteis.

Acreditáramos que qualquer coisa seria preferível à monotonia dos dias iguais e teimosamente longos, à esqualidez sistemática e ordenada da Buna em actividade; mas tivemos de mudar de ideias, quando a Buna começou a cair aos pedaços à nossa volta, como se tivesse sido atingida por uma maldição em que nós próprios nos sentíamos envolvidos. Tivemos de suar entre o pó e os escombros em chama, e tremer como animais, prostrados no chão debaixo da raiva dos aviões; voltávamos à noite para o campo, quebrados pela fadiga e ressequidos pela sede, nas noites intermináveis e ventosas do Verão polaco, e encontrávamos o campo assolado, não havia água para beber ou para nos lavarmos, não havia sopa para as veias vazias, não havia luz para defender o bocado de pão de cada um da fome dos outros, e para reencontrar, de manhã, os sapatos e as roupas no buraco escuro e cheio de gritos do *Block*.

Na Buna, dominavam os civis alemães, com o furor do homem seguro de si que acorda de um longo sonho de domínio, vê a sua ruína e não a sabe entender. Mesmo os *Reichsdeutsche* do *Lager*, incluindo os políticos, na hora do perigo voltaram a sentir o elo do sangue e da pátria. Este novo acontecimento fez com que o emaranhado dos ódios e das incompreensões voltasse aos seus termos primitivos, dividindo os dois campos: os políticos, juntamente com os triângulos verdes e os SS, viam, ou julgavam ver, em cada um dos nossos rostos, o escárnio da desforra e a alegria mesquinha da vingança. Nisto, houve concordância entre eles, e a sua brutalidade redobrou.

Nenhum alemão já podia esquecer que estávamos do outro lado: do lado dos terríveis semeadores que sulcavam o céu alemão como donos, por cima de qualquer barreira, e torciam o ferro vivo das suas obras, trazendo todos os dias a chacina até ao interior das suas casas, das casas nunca antes violadas do povo alemão.

Quanto a nós, estávamos demasiado destruídos para ter verdadeiramente medo. Os poucos que ainda sabiam julgar e sentir correctamente tiraram dos bombardeamentos nova força e esperança; os que a fome não levava ainda à inércia definitiva aproveitaram frequentemente os momentos de pânico geral para levar a cabo

expedições duplamente temerárias (porque, para além do risco directo das incursões, o roubo perpetrado em condições de emergência era punido com a força) às cozinhas da fábrica e aos armazéns. Mas a maioria suportou o novo perigo e as novas dificuldades com idêntica indiferença: não se tratava de resignação consciente, mas do torpor baço das feras domadas à pancada, que já não sentem a dor.

Para nós, era proibido o acesso aos abrigos blindados. Quando a terra começava a tremer, arrastávamo-nos, atordoados e coxeando, através dos fumos corrosivos dos gases, até às amplas áreas incultas, sórdidas e estéreis, dentro da cerca da Buna; ali, jazíamos inertes, amontoados uns em cima dos outros como mortos e todavia sensíveis à momentânea doçura dos membros em repouso. Olhávamos com olhos atónitos as colunas de fumo e de fogo que irrompiam à nossa volta: nos momentos de trégua, invadidos pelo leve zumbido ameaçador que todos os europeus conhecem, escolhíamos do solo mil vezes pisado as chicórias e as camomilas mal nascidas, que mastigávamos longamente em silêncio.

Depois de o alarme acabar, voltávamos de todos os lados para os nossos lugares, rebanho mudo, imenso, habituado à ira dos homens e das coisas; retomávamos o nosso trabalho de sempre, odiado como sempre, e agora já claramente inútil e insensato.

Neste mundo abalado cada dia mais profundamente pelas convulsões do fim próximo, entre novos terrores, esperanças e intervalos de escravidão exacerbada, aconteceu-me encontrar Lorenzo.

A história da minha relação com Lorenzo é ao mesmo tempo comprida e breve, linear e enigmática; é uma história de um tempo e de uma condição já apagados de qualquer realidade presente, e, por isso, não creio que possa ser compreendida hoje de uma forma diferente da dos acontecimentos das lendas e da história mais remota.

Em termos concretos, reduz-se a pouca coisa: um operário civil italiano trouxe-me um bocado de pão e os restos do seu rancho, todos os dias, durante seis meses; ofereceu-me uma camisola sua cheia de remendos; escreveu por mim um postal para a Itália e fez-me chegar a resposta. Por tudo isto, não pedi nem aceitou alguma compensação, porque era bom e simples, e não achava que o bem devesse fazer-se para obter compensações.

Tudo isto não deve parecer pouco. O meu caso não foi o único; como já se disse, outros entre nós tinham relações de vários tipos com civis, e delas tiravam quanto chegava para sobreviver: mas eram relações de natureza diferente. Os nossos companheiros falavam delas com o mesmo tom ambíguo e cheio de subentendidos com que os homens normais falam das suas relações com as mulheres: isto é, como de aventuras de que se pode com toda a razão orgulhar-se e pelas quais se deseja ser invejado, mas que, porém, mesmo para as consciências mais pagãs, não deixam de colocar-se à margem do que é lícito e honesto; pelo que seria incorrecto e inconveniente falar delas com excessiva complacência. Assim, os *Häftlinge* falam dos seus «protectores» e «amigos» civis, mas com discrição ostentada, sem dizer nomes, para não os comprometer e também sobretudo para não criar indesejáveis rivais. Os mais experimentados, os sedutores profissionais, como Henri, nem sequer falam: envolvem os seus êxitos numa atmosfera de mistério equívoco, e limitam-se a acenos e alusões, calculados de forma a suscitarem nos ouvintes a lenda confusa e inquietante

de que gozam dos bons officios de civis ilimitadamente poderosos e generosos. Tudo isto, com vista a um objectivo bem definido; a fama de afortunado, como já se disse, demonstra-se de uma utilidade fundamental para quem sabe envolver-se nela.

A fama de sedutor, de «organizador», provoca, ao mesmo tempo, inveja, escárnio, desprezo e admiração. Quem deixa que o vejam enquanto come qualquer coisa de «organizado», é julgado muito severamente; trata-se de uma grave falta de pudor e de diplomacia, além de uma evidente estupidez. Igualmente estúpido e impertinente seria perguntar «quem to deu?, onde o encontraste?, como conseguiste?». Apenas os Números Altos, ingénuos, inúteis e indefesos, que nada sabem das regras do *Lager*, fazem perguntas destas; a elas não se responde, ou responde-se «*Verschwinde, Mensch!*», «*Hau'ab*», «*Uciekaj*», «*Schiess' in den Wind*», «*Va chier*»; em suma, com um dos muitíssimos equivalentes de «Não te metas» em que a gíria do campo abunda.

Há também quem se especialize em complexas e pacientes campanhas de espionagem, para descobrir quem é o civil ou o grupo de civis com quem o tipo «organizado» tem relações, e procura, a seguir, de várias formas, substituí-lo. Surgem assim intermináveis controvérsias de prioridade, que se tornam mais amargas para o pendente pelo facto de um civil já «trabalhado» ser quase sempre mais rendível, e sobretudo mais seguro, do que um civil no seu primeiro contacto connosco. É um civil que vale muito mais, por evidentes razões sentimentais e técnicas; já conhece os fundamentos da «organização», as suas regras e os seus perigos, e, além disso, demonstrou saber ultrapassar as barreiras de casta.

De facto, nós para os civis somos os intocáveis. Os civis, mais ou menos explicitamente, e com todas as *nuances* que se colocam entre o desprezo e a comiseração, pensam que, por termos sido condenados a esta nossa vida, por estarmos reduzidos a esta nossa condição, devemos ter cometido uma qualquer misteriosa e gravíssima falta. Ouvem-nos falar em muitas línguas diferentes, que não percebem, e que aos seus ouvidos soam grotescas como vozes de animais; vêem-nos ignobilmente escravizados, sem cabelos, sem honra e sem nome, espancados dia após dia, dia após dia mais abjectos, e nunca lêem nos nossos olhos uma luz de rebelião, ou de paz, ou de fé. Conhecem-nos como sendo ladrões e suspeitos, lamacentos, esfarrapados e esfomeados, e, confundindo o efeito com a causa, julgam-nos dignos da nossa abjecção. Quem seria capaz de distinguir os nossos rostos? Para eles, nós somos «*Kazett*», neutro singular.

Naturalmente, isto não impede a muitos de nos atirarem de vez em quando um bocado de pão ou uma batata, ou de nos confiarem, depois da distribuição da «*Zivilsuppe*» na obra, as suas marmitas para rasparmos e devolvermos limpas. Fazem-no para acabar com algum olhar inoportuno e faminto à sua volta, ou por um impulso momentâneo de humanidade, ou pela simples curiosidade de nos verem acorrer de todos os lados para disputarmos entre nós a presa, como animais sem vergonha, até que o mais forte a agarre, e todos os outros se afastem, então, desiludidos e a coxear.

Ora bem, entre mim e Lorenzo, nada disto aconteceu. Por mais sentido que faça querer definir as causas pelas quais precisamente a minha vida, entre milhares de outras equivalentes, pôde aguentar a prova, creio que devo justamente a Lorenzo o facto de estar vivo hoje; não tanto pela sua ajuda material, quanto por me ter

constantemente lembrado com a sua presença, com a sua maneira tão linear e fácil de ser bom, que ainda existia um mundo justo para além do nosso, algo e alguém ainda puro e incontaminado, não corrupto e não selvagem, alheio ao ódio e ao medo; algo que mal se pode definir, uma remota possibilidade de bem, pela qual, porém, valia a pena conservar-se.

As personagens destas páginas não são homens. A sua humanidade está sepultada, ou eles mesmos a sepultaram, debaixo da ofensa que sofreram ou que infligiram a outrem. Os SS maus e estúpidos, os *Kapos*, os políticos, os criminosos, os proeminentes grandes e peque-nos, até os Häftlinge indiferenciados e escravos, todos os degraus da insana hierarquia criada pelos alemães, estão paradoxalmente unidos numa única desolação interior.

Mas Lorenzo era um homem; a sua humanidade era pura e incontaminada, estava fora deste mundo de negação. Graças a Lorenzo, aconteceu-me não esquecer que também eu era um homem.

OUTUBRO DE 1944

Lutámos com todas as nossas forças para que o Inverno não chegasse. Agarrámo-nos a todas as horas tépidas, a cada fim de dia procurámos reter o Sol no céu mais um pouco, mas tudo foi inútil. Ontem à noite, o Sol pôs-se irrevogavelmente num emaranhado de nevoeiro sujo, de chaminés e de fios, e hoje de manhã é Inverno.

Nós sabemos o que isto significa, porque estávamos aqui no Inverno passado, e os outros aprendê-lo-ão cedo. Significa que, ao longo destes meses, entre Outubro e Abril, em cada dez de nós, sete irão morrer. Quem não morrer, irá sofrer minuto após minuto, em cada dia, todos os dias: desde antes do amanhecer até à distribuição da sopa da noite, deverá ter constantemente os músculos tensos, dançar de um pé para o outro, bater os braços debaixo das axilas para resistir ao frio. Terá de gastar pão para arranjar luvas, e perder horas de sono para as remendar quando estiverem descosidas. Já não se podendo comer ao ar livre, teremos de tomar as nossas refeições na barraca, de pé, dispondo cada um de um palmo de chão, pois é proibido apoiarmo-nos aos beliches. Nas mãos de todos abrir-se-ão feridas, e para obter uma ligadura teremos de esperar todas as noites durante horas, de pé, à neve e ao vento.

Como esta nossa fome não é a sensação de quem saltou uma refeição, o nosso modo de ter frio exigiria assim um nome particular. Nós dizemos «fome», dizemos «cansaço», «medo» e «dor», dizemos «Inverno», mas são coisas diferentes. São palavras livres, criadas e utilizadas por homens livres que viviam, gozando e sofrendo, em suas casas. Se os *Lager* tivessem durado mais tempo, uma nova, dura, linguagem teria nascido; e é disto que se sente a falta para explicar o que é labutar o dia inteiro ao vento, com uma temperatura abaixo de zero, vestindo apenas camisa, cuecas, casaco e calças de tela, tendo no corpo fraqueza e fome e consciência do fim que se aproxima.

Da mesma forma com que se vê acabar uma esperança, assim hoje de manhã chegou o Inverno. Apercebemo-nos ao sair da barraca para nos irmos lavar: não havia estrelas, o ar escuro e frio cheirava a neve. Na Praça da Chamada, à primeira luz, quando nos juntámos para irmos trabalhar, ninguém falou. Quando vimos os primeiros flocos de neve, pensámos que, se no ano passado por esta altura nos tivessem dito que iríamos ver mais um Inverno no *Lager*, nos teríamos atirado contra o arame farpado electrificado; e que mesmo agora o faríamos, se fôssemos lógicos, se não fosse este

insensato e louco resíduo de esperança inconfessável.

Pois «Inverno» significa mais ainda.

Na passada Primavera, os alemães construíram duas enormes tendas num largo do nosso *Lager*. Cada uma, durante toda a estação quente, hospedou mais de mil homens; agora, as tendas foram desmontadas, e dois mil hóspedes a mais enchem as nossas barracas. Nós, prisioneiros mais velhos, sabemos que os alemães não gostam destas irregularidades, e que cedo algo há-de acontecer para reduzir o nosso número.

Sente-se que estão a chegar as selecções. «*Selecta*»: a híbrida palavra latina e polaca ouve-se uma, duas, muitas vezes, intercalada com conversas estrangeiras; primeiro não a identificamos, a seguir impõe-se à nossa atenção, finalmente acaba por nos perseguir.

Hoje de manhã, os polacos dizem «*Selecta*». Os polacos são os primeiros a saber as notícias e, em geral, procuram não deixar que se difundam, pois saber-se qualquer coisa, enquanto os outros ainda não sabem, pode ser vantajoso. Quando todos souberem que a selecção está próxima, o muito pouco que alguém poderia tentar para escapar (corromper com pão ou com tabaco alguns médicos ou alguns proeminentes; passar da barraca para o Ka-Be ou vice-versa, no momento certo, de forma a evitar a comissão) já será monopólio deles.

Nos dias a seguir, a atmosfera do *Lager* e da obra está saturada de «*Selecta*»; ninguém sabe nada ao certo, mas todos falam, até os operários livres, polacos, italianos, franceses, que às escondidas vemos no trabalho. Não se pode dizer que daí resulte uma vaga de prostração. O nosso moral colectivo está demasiado inarticulado e baixo para ser instável. A luta contra a fome, o frio e o trabalho deixa pouco espaço para o pensamento, mesmo tratando-se deste pensamento. Cada um reage à sua maneira, mas quase ninguém com aquelas atitudes que pareceriam mais plausíveis porque são realísticas, isto é, a resignação ou o desespero.

Quem pode tomar providências, toma-as; mas são uma minoria, pois subtrair-se à selecção é muito difícil; os alemães fazem estas coisas com grande seriedade e diligência.

Quem não pode tomar providências materiais, procura defender-se de outra maneira. Nas latrinas, nos lavatórios, mostramos uns aos outros o tórax, as nádegas, as coxas, e os companheiros tranquilizam-nos: – Podes estar tranquilo, não vai ser a tua vez... *du bist kein Muselmann*... eu, pelo contrário... – e por sua vez baixam as calças e levantam a camisa.

Ninguém nega esta esmola ao outro: ninguém está tão certo da sua própria sorte para ter coragem de condenar os outros. Também eu menti descaradamente ao velho Wertheimer; disse-lhe que, caso fosse interrogado, dissesse ter quarenta e cinco anos, e que não deixasse de se barbear na noite anterior, mesmo à custa de ter de pagar com um quarto de pão; que, de qualquer modo, não tem de ter medo, e que por outro lado não há absolutamente a certeza de que se trate de uma selecção para o gás: não ouviu do *Blockältester* que os escolhidos irão para Jaworszno, o campo de convalescença?

É absurdo que Wertheimer tenha esperanças: demonstra sessenta anos, tem varizes enormes, já quase não sente a fome. Porém, vai deitar-se sereno e tranquilo, e, a quem lhe faz perguntas, responde com as minhas palavras; são a palavra de ordem do campo nestes dias: eu próprio repeti-as, à parte um ou outro pormenor, como as ouvi recitar

de Chajim, que está no *Lager* há três anos e, sendo forte e maciço, está admiravelmente seguro de si; e acreditei nele.

Foi nesta base exígua que também eu atravessei a grande selecção de Outubro de 1944 com inconcebível tranquilidade. Estava tranquilo porque tinha conseguido mentir a mim próprio o suficiente. O facto de não ter sido escolhido dependeu sobretudo do acaso e não demonstra que a minha confiança fosse bem fundamentada.

Também *Monsiú* Pincre é, *a priori*, um condenado: basta ver-lhe os olhos. Chama-me com um sinal e, com ar confidencial, conta-me que soube, não me pode dizer a fonte, que efectivamente desta vez há novidades: a Santa Sé, por intermédio da Cruz Vermelha Internacional... enfim, garante ele pessoalmente, que, tanto para ele como para mim, é absolutamente de excluir qualquer perigo: na vida civil, ele era, como é sabido, adido da embaixada belga em Varsóvia.

De uma maneira ou de outra, também estes dias de espera, que, ao contarem-se, parecem ter sido atormentados para além de qualquer limite humano, passam de uma forma não muito diferente dos outros.

A disciplina do *Lager* e da Buna não abranda em nada; o trabalho, o frio e a fome são suficientes para absorver completamente as nossas atenções.

Hoje, é domingo de trabalho, *Arbeitssonntag*: trabalha-se até às treze, depois volta-se para o campo para o duche, o corte dos cabelos e o controlo geral da sarna e dos piolhos; e na obra, misteriosamente, todos soubemos que a selecção será hoje.

A notícia chegou, como sempre, acompanhada por uma auréola de pormenores contraditórios e suspeitos: hoje mesmo de manhã houve selecção na enfermaria; a percentagem foi de sete por cento do total, de trinta, de cinquenta por cento dos doentes. Em Birkenau, a chaminé do Forno Crematório fumega há dez dias. Estão a arranjar lugar para um enorme transporte que está prestes a chegar do gueto de Posen. Os jovens dizem aos jovens que serão todos os velhos a ser escolhidos. Osãos dizem aosãos que serão só os doentes a ser escolhidos. Os especialistas serão excluídos. Os judeus alemães serão excluídos. Os Números Baixos serão excluídos. Tu serás escolhido. Eu serei excluído.

Normalmente, a partir das treze em ponto, a obra esvazia-se, e a coluna cinzenta e interminável desfila durante duas horas diante das duas estações de controlo, onde, como todos os dias, somos contados uma, duas vezes, e diante da orquestra que, durante duas horas sem interrupção, toca, como todos os dias, as marchas com as quais, à entrada e à saída, temos de sincronizar os nossos passos.

Tudo parece correr como sempre: a chaminé das cozinhas fumega como habitualmente, a distribuição da sopa já começou. Mas a seguir ouviu-se o sino, e foi então que percebemos que a hora chegara.

Porque este sino toca sempre de madrugada, para a alvorada, mas quando toca a meio do dia quer dizer «*Blocksperr*», clausura dentro da barraca, o que acontece quando há selecção, para que ninguém escape, e, quando os seleccionados partem para o gás, para que ninguém os veja partir.

O nosso *Blockältester* conhece o seu ofício. Certificou-se de que todos tinham recolhido, mandou fechar a porta à chave, distribuiu a cada um a ficha com a matrícula, o nome, a profissão, a idade e a nacionalidade, e deu ordem para que cada

um se despiisse completamente, mantendo só os sapatos. Nesta figura, nus e com a ficha na mão, iremos esperar que a comissão chegue à nossa barraca. A nossa é a Barraca 48, mas não se pode prever se se começará pela Barraca 1 ou pela Barraca 60. De qualquer modo, durante pelo menos uma hora podemos ficar descansados, e não há razão para não nos enfiarmos debaixo dos cobertores das camas para nos aquecermos.

Muitos já estão a dormir, quando um eclodir de ordens, de imprecações e de golpes indica que a comissão está a chegar. O *Blockältester* e os seus ajudantes, com socos e gritos, a partir do fundo do dormitório, enfrentam a turba de seres nus e atemorizados e obrigam-nos a amontoar-se para dentro do *Tagesraum*, que é a Direção-Armazém. O *Tagesraum* é um pequeno local de sete metros por quatro: quando a caça acaba, dentro do *Tagesraum* está comprimida uma massa humana quente e compacta, que invade e enche perfeitamente todos os cantos e exerce sobre as paredes de madeira uma pressão de tal ordem, que as faz chiar.

Agora estamos todos no *Tagesraum* e, para além de tempo, também não há espaço para termos medo. A sensação da carne quente que pressiona tudo em volta é singular e não desagradável. É preciso cuidar de manter o nariz levantado, à procura de ar, e de não amarrotar ou perder a ficha que temos na mão.

O *Blockältester* fechou a porta *Tagesraum*-dormitório e abriu as outras duas, que do *Tagesraum* e do dormitório dão para o exterior. Aí, em frente das duas portas, está o árbitro do nosso destino, que é um graduado dos SS. Tem à sua direita o *Blockältester*, à esquerda o encarregado do armazém da barraca. Cada um de nós, que sai nu do *Tagesraum* ao frio do ar de Outubro, tem de dar a correr os poucos passos entre as duas portas perante os três, entregar a ficha ao SS e voltar a entrar pela porta do dormitório. O SS, na fracção de segundos entre as duas passagens sucessivas, com um olhar para a cara e para as costas decide da sorte de cada um, e entrega por sua vez a ficha ao homem que está à sua direita ou ao homem que está à sua esquerda, e isto é a vida ou a morte de cada um de nós. Em três ou quatro minutos, uma barraca de duzentos homens está «feita», e à tarde está «feito» o campo inteiro de doze mil homens.

Comprimido na multidão do *Tagesraum*, senti gradualmente diminuir a pressão humana em volta e, em breve, chegou a minha vez. Como todos, avancei com passo enérgico e elástico, procurando manter a cabeça erguida, o tórax inchado e os músculos contraídos e em evidência. Com o canto do olho, tentei ver atrás de mim, e pareceu-me que a minha ficha foi para a direita.

À medida que voltamos para o dormitório, podemos vestir-nos. Ninguém ainda conhece com certeza o seu destino, é preciso antes de mais nada determinar se as fichas condenadas foram as da direita ou as da esquerda. Agora, já não vale a pena estarmos a poupar-nos uns aos outros e ter escrúpulos supersticiosos. Todos se apinham em volta dos mais velhos, dos mais debilitados, dos mais «muçulmanos», se as fichas deles foram para a esquerda, a esquerda é sem dúvida o lado dos condenados.

Ainda antes de a selecção acabar, todos já sabem que a esquerda foi efectivamente a «*schlechte Seite*», o lado infausto. Há naturalmente irregularidades: René, por exemplo, tão novo e forte, foi parar à esquerda: talvez porque usa óculos, talvez por

caminhar um pouco curvado como os míopes, mas mais provavelmente por uma simples falta de atenção: René passou diante da comissão imediatamente antes de mim, e poderia ter havido uma troca de fichas. Volto a pensar nisto, falo com Alberto, e chegamos à conclusão de que a hipótese é verosímil: não sei o que pensarei disto amanhã ou depois; hoje, não suscita dentro de mim alguma emoção definida.

Igualmente de um erro se deve ter tratado em relação a Sattler, um maciço camponês transilvano que há vinte dias ainda se encontrava em sua casa; Sattler não percebe o alemão, não percebeu nada do que aconteceu e está num canto a remendar a sua camisa. Tenho de lhe dizer que a camisa já não vai fazer falta?

Não há que estranhar estes enganos: o exame é muito rápido e sumário, e por outro lado, para a administração do *Lager*, o importante não é tanto que sejam eliminados mesmo os mais inúteis, conquanto se libertem rapidamente lugares numa certa percentagem anteriormente fixada.

Na nossa barraca, a selecção já acabou, mas continua nas outras, pelo que continuamos enclausurados. Mas, dado que entretanto chegaram os bidões da sopa, o *Blockältester* decide proceder sem demora à distribuição. Aos seleccionados, será distribuída uma ração dupla. Nunca soube se se tratava de uma iniciativa absurdamente piedosa do *Blockältester* ou de uma disposição explícita dos SS, mas de facto, no intervalo de dois ou três dias (às vezes, mesmo muito mais longo), entre a selecção e a partida, as vítimas em Monowitz-Auschwitz gozavam deste privilégio.

Ziegler apresenta a marmita, recebe a ração normal, depois fica ali à espera. – O que é que queres mais? – pergunta o *Blockältester*: não lhe consta que Ziegler tenha direito ao suplemento, manda-o embora com um empurrão, mas Ziegler volta e insiste humildemente: foi mesmo colocado à esquerda, todos viram, o *Blockältester* que vá consultar as fichas: tem direito à ração dupla. Depois de a obter, vai tranquilamente comer para a cama.

Agora, cada um está a raspar cuidadosamente com a colher o fundo da marmita para tirar os últimos restos de sopa, o que provoca um ruído metálico que significa que o dia acabou. Pouco a pouco, o silêncio prevalece, e então, da minha cama, no terceiro andar, vê-se e ouve-se que o velho Kuhn reza, em voz alta, com o boné na cabeça e abanando o corpo com violência. Kuhn agradece a Deus por não ter sido escolhido.

Kuhn é um insensato. Não vê, na cama ao lado, Beppo, o grego, que tem vinte anos, e que depois de amanhã irá para o gás; e que, sabendo-o, fica deitado olhando fixamente a lâmpada sem dizer nada e sem pensar em mais nada? Não sabe Kuhn que a próxima será a sua vez? Não percebe Kuhn que hoje aconteceu uma coisa abominável que nenhuma oração propiciatória, nenhum perdão, nenhuma expiação dos culpados, nada, em suma, que esteja em poder do homem fazer, poderá nunca mais cancelar?

Se eu fosse Deus, cuspiria para o chão a oração de Kuhn.

KRAUS

Quando chove, queríamos poder chorar. Estamos em Novembro, já chove há dez dias, e o terreno é como o fundo de um pântano. Tudo o que é de madeira cheira a bolor.

Se pudesse dar dez passos para a esquerda, lá há um telheiro, poderia abrigar-me; seria suficiente também um saco para me tapar os ombros; ou apenas a esperança de uma fogueira para me secar; ou então um pano seco para pôr entre a camisa e as costas. Penso nisto, entre uma pazada e outra, e chego mesmo a acreditar que possuir um pano seco seria uma positiva felicidade.

Mais molhados do que isto, não podemos estar; por isso, é preciso movimentarmos o menos possível, e sobretudo não fazermos movimentos novos, para não acontecer que outras partes do corpo entrem sem necessidade em contacto com a roupa encharcada e gelada.

Por sorte, hoje não está vento. É estranho, de uma maneira ou de outra, tem-se sempre a impressão de ter sorte, quando uma circunstância qualquer, mesmo infinitésima, nos retém à beira do desespero e nos concede viver. Chove, mas não há vento. Ou então, chove e há vento: mas sabes que esta noite é a tua vez de ter o suplemento de sopa, e então também hoje encontras força para chegar até à noite. Ou, ainda, há chuva, vento e a fome habitual, e então pensas que, se fores mesmo obrigado, se sentires no coração nada mais do que sofrimento e tédio, como às vezes acontece, então parece realmente ter-se tocado o fundo; pois bem, mesmo neste caso pensamos que, se quisermos, podemos em qualquer momento atirar-nos contra o arame farpado electrificado, ou para debaixo dos comboios em manobra, e então acabaria de chover.

Desde hoje de manhã que estamos enterrados na lama, de pernas afastadas, sem nunca tirar os pés das duas covas que se formaram no terreno lamacento, oscilando sobre as ancas a cada pazada. Eu estou a meio da escavação, Kraus e Clausner estão no fundo, Gounan está por cima de mim, ao nível do solo. Apenas Gounan pode olhar em volta, e com monossílabos avisa de vez em quando Kraus se convém acelerar o ritmo, ou, eventualmente, descansar, conforme quem passa pelo caminho. Clausner cava, Kraus atira a terra para mim às pazadas, e eu levanto-a para Gounan que a amontoa ao lado. Outros vão numa roda-viva com os carrinhos e levam a terra sabe-se lá para

onde, não interessa; hoje, o nosso mundo é este buraco de lama.

Kraus falhou um movimento, um pedaço de lama voa e vem esmagar-se sobre os meus joelhos. Não é a primeira vez que acontece, sem muita confiança peço-lhe para ter cuidado; é húngaro, percebe muito mal o alemão e não sabe uma palavra de francês. É muito alto, usa óculos e tem um rosto curioso, pequeno e torcido; quando ri, parece uma criança, e ri frequentemente. Trabalha de mais, e com demasiado vigor: ainda não aprendeu a nossa arte subterrânea de economizar tudo, fôlego, movimentos e até o pensamento. Ainda não sabe que é melhor apanhar pancada, porque de pancada em geral não se morre, mas de fadiga sim, e mal, e quando se dá por isso já é demasiado tarde. Continua a pensar... Oh, não, pobre Kraus, não é raciocínio, é simplesmente a sua honestidade ingênua de pequeno empregado, que trouxe até aqui, e agora julga que aqui dentro é como lá fora, onde trabalhar é honesto e lógico e, além disso, conveniente, pois, conforme todos dizem, quanto mais se trabalhar, tanto mais se ganha e se come.

– *Regardez-moi ça!... Pas si vite, idiot!* – impreca Gounan de lá de cima; depois lembra-se de traduzir para alemão: – *Langsam, du blöder Einer, langsam, verstanden?* –; Kraus pode até matar-se de trabalho, se quiser, mas não hoje, que estamos a trabalhar em cadeia e o ritmo do nosso trabalho é condicionado por ele.

E ouve-se a sirene do Carburato; agora, os prisioneiros ingleses vão-se embora, são quatro e meia. Depois irão passar as raparigas ucranianas, e então serão cinco horas, poderemos endireitar as costas, e apenas haverá a marcha de regresso, a chamada e o controlo dos piolhos a separarem-nos do descanso.

Por todos os lados toca a reunir, «*Antreten*»; por todos os lados aparecem fantoches de lama, esticam os membros entorpecidos, levam as ferramentas para as barracas. Nós tiramos os pés da cova, cuidadosamente, para não deixar as socas lá dentro, e, cambaleando e pingando, vamos tomar lugar para a marcha de regresso. «*Zu dreien*», a três. Tentei pôr-me ao pé de Alberto, hoje trabalhámos separados, temos de perguntar um ao outro como correu: mas alguém me deu uma palmada no estômago, acabei por ficar atrás, olha, mesmo ao lado de Kraus.

Agora partimos. O *Kapo* ritma o passo com a voz dura: – *Links, links, links* –; inicialmente, doem-nos os pés, depois, pouco a pouco, aquecemo-nos e os nervos relaxam. Também hoje, também este hoje que de manhã parecia invencível e eterno, conseguimos ultrapassá-lo minuto após minuto; agora, está acabado e imediatamente esquecido, já não é mais um dia, não deixou marca na memória de ninguém. Sabemos que amanhã será como hoje: talvez chova um pouco mais ou um pouco menos, ou talvez, em vez de cavar terra, vamos ao Carburato descarregar tijolos. Amanhã, pode também acabar a guerra, ou nós sermos mortos, ou transferidos para outro campo, ou acontecer uma daquelas grandes renovações que, desde que o *Lager* existe, são incansavelmente prognosticadas como sendo próximas e certas. Mas quem poderia pensar seriamente no amanhã?

A memória é um instrumento curioso: enquanto estive no campo, dançaram-me na cabeça dois versos escritos por um amigo meu há muito tempo:

... até que um dia
já não terá sentido o amanhã.

Aqui é assim. Sabem como se diz «nunca» na gíria do campo? «*Morgen Früh*», amanhã de manhã.

Agora, é a hora de «*links, links, links und links*», a hora em que não devemos enganar-nos no passo. Kraus é desajeitado, já apanhou um pontapé do *Kapo* porque não sabe marchar alinhado: e eis que começa a fazer gestos e a mastigar um alemão miserável, ouve, ouve, quer pedir-me desculpa pela pazada de lama, ainda não percebeu onde estamos; é mesmo preciso concluir que os húngaros são um povo singular.

Acompanhar o passo e ter uma conversa complicada em alemão é realmente de mais; desta vez, sou eu a avisá-lo que o seu passo não está certo, e olhei para ele, e vi os seus olhos, por detrás das gotas de chuva dos óculos, e foram os olhos do homem Kraus.

Então, aconteceu um facto importante, que vale a pena relatar agora, talvez pela mesma razão pela qual valia a pena que acontecesse naquele momento. Aconteceu-me ter uma longa conversa com Kraus: num alemão mau, mas lento e pausado, averiguando, depois de cada frase, se a percebeu.

Contei-lhe que sonhara estar na minha casa, na casa em que nasci, sentado com a minha família, com as pernas debaixo da mesa, e em cima muita, muitíssima comida. E era Verão, e estava em Itália: em Nápoles?... pode ser, em Nápoles, os pormenores não interessam. E eis que de repente tocava a campainha, levantava-me cheio de ansiedade, ia abrir, e quem aparecia? Ele, o aqui presente Kraus Páli, com cabelos, limpo e gordo, vestido como um homem livre, com um pão na mão. De dois quilos, ainda quente. Então, «*Servus Páli, wie geht's?*», e sentia-me cheio de alegria, e convidava-o a entrar e explicava aos meus familiares quem era, e que vinha de Budapeste, e porque é que estava tão molhado: pois estava molhado, assim, como agora. E dava-lhe de comer e beber, e a seguir uma boa cama para dormir, e era de noite, mas havia uma tepidez maravilhosa, pelo que num ápice estávamos todos secos (sim, porque eu também estava muito molhado).

Que rapaz tão bom devia ser Kraus na vida civil; não vai viver muito tempo aqui dentro, vê-se ao primeiro olhar e demonstra-se como um teorema. Lamento não saber húngaro, agora a sua comoção rompeu as margens, e rompe numa maré de estranhas palavras magiares. Apenas consegui entender o meu nome, mas pelos gestos solenes dir-se-ia que está a jurar e a fazer votos.

Pobre e ingénuo Kraus. Se soubesse que não é verdade, que não sonhei nada com ele, que para mim também ele é nada, a não ser um breve momento, nada como tudo aqui é nada, a não ser a fome dentro de nós, e o frio e a chuva à nossa volta.

DIE DREI LEUTE VOM LABOR

Quantos meses passaram desde a nossa chegada ao campo? Quantos desde o dia em que saí do Ka-Be? E desde o dia do exame de química? E da selecção de Outubro? Alberto e eu fazemos frequentemente estas perguntas, e muitas outras. Quando chegámos, éramos noventa e seis, nós, os italianos do comboio cento e setenta e quatro mil; apenas vinte e nove sobreviveram até Outubro; destes, oito foram para a selecção. Agora somos vinte e um, e o Inverno começou há pouco tempo. Quantos chegarão vivos ao novo ano? Quantos à Primavera?

Há já várias semanas que as incursões cessaram; a chuva de Novembro transformou-se em neve, e a neve encobriu os escombros. Os alemães e os polacos vêm para o trabalho com botas de borracha, protecções de pêlo para as orelhas e fatos-macaco acolchoados; os prisioneiros ingleses, com os seus maravilhosos casacos de pêlo. No nosso *Lager*, não distribuíram casacos pesados a não ser a um ou outro privilegiado; nós somos um *Kommando* especializado, o qual, teoricamente, só trabalha em ambiente fechado: por isso, ficámos com a roupa de Verão.

Nós somos os químicos, e por isso trabalhamos com os sacos de fenol-beta. Desocupámos o armazém depois das primeiras incursões, no auge do Verão: o fenol-beta colava-se, debaixo da roupa, aos membros suados e roía-nos como uma lepra; a pele despegava-se dos nossos rostos em grandes escamas queimadas. Depois, as incursões cessaram e voltámos a trazer os sacos para o armazém. Depois, o armazém foi atingido e abrigámos os sacos na cave da Secção de Estireno. Agora, o armazém foi reparado e temos de voltar a amontoar os sacos lá dentro mais uma vez. O cheiro intenso do fenol-beta impregna a nossa única roupa e acompanha-nos dia e noite como uma sombra. Até agora, as vantagens de estar no *Kommando* Químico limitaram-se a isto: os outros carregam sacos de cinquenta quilos de cimento, e nós sacos de sessenta quilos de fenol-beta. Como pensar ainda no exame de química e nas ilusões de então? Pelo menos quatro vezes, durante o Verão, falou-se no laboratório do *Doktor* Pannwitz no *Bau* 939, e correu a voz que seriam escolhidos entre nós os analistas para a Secção de Polimerização.

Agora chega, agora acabou. É o último acto: o Inverno começou e com ele a nossa última batalha. Já não temos o direito de duvidar que se trata da última. Em qualquer momento do dia que aconteça dar ouvido à voz dos nossos corpos, interrogar os nossos

membros, a resposta é uma só: as forças não serão suficientes. Tudo à nossa volta fala de aniquilação e de fim. Metade do *Bau* 939 é um emaranhado de latas contorcidas e de escombros; das condutas enormes onde anteriormente rugia o vapor sobreaquecido, pendem agora até ao solo colunas disformes de gelo, grandes como pilares. A Buna agora está silenciosa, e quando o vento sopra a favor, se se estender o ouvido, ouve-se o frémito subterrâneo, contínuo e surdo da frente que se aproxima. Chegaram ao *Lager* trezentos prisioneiros do gueto de Lodz, que os alemães transferiram perante a avançada dos russos: trouxeram até nós a voz da luta lendária no gueto de Varsóvia, e contaram-nos como, há já um ano, os alemães liquidaram o campo de Lublin: quatro metralhadoras aos cantos e as barracas incendiadas; o mundo civil nunca saberá. Quando será a nossa vez?

Hoje de manhã, o *Kapo* fez como habitualmente a divisão das equipas. Os dez do Cloreto de Magnésio para o Cloreto de Magnésio; e eles partem, arrastando os pés, o mais devagar possível, porque o Cloreto de Magnésio é um trabalho muito duro: está-se todo o dia até aos tornozelos na água salobra e gelada, que macera os sapatos, as roupas e a pele. O *Kapo* agarra num tijolo e atira-o contra o grupo: eles desviam-se com dificuldade, mas não aceleram o passo. Tornou-se quase um hábito, repete-se todas as manhãs, e nem sempre pressupõe no *Kapo* uma intenção deliberada de magoar.

Os quatro do *Scheisshaus* para o trabalho deles: partem os quatro encarregados da construção da nova latrina. É preciso aqui dizer que, com a chegada dos comboios de Lodz e da Transilvânia, ultrapassámos o número de cinquenta *Häftlinge*, e por isso o misterioso burocrata alemão que decide estas coisas autorizou-nos a construir um «*Zwei-platziges Kommandoscheisshaus*», isto é, uma latrina de dois lugares, reservada ao nosso *Kommando*. Não ficamos insensíveis a este sinal de distinção, que torna o nosso um dos poucos *Kommandos* ao qual se pertence com orgulho: porém, é evidente que desta forma ficamos sem o mais simples dos pretextos para nos ausentarmos do trabalho e para fazer combinações com os civis. – *Noblesse oblige* – diz Henri, o qual tem outras cordas no seu arco.

Os doze dos tijolos. Os cinco do *Meister-Dahm*. Os dois das cisternas. Quantos ausentes? Três ausentes. Homolka, que entrou hoje de manhã no Ka-Be, o Ferreiro, que morreu ontem, François, transferido sabe-se lá para onde e porquê. A contagem está certa; o *Kapo* toma nota satisfeito. Ficamos apenas nós, os dezoito do fenol-beta, além dos proeminentes do *Kommando*. E acontece o imprevisível.

O *Kapo* diz: – O *Doktor* Pannwitz comunicou ao *Arbeitsdienst* que três *Häftlinge* foram escolhidos para o laboratório. O número 169 509, Brackier; o número 175 633, Kandel; o número 174 517, Levi. – Por um instante, os ouvidos zumbem-me, e a Buna gira à minha volta. Somos três Levi no *Kommando* 98, mas o *Hunder Vierundsiebzig Fünf Hundert Siebzehn* sou eu, não há dúvida possível. Sou um dos três eleitos.

O *Kapo* observa-nos com um riso maldoso. Um belga, um romeno e um italiano: três «*Franzosen*», em suma. É possível que tenham de ser mesmo três *Franzosen* os eleitos para o paraíso do laboratório?

Muitos companheiros felicitam-nos; primeiro que todos, Alberto, com uma alegria autêntica, sem sombra de inveja. Alberto não tem nada a dizer acerca da sorte que me coube, antes pelo contrário, fica contente, quer por amizade, quer porque ele próprio

irá beneficiar: de facto, nós dois estamos ligados por um pacto muito firme de aliança, pelo que cada naco «organizado» é dividido em duas partes rigorosamente iguais. Não tem motivos para me invejar, pois entrar para o laboratório não fazia parte nem das suas esperanças nem sequer dos seus desejos. O sangue das suas veias é demasiado livre para que Alberto, o meu amigo inconformado, pense adequar-se a um sistema; o seu instinto leva-o para outros destinos, para outras soluções, para o imprevisto, o extemporâneo, o novo. A um bom emprego, Alberto prefere sem hesitar as incertezas e as batalhas da «profissão liberal».

Tenho no bolso um papel do *Arbeitsdienst*, onde está escrito que o *Häftling* 174 517, na sua qualidade de operário especializado, tem direito a camisa e cuecas novas, e tem de ser barbeado todas as quartas-feiras.

A Buna dilacerada jaz debaixo da primeira neve, silenciosa e rígida como um cadáver gigantesco; todos os dias ladram as sirenes do *Fliegeralarm*; os russos estão a oitenta quilómetros. A central eléctrica está parada, as colunas do metanol já não existem, três dos quatro gasómetros do acetileno foram pelos ares. Ao nosso *Lager* afluem todos os dias sem qualquer ordem os prisioneiros «recuperados» de todos os campos da Polónia Oriental; uma minoria segue para o trabalho, a maioria segue directamente para Birkenau e para a Chaminé. A ração foi ulteriormente reduzida. O Ka-Be está a abarrotar, os *E-Häftlinge* trouxeram para o campo a escarlatina, a difteria e o tifo petequial.

Mas o *Häftling* 174 517 foi promovido a especialista e tem direito a camisa e cuecas novas e tem de ser barbeado todas as quartas-feiras. Ninguém pode orgulhar-se de conhecer os alemães.

Entrámos para o laboratório tímidos, receosos e desorientados como três animais selvagens que entram numa grande cidade. O chão está tão liso e tão limpo! Trata-se de um laboratório surpreendentemente parecido com qualquer outro laboratório. Três compridas bancadas de trabalho carregadas de centenas de objectos familiares. Os recipientes de vidro numa ponta a secar, a balança analítica, um aquecedor Heraeus, um termóstato Höppler. O cheiro faz-me estremecer como uma chicotada: o leve cheiro aromatizado dos laboratórios de química orgânica. Durante um segundo, evocada com violência brutal e imediatamente desvanecida, revejo a grande sala semiescura da universidade, o quarto ano, o ar sereno de Maio em Itália.

Herr Stawinoga indica-nos os lugares de trabalho. Stawinoga é um alemão-polaco ainda novo, com um rosto enérgico, mas ao mesmo tempo triste e cansado. Também ele é *Doktor*: não em Química, mas (*ne pas chercher à comprendre*) em Glotologia; todavia, é ele o chefe do laboratório. Connosco, não gosta muito de falar, mas não parece maldisposto. Trata-nos por «*Monsieur*», o que é ridículo e desconcertante.

No laboratório, a temperatura é maravilhosa: o termómetro marca 24 graus. Pensamos que podem até pôr-nos a lavar os recipientes de vidro, ou a varrer o chão, ou a transportar as garrafas de hidrogénio, qualquer coisa, com a condição de ficarmos aqui dentro, porque então o problema do Inverno estará para nós resolvido. Mais, a um segundo exame, parece que também o problema da fome não deverá ser difícil de resolver. Será que tencionam mesmo revistar-nos todos os dias à saída? Ou, até

mesmo, todas as vezes que pedirmos para ir à latrina? Evidentemente que não. E aqui há sabão, há gasolina, há álcool. Vou coser um bolso secreto no interior do casaco, vou fazer uma combinação com o inglês que trabalha na oficina e comercializa gasolina. Vamos ver até que ponto é apertada a vigilância; mas já tenho um ano de *Lager* e sei que, se alguém quer roubar, e se dedica seriamente a essa actividade, não existem vigilância nem revistas que o possam deter.

Ao que parece, pois, a sorte, pisando caminhos insuspeitados, fez com que nós os três, objecto de inveja para os dez mil condenados, não iremos ter neste Inverno nem frio nem fome. Isto significa fortes possibilidades de não adoecer gravemente, de escapar às congelações, de superar as selecções. Nestas condições, pessoas menos experientes do que nós nas coisas do *Lager* poderiam até ser levadas pela esperança de sobreviver e pelo pensamento da liberdade. Nós não, nós sabemos como correm as coisas; tudo isto é uma dádiva do destino e, enquanto tal, tem de se aproveitar o mais intensamente possível, hoje: mas do amanhã não há certeza. Ao primeiro vidro partido, ao primeiro erro de medição, à primeira falta de atenção, voltarei a consumir-me na neve e no vento, até ficar eu também pronto para a Chaminé.

Além disso, quem pode saber o que irá acontecer com a chegada dos russos?

Porque os russos irão chegar. O solo treme noite e dia debaixo dos nossos pés; no silêncio vazio da Buna, o ruído baixo e surdo das artilharias ecoa agora ininterruptamente. Respira-se um ar tenso, um ar de solução final. Os polacos deixaram de trabalhar, os franceses voltaram a andar de cabeça erguida. Os ingleses piscam-nos o olho e cumprimentam-nos às escondidas com o «V» do indicador e do médio; e nem sempre às escondidas.

Mas os alemães são surdos e cegos, fechados numa couraça de obstinação e de desconhecimento deliberado. Mais uma vez, marcaram a data do início da produção de borracha sintética: será a 1 de Fevereiro de 1945. Constroem abrigos e trincheiras, reparam os estragos, edificam, combatem, dão ordens, organizam e matam. Que mais poderiam fazer? São alemães: esta sua actuação não é meditada nem deliberada, é consequência da sua natureza e do destino que escolheram para si. Não poderiam agir de outra forma: se o corpo de um agonizante é ferido, a ferida começa a cicatrizar, embora todo o corpo não tenha mais do que um dia de vida.

Agora, todas as manhãs, no momento da formação das equipas, o *Kapo* chama, antes de todos os outros, nós os três do laboratório, «*die drei Leute vom Labor*». No campo, de noite e de manhã, nada me distingue do rebanho, mas de dia, durante o trabalho, estou abrigado e quente, e ninguém me bate; roubo e vendo sabão e gasolina, sem sérios riscos, e talvez me dêem uma senha para sapatos de couro. Além disso, poderá chamar-se trabalho ao que estou a fazer? Trabalhar é empurrar vagões, transportar cabos, partir pedras, remexer terra, apertar com as mãos nuas o horror do ferro gelado. Eu, pelo contrário, estou todo o dia sentado, tenho um caderno e um lápis, e até me deram um livro para me refrescar a memória sobre os métodos analíticos. Tenho uma gaveta onde posso guardar boné e luvas, e quando quero sair é suficiente avisar *Herr Stawinoga*, que nunca diz que não e, se me atrasar, não faz perguntas; tem o ar de quem sofre na sua carne pela ruína que o envolve.

Os companheiros do *Kommando* invejam-me, e têm razão; não tenho motivos para

estar contente? Mas de manhã, logo que me furto à raiva do vento e entro para o laboratório, instala-se ao meu lado a companheira de todos os instantes de trégua, do Ka-Be e dos domingos de descanso: a dor do recordar, o antigo e feroz sofrimento de me sentir homem, que me assalta como um cão no instante em que a consciência sai da escuridão. Então, agarro no lápis e no caderno e escrevo o que não seria capaz de dizer a ninguém.

E há também as mulheres. Há quantos meses não via uma mulher? Frequentemente, encontravam-se na Buna as operárias ucranianas e polacas, com calças e casacões de cabedal, maciças e violentas como os seus homens. No Verão, estavam suadas e em desalinho, no Inverno, almofadadas em vestidos pesados; trabalhavam com pá e picareta e não as sentíamos ao nosso lado como mulheres.

Aqui, é diferente. Diante das raparigas do laboratório, sentimo-nos morrer de vergonha e de embaraço. Sabemos qual é o nosso aspecto; vemo-nos uns aos outros; às vezes, acontece reflectirmo-nos num vidro limpo. Somos ridículos e repugnantes. O nosso crânio é careca à segunda-feira; encoberto por um leve bolor acastanhado ao sábado. Temos o rosto inchado e amarelo, permanentemente marcado pelos cortes do barbeiro apressado, e muitas vezes por nódoas negras e chagas pútridas; temos o pescoço comprido e nodoso como os frangos depenados. A nossa farda está incrivelmente suja, manchada de lama, sangue e gordura; as calças de Kandel chegam-lhe a metade da barriga das pernas, deixando a descoberto os tornozelos ossudos e peludos; o meu casaco pende dos ombros como de uma cruzeta de madeira. Estamos cheios de pulgas e coçamo-nos frequentemente sem vergonha; somos obrigados a pedir para podermos ir à latrina com humilhante frequência. As nossas socas de madeira são insuportavelmente barulhentas e com crostas, por camadas alternadas, de lama e da graxa do regulamento.

Para além disso, nós já estamos habituados ao nosso cheiro; mas as raparigas não, e não perdem ocasião para no-lo manifestar. Não se trata do cheiro genérico do mal lavado, mas do cheiro a *Hdfiling*, desbotado e adocicado, que nos acolheu à nossa chegada ao *Lager* e que os dormitórios, as cozinhas, os lavatórios e as latrinas do *Lager* exalam continuamente. Adquire-se imediatamente e nunca mais se perde: «Tão novo e já cheiras mal!», assim é costume entre nós receber os recém-chegados.

Estas raparigas parecem-nos criaturas extraterrestres. São três jovens alemãs, mais *Fräulein* Liczba, polaca, que é a responsável do armazém, e *Frau* Mayer, que é a secretária. Têm a pele lisa e rosada, vestidos bonitos às cores, limpos e quentes, os cabelos louros, compridos e bem penteados; falam com muito jeito e compostura, e em vez de manterem o laboratório arrumado e limpo, como é seu dever, fumam pelos cantos, comem abertamente tostas com pão e marmelada, limam as unhas, partem muitos recipientes de vidro e tentam culpar-nos a nós; quando varrem, varrem-nos os pés. Connosco não falam, e franzem o nariz quando nos vêem a arrastar-nos pelo laboratório, miseráveis e sujos, desajeitados e desequilibrados em cima das socas. Uma vez, pedi uma informação a *Fräulein* Liczba, e ela não me respondeu, mas dirigiu-se a Stawinoga com um rosto enfasiado e falou com ele rapidamente. Não percebi a frase, mas percebi claramente «*Stinkjude*», e apertaram-se-me as veias. Stawinoga disse-me que, para qualquer questão de trabalho, temos de nos dirigir a ele directamente.

Estas raparigas cantam, como cantam todas as raparigas de todos os laboratórios

do mundo, e isto torna-nos profundamente infelizes. Conversam entre si: falam do racionamento, dos seus namorados, das suas casas, das festividades que se aproximam...

– No domingo, vais para casa? Eu não: é tão incómodo viajar!

– Irei pelo Natal. Só faltam duas semanas para ser Natal outra vez; não parece verdade, este ano passou tão depressa!

... Este ano passou depressa. O ano passado, a esta hora, eu era um homem livre: fora da lei, mas livre; tinha um nome, uma família, possuía uma mente ávida e inquieta e um corpo ágil e saudável. Pensava em coisas muito longínquas: no meu trabalho, no fim da guerra, no bem e no mal, na natureza das coisas e nas leis que governavam a actuação dos homens; e, ainda, nas montanhas, no cantar, no amor, na música, na poesia. Tinha uma enorme, enraizada e cega confiança na benevolência do destino, e matar e morrer pareciam-me coisas estranhas e literárias. Os meus dias eram alegres e tristes, mas de todos tinha saudade, todos eram intensos e positivos; o futuro estava à minha frente como uma grande riqueza. Da minha vida de então, hoje resta apenas quanto basta para sofrer a fome e o frio; já não sou bastante vivo para ser capaz de pôr termo à minha vida.

Se falasse melhor alemão, poderia tentar explicar tudo isto a *Frau* Mayer; mas sem dúvida não iria entender, ou então, se fosse suficientemente inteligente e boa para entender, não poderia suportar a minha proximidade e fugiria de mim, como se foge do contacto com um doente incurável ou um condenado à morte. Ou talvez me oferecesse uma senha para meio litro de sopa civil.

Este ano passou depressa.

O ÚLTIMO

«O Natal já está próximo. Alberto e eu caminhamos ombro a ombro na longa fila cinzenta, curvados para a frente para resistir melhor ao vento. É noite e está a nevar; não é fácil mantermo-nos de pé, ainda mais difícil é manter o passo e o alinhamento: de vez em quando, alguém à nossa frente tropeça e cai na lama preta; é preciso procurar evitá-lo e retomar o nosso lugar na fila.»

O Natal já está próximo. Alberto e eu caminhamos ombro a ombro na longa fila cinzenta, curvados para a frente para resistir melhor ao vento. É noite e está a nevar; não é fácil mantermo-nos de pé, ainda mais difícil é manter o passo e o alinhamento: de vez em quando, alguém à nossa frente tropeça e cai na lama preta; é preciso procurar evitá-lo e retomar o nosso lugar na fila.

Desde que estou no laboratório, Alberto e eu trabalhamos separados e, durante a marcha de regresso, temos sempre muitas coisas para dizer um ao outro. Normalmente, não se trata de coisas muito elevadas: o trabalho, os companheiros, o pão, o frio; mas há uma semana para cá há algo de novo: Lorenzo traz-nos todas as noites três ou quatro litros de sopa dos trabalhadores civis italianos. Para resolver o problema do transporte, tivemos de arranjar o que aqui se chama uma «*menaschka*», isto é, uma marmita especial de chapa zincada, mais um balde do que uma marmita. Silberlust, o latoeiro, fabricou-a para nós com duas peças de algaroz, em troca de três rações de pão: é um recipiente esplêndido, sólido e capaz, com o aspecto característico de utensílio neolítico.

Em todo o campo, apenas alguns gregos possuem uma *menaschka* maior do que a nossa: isto, para além das vantagens materiais, representou uma sensível melhoria da nossa condição social. Uma *menaschka* como a nossa é um diploma de nobreza, é um símbolo heráldico: Henri está a tornar-se nosso amigo e fala connosco de igual para igual; L. assumiu um tom paternal e condescendente; quanto a Elias, anda constantemente atrás de nós e, enquanto por um lado nos espia com afinco para descobrir o segredo da nossa «*organisaçja*», por outro, cobre-nos de incompreensíveis declarações de solidariedade e de afecto, atordoa-nos com uma ladainha de obscenidades espantosas e de blasfémias italianas e francesas que aprendeu sabe-se lá onde, e com as quais pretende claramente honrar-nos.

Quanto ao aspecto moral da nova situação, Alberto e eu tivemos de admitir que não temos de que nos orgulhar; mas é tão fácil encontrarmos justificações! De resto, o próprio facto de termos assuntos novos de que falar não é uma vantagem insignificante.

Falamos no plano de comprar uma segunda *menaschka* para fazer rotação com a primeira, de forma a ser suficiente uma única expedição por dia até ao canto remoto da

obra onde agora trabalha Lorenzo. Falamos de Lorenzo e da forma de o compensar; depois, se conseguirmos voltar, claro, faremos por ele tudo o que estiver ao nosso alcance; mas para quê falarmos nisto? Tanto ele quanto nós sabemos bem que é difícil o regresso. Era preciso fazer qualquer coisa já; poderíamos tentar mandar arranjar os seus sapatos na sapataria do nosso *Lager*, onde os arranjos são gratuitos (parece um paradoxo, mas, oficialmente, nos campos de extermínio, tudo é gratuito). Alberto irá tentar: é amigo do sapateiro-chefe, talvez sejam suficientes alguns litros de sopa.

Falamos de três empreendimentos nossos novinhos em folha, e estamos de acordo em deplorar que razões evidentes de segredo profissional desaconselhem espalhá-los por aí: é pena, o nosso prestígio pessoal aumentaria consideravelmente.

O primeiro, fui eu que o imaginei. Soube que o *Blockdltester* do 44 tinha falta de vassouras, e roubei uma na obra; e, até aqui, nada de extraordinário. Havia a dificuldade de introduzir a vassoura no *Lager* durante a marcha de regresso, e eu resolvi-a de uma forma que julgo inédita: desmembrei o objecto do roubo, serrei o pau ao meio, trouxe para o campo os vários elementos separadamente (as duas partes do pau atadas às coxas, dentro das calças) e reconstitui o conjunto dentro do *Lager*; para o efeito, tive de encontrar um pedaço de chapa, martelo e pregos para unir as duas partes do pau. Para a transferência, precisámos de apenas quatro dias.

Contrariamente ao que receava, o comitente não só não desvalorizou a minha vassoura, mas mostrou-a como uma curiosidade a muitos amigos seus, os quais me fizeram uma encomenda regular para mais duas vassouras «do mesmo modelo».

Mas Alberto está a arquitectar coisas bem mais importantes. Em primeiro lugar, aprontou a «operação lima», e já a executou duas vezes com êxito. Alberto apresenta-se no armazém das ferramentas, pede uma lima, escolhe uma bastante grande. O encarregado escreve «uma lima» ao lado do seu número de matrícula, e Alberto sai. Vai directamente ter com um civil de confiança (um belo exemplar de vigarista triestino, que sabe mais do que o Diabo e ajuda Alberto mais por amor à arte do que por interesse ou por filantropia); ele não encontra dificuldade em trocar no mercado livre a lima grande por duas pequenas de valor igual ou menor. Alberto devolve uma lima ao armazém e vende a outra.

Finalmente, acabou nestes dias a sua obra-prima, uma combinação corajosa, nova e de singular elegância. É preciso dizer-se que há algumas semanas foi confiada a Alberto uma missão especial: de manhã, na obra, entregam-lhe um balde com alicate, chave de fendas e muitas centenas de pequenas tabuletas de plástico de cores diferentes, que ele tem de montar com pequenos suportes concebidos para o efeito, para identificar as numerosas e compridas tubagens de água fria e quente, vapor, ar comprimido, gás, nafta, vazio, etc., que atravessam em todos os sentidos a Secção de Polimerização. É preciso dizer também (e parece que não tem nada a ver: mas não consistirá o engenho em encontrar ou criar relações entre ordens de ideias aparentemente diferentes?) que para todos nós, *Häftlinge*, o duche é uma coisa então desagradável por muitas razões (a água é escassa e fria, ou está a ferver, não há balneário, não temos toalhas, não temos sabão, e durante a ausência forçada é fácil sermos roubados). Dado que o duche é obrigatório, os *Blockälteste* precisam de um sistema de controlo que permite aplicar sanções a quem se subtrai ao duche: habitualmente, um homem de confiança do *Block* instala-se à porta e, como Polifemo,

toca quem sai para verificar se está molhado; quem está molhado, recebe um papelinho; quem não está, recebe cinco chicotadas. Só apresentando o papelinho se pode receber o pão na manhã seguinte.

A atenção de Alberto concentrou-se nos papelinhos. Geralmente, são apenas miseráveis pedacinhos de papel, que são entregues húmidos, amarrotados e irreconhecíveis. Alberto conhece os alemães, e os *Blockälteste* são todos alemães ou de escola alemã: gostam da ordem, do sistema, da burocracia; além disso, apesar de serem carrascos violentos e irascíveis, têm um amor infantil pelos objectos brilhantes e multicolores.

Dado o tema, eis o brilhante desenvolvimento. Alberto subtraiu sistematicamente uma série de tabuletas da mesma cor, de cada uma extraiu três pequenos discos (o instrumento necessário, um furador de rolhas, fui eu que o organizei no laboratório); quando teve prontos duzentos discos, suficientes para um *Block*, apresentou-se ao *Blockältester*, e ofereceu-lhe a «*Spezialität*» pela cotação louca de dez rações de pão, a serem entregues gradualmente. O cliente aceitou com entusiasmo e, agora, Alberto dispõe de um artigo milagroso que está na moda e pode oferecer sem perigo de recusa a todas as barracas, uma cor para cada barraca (nenhum *Blockältester* querera fazer figura de forreta ou de retrógrado), e, o que mais interessa, não tem de reear concorrentes, pois só ele tem acesso à matéria-prima. Não está bem estudado?

Destas coisas vamos falando, tropeçando entre uma poça e outra, entre a escuridão do céu e a lama da estrada. Falamos e caminhamos. Eu trago as duas marmitas vazias, Alberto, o peso da *menaschka*, agradavelmente cheia. Mais uma vez, ouve-se a música da banda, a cerimónia do «*Mützen ab*», tirar os bonés rapidamente diante dos SS; mais uma vez, *Arbeit Macht Frei*, e o anúncio do *Kapo*: – *Kommando 98, zwei und sechzig Häftlinge, Stärke stimmt* – sessenta e dois prisioneiros, a conta está certa. Mas a coluna não se dissolveu, mandaram-nos marchar até à Praça da Chamada. Vai haver chamada? Não é a chamada. Vimos a luz fria do farol e o perfil bem conhecido da forca.

Durante mais de uma hora, as equipas continuaram ainda a entrar, com o pesado ruído das socas de madeira sobre a neve gelada. Depois de todos os *Kommandos* terem regressado, a banda calou-se de repente, e uma rouca voz alemã impôs o silêncio. Na calma imprevista, levantou-se outra voz alemã, e no ar escuro e hostil falou demoradamente com ira. Finalmente, o condenado foi introduzido no feixe de luz do farol.

Todo este aparato, este cerimonial meticuloso, não são novos para nós. Desde que estou no campo, já tive de assistir a treze enforcamentos públicos; mas das outras vezes tratava-se de crimes comuns, roubos na cozinha, sabotagens, tentativas de fuga. Hoje, trata-se de outra coisa.

No mês passado, um dos fornos crematórios de Birkenau foi mandado pelos ares. Nenhum de nós sabe (e talvez nunca ninguém venha a saber) exactamente como é que a iniciativa foi levada a cabo; fala-se do *Sonderkommando*, do *Kommando* Especial que trabalha nas câmaras de gás e nos fornos, que é ele próprio periodicamente exterminado, e que é mantido escrupulosamente segregado do resto do campo. Resta o facto de em Birkenau algumas centenas de homens, de escravos inermes e esgotados

como nós, encontraram dentro de si a força para agir, para amadurecer os frutos do seu ódio.

O homem que irá morrer hoje diante de nós tomou parte de qualquer forma na revolta. Diz-se que mantinha relações com os insurrectos de Birkenau, que trouxe armas para o nosso campo, que estava a organizar um motim simultâneo também entre nós. Irá morrer hoje sob os nossos olhos; e talvez os alemães não percebam que a morte solitária, a morte de homem que lhe foi reservada, irá trazer-lhe glória e não infâmia.

Depois de acabar o discurso do alemão, que ninguém conseguiu entender, levantou-se de novo a voz rouca:

– *Baht ir estendem?* – (Compreenderam?)

Quem respondeu «*Jawohl*»? Todos e ninguém; foi como se a nossa maldita resignação tomasse forma por si só, se tornasse voz colectiva por cima das nossas cabeças. Mas todos ouvimos o grito do condenado; ele penetrou as espessas barreiras de inércia e de remissão, percutiu o centro vivo do homem dentro de cada um de nós:

– *Cameramen, ichó bin der Lete!* – (Camaradas, eu sou o último!)

Queria poder contar que entre nós, rebanho objecto, uma voz se levantou, um murmúrio, um sinal de concordância. Mas nada aconteceu. Ficámos de pé, curvados e cinzentos, de cabeça baixa, e só descobrimos a cabeça quando o alemão o ordenou. O alçapão abriu-se, o corpo contorceu-se atrozmente; a banda recomeçou a tocar, e nós, de novo formados em coluna, desfilámos diante dos últimos estremecimentos do justificado.

Ao pé da forca, os SS olham com indiferença para nós que desfilamos: a sua obra está cumprida, e bem cumprida. Os russos podem chegar; agora, já não há homens fortes entre nós, o último pende por cima das nossas cabeças, e, para os outros, poucas forcas foram suficientes. Os russos podem chegar: apenas nos encontrarão a nós, os vergados, os apagados, dignos da morte inerme que nos espera.

Destruir o homem é difícil, quase tanto quanto criá-lo; não foi fácil, não foi rápido, mas os alemães conseguiram-no. Desfilamos dóceis, debaixo dos seus olhares: da nossa parte, nada mais têm a recear: nem actos de revolta, nem palavras de desafio, nem sequer um olhar de condenação.

Alberto e eu regressámos à barraca, e não fomos capazes de olhar um para o outro. Aquele homem devia ser duro, devia ser feito de outro metal que não o nosso, se esta condição, que nos quebrou, não o conseguiu vergar.

Pois nós também estamos quebrados, vencidos: mesmo tendo sabido adaptar-nos, mesmo tendo aprendido finalmente a arranjar a nossa comida e a aguentar a fadiga e o frio, mesmo tendo perspectivas de regressar a casa.

Levantámos a *menaschka* para cima da cama, fizemos a distribuição, satisfizemos a raiva diária da fome, e agora a vergonha oprime-nos.

HISTÓRIA DE DEZ DIAS

Já há muitos meses que se ouvia a intervalos o estrondear dos canhões russos, quando, a 11 de Janeiro de 1945, adoeci com escarlatina e fui de novo internado no Ka-Be. «*Infenktionsabteilung*»: isto é, um pequeno quarto, na verdade bastante limpo, com dez camas em beliche de dois andares, um armário, três bancos e o assento com o balde para as necessidades corporais. Tudo isto em três metros por cinco.

Era incómodo subir para as camas superiores, não havia escada; por isso, quando um doente piorava, era transferido para as camas inferiores.

Quando entrei, era o décimo terceiro; dos outros doze, quatro tinham escarlatina, dois franceses «políticos» e dois rapazes judeus húngaros; havia mais três diftéricos, dois tíficos e um afectado por uma repugnante erisipela facial. Os dois restantes tinham mais do que uma doença e estavam incrivelmente depauperados.

Tinha febre alta. Tive a sorte de ter uma cama só para mim; deitei-me com alívio, sabia que tinha direito a quarenta dias de isolamento e, portanto, de descanso, e julgava-me bastante conservado para não ter de recear as consequências da escarlatina, por um lado, e as selecções, por outro.

Graças à minha já longa experiência do campo, conseguira trazer comigo os objectos pessoais: um cinto de fios eléctricos entrelaçados; a colher-faca, uma agulha com três agulhadas de linha; cinco botões; e, finalmente, dezoito pedras para isqueiro que roubara no laboratório.

De cada uma delas, esmiuçando-as pacientemente com a faca, podiam tirar-se três pedrinhas mais pequenas, de calibre próprio para um isqueiro normal. Tinham sido avaliadas em seis ou sete rações de pão.

Passei quatro dias tranquilos. Lá fora nevava e estava muito frio, mas a barraca tinha aquecimento. Tomava fortes doses de sulfamidas, sofria de um enjoo intenso e tinha dificuldade em comer; não tinha vontade de meter conversa.

Os dois franceses com escarlatina eram simpáticos. Eram dois provincianos dos Vosgos, entrados no campo há poucos dias com um grande comboio de civis capturados numa rusga pelos alemães em retirada da Lorena. O mais velho chamava-se Arthur, era camponês, pequeno e magro. O outro, seu companheiro de cama, chamava-se Charles, era professor primário e tinha trinta e dois anos; em vez da camisa, tinha-lhe calhado uma camisola interior de alças, comicamente curta.

No quinto dia, chegou o barbeiro. Era um grego de Salonica; falava apenas o bonito espanhol da sua gente, mas percebia umas palavras de todas as línguas que se falavam no campo. Chamava-se Asquenaze, e estava no campo há quase três anos; não sei como conseguira obter o cargo de «*Frisar*» do Ka-Be: de facto, não falava alemão nem polaco e não era excessivamente brutal. Antes de entrar, ouvira-o falar demorada e agitadamente no corredor com o médico, que era seu patrício. Pareceu-me ter uma expressão insólita, mas, dado que a mímica dos levantinos não corresponde à nossa, não compreendia se estava amedrontado, ou alegre, ou emocionado. Conhecia-me, ou pelo menos sabia que eu era italiano.

Quando chegou a minha vez, desci penosamente da cama. Perguntei-lhe em italiano se havia alguma novidade; ele interrompeu o seu trabalho, piscou os olhos de uma forma solene e alusiva, indicou a janela com o queixo, depois fez com a mão um gesto amplo em direcção ao Poente:

– *Morgan, alie Camarada web.*

Olhou para mim um momento com os olhos arregalados, como à espera do meu espanto, depois acrescentou: – Todos, todos – e retomou o trabalho. Sabia das minhas pedrinhas, e por isso barbeou-me com uma certa delicadeza.

A notícia não provocou dentro de mim alguma emoção directa. Já há muitos meses que deixara de conhecer a dor, a alegria, o medo, a não ser naquela forma desligada e longínqua que é característica do *Lager*, e que poderia chamar-se condicional; se tivesse agora – pensava – a minha antiga sensibilidade, este seria um momento extremamente emocionante.

Tinha as ideias perfeitamente claras; desde há muito tempo, Alberto e eu tínhamos previsto os perigos que acompanhariam o momento da evacuação do campo e da libertação. De resto, a notícia veiculada por Asquenaze só vinha confirmar uma voz que circulava desde há vários dias: que os russos se encontravam em Czenstochova, cem quilómetros a norte; que estavam em Zakopane, cem quilómetros a sul; que na Buna os alemães já estavam a preparar as minas de sabotagem.

Olhei um a um os rostos dos meus companheiros de quarto; estava claro que não valia a pena falar com nenhum deles. Responder-me-iam: «Então?», e tudo acabaria ali. Os franceses eram diferentes, estavam ainda frescos.

– Sabem? – disse-lhes: – Amanhã, evacua-se o campo.

Cobriram-me de perguntas: – Para onde? A pé?... e também os doentes? Os que não podem andar? – Sabiam que eu era um velho prisioneiro e que percebia o alemão; concluíam que devia saber sobre o assunto muito mais do que queria admitir.

Não sabia mais nada; disse-o, mas eles continuaram com as perguntas. Que chatice. Pois é, estavam no *Lager* há poucas semanas, ainda não tinham aprendido que no *Lager* não se fazem perguntas.

À tarde veio o médico grego. Disse que, mesmo entre os doentes, todos os que podiam andar seriam equipados com sapatos e roupas, e partiriam no dia seguinte, com os sãos, para uma marcha de vinte quilómetros. Os outros ficariam no Ka-Be, com pessoal de assistência escolhido entre os doentes menos graves.

O médico estava insolitamente alegre, parecia bêbado. Conhecia-o, era um homem culto, inteligente, egoísta e calculista. Disse ainda que todos sem distinção receberiam

uma tripla razão de pão, o que alegrou visivelmente os doentes. Fizemos algumas perguntas acerca da nossa sorte futura. Respondeu que provavelmente os alemães nos abandonariam ao nosso destino: não, não achava que fossem matar-nos. Não punha muito empenho em esconder que pensava o contrário, a sua própria alegria era significativa.

Já estava equipado para a marcha; logo que saiu, os dois rapazes húngaros começaram a falar excitadamente entre si. Estavam em estado de convalescença avançada, mas muito debilitados. Percebia-se que receavam ficar com os doentes, deliberavam partir com os sãos. Não se tratava de um raciocínio; é provável que também eu, se não me sentisse tão fraco, seguisse o instinto do rebanho; o terror é acima de tudo contagioso, e o indivíduo aterrorizado procura em primeiro lugar a fuga.

Fora da barraca, sentia-se que o campo vivia uma agitação insólita. Um dos dois húngaros levantou-se, saiu e voltou passada meia hora carregado de trapos imundos. Devia tê-los roubado no armazém dos objectos destinados à desinfecção. Ele e o seu companheiro vestiram-se febrilmente, com um monte de farrapos. Via-se que tinham pressa de se pôr diante do facto consumado, antes que o próprio medo os fizesse desistir. Era insensato que pensassem conseguir fazer mesmo uma única hora de caminho, fracos como estavam, e ainda por cima na neve, e com aqueles sapatos rotos encontrados à última hora. Tentei explicar-lhes, mas olharam para mim sem responder. Tinham olhos de animais amedrontados.

Apenas durante um segundo passou-me pela cabeça que podiam até ter razão. Saíram desajeitadamente pela janela; vi-os, como trouxas deformadas, cambalear lá fora na noite. Não voltaram; soube mais tarde que, não estando em condições de continuar, foram abatidos pelos SS passadas poucas horas do início da marcha.

Também eu precisava de um par de sapatos: estava claro. Mesmo assim, foi preciso talvez uma hora para conseguir vencer o enjoo, a febre e a inércia. Encontrei um par no corredor (os prisioneiros sãos tinham saqueado o depósito dos sapatos dos internados e tinham levado os melhores: os mais ruins, rotos e desirmanados tinham ficado pelos cantos). Foi ali mesmo que encontrei Kosman, um alsaciano. Na vida civil, era correspondente da Reuter em Clermont-Ferrand; também ele excitado e eufórico, disse: – Se acontecer regressares antes de mim, escreve ao presidente da Câmara Municipal de Metz e diz que estou a chegar.

Sabia-se que Kosman tinha conhecimentos entre os proeminentes, por isso o seu optimismo pareceu-me um bom indício e utilizei-o para justificar perante mim próprio a minha inércia. Escondi os sapatos e voltei para a cama.

A altas horas da noite veio de novo o médico grego, com um saco aos ombros e um boné de neve. Atirou para a minha cama um romance francês: – Toma lá, italiano, lê. Devolvê-lo-ás quando voltarmos a encontrar-nos. – Ainda hoje o odeio por esta sua frase. Sabia que estávamos condenados.

E chegou finalmente Alberto, desafiando a proibição, para se despedir da janela. Era inseparável de mim: éramos «os dois italianos», e quase sempre os companheiros estrangeiros confundiam os nossos nomes. Desde há seis meses que partilhávamos a cama, e cada grama de comida organizada extra-ração; mas ele tivera escarlatina em criança, e portanto não o contagei. Por isso, ele partiu e eu fiquei. Despedimo-nos, não

eram precisas muitas palavras, todas as nossas coisas já tinham sido ditas infinitas vezes. Não achávamos que iríamos ficar separados durante muito tempo. Encontrara sapatos grossos de couro, em razoável estado; era daqueles que encontravam rapidamente tudo o que precisavam.

Também ele estava alegre e confiante, como todos os que partiam. Compreendia-se: estava para acontecer algo de grande e de novo; sentia-se finalmente à nossa volta uma força que não era a da Alemanha, sentia-se materialmente ranger todo aquele nosso mundo maldito. Ou, pelo menos, isto sentiam osãos, que, embora cansados e esfomeados, podiam movimentar-se; mas está fora de discussão que quem está demasiado fraco, ou nu, ou descalço, pensa e sente de outra forma, e o que dominava as nossas mentes era a sensação paralisadora de sermos totalmente inermes e de estarmos nas mãos do destino.

Todos os prisioneirosãos (excluindo alguns bem aconselhados que, à última hora, se despiram e se esconderam nalguma cama de enfermaria) partiram na noite de 18 de Janeiro de 1945. Deviam ser cerca de vinte mil, provenientes de vários campos. Desapareceram quase todos durante a marcha de evacuação: Alberto foi um deles. Talvez alguém escreva um dia a história destes homens.

Nós ficámos nas nossas camas, sozinhos com as nossas doenças, e com a nossa inércia mais forte do que o medo.

No interior do Ka-Be, éramos talvez oitocentos. No nosso quarto, ficámos onze, cada um numa cama, com a excepção de Charles e Arthur que dormiam juntos. Cessado o ritmo da grande máquina do *Lager*, começaram para nós dez dias fora do mundo e do tempo.

18 de Janeiro. Na noite da evacuação, as cozinhas do campo ainda funcionaram, e na manhã seguinte fez-se na enfermaria a última distribuição de sopa. A instalação central de aquecimento fora abandonada; nas barracas, estagnava ainda um pouco de calor, mas a cada hora que passava a temperatura ia baixando, e percebia-se que dentro em breve sofreríamos o frio. Lá fora deviam estar pelo menos 20 graus abaixo de zero; a maioria dos doentes tinha só a camisa, e alguns nem essa sequer.

Ninguém sabia qual era a nossa condição. Alguns SS tinham ficado, algumas torres de vigia estavam ainda ocupadas.

Por volta do meio-dia, um sargento dos SS deu a volta às barracas. Nomeou em cada uma um chefe de barraca, escolhendo-o entre os não judeus que tinham ficado, e dispôs que se fizesse imediatamente uma lista dos doentes, separados em judeus e não judeus. A coisa parecia clara. Ninguém se espantou pelo facto de os alemães conservarem até ao fim o seu amor nacional pelas classificações, e não houve judeu que continuasse seriamente a pensar que iria viver até ao dia seguinte. Os dois franceses não tinham percebido e estavam assustados. Traduzi-lhes de má vontade a conversa dos SS; achava irritante que tivessem medo; ainda não tinham um mês de *Lager*, ainda quase não tinham fome, nem sequer eram judeus, e tinham medo.

Fizeram mais uma distribuição de pão. Passei a tarde lendo o livro deixado pelo médico: era muito interessante e recordo-o com estranha precisão. Fiz também uma visita à secção do lado, à procura de cobertores: muitos doentes tinham saído, deixando os seus cobertores livres. Trouxe comigo alguns muito quentes.

Ao saber que provinham da Secção de Disenteria, Arthur encolheu o nariz: – *Y'avait point besoin de le dire* –; de facto, estavam manchados. Eu achava que, de qualquer forma, dado o que nos esperava, era melhor dormirmos bem cobertos.

Fez-se noite depressa, mas a luz eléctrica ainda funcionava. Vimos com um susto tranquilo que no canto da barraca estava um SS armado. Não tinha vontade de falar, e não sentia medo a não ser na forma exterior e condicional de que falei. Continuei a ler até altas horas.

Não havia relógios, mas deviam ser vinte e três horas quando todas as luzes se apagaram, mesmo as dos projectores nas torres de vigia. Viam-se ao longe os feixes de luz dos holofotes. Floresceu no céu um cacho de luzes intensas, que se mantiveram imóveis, iluminando cruamente o terreno. Ouvia-se o ruído dos aviões.

Depois, começou o bombardeamento. Não era uma novidade, desci para o chão, enfiei os pés nus nos sapatos e fiquei à espera. Parecia longe, talvez sobre Auschwitz.

Mas deu-se uma explosão próxima e, antes de poder formular um pensamento, uma segunda e uma terceira tão fortes, que perfuravam os ouvidos. Ouviram-se vidros a estilhaçar, a barraca oscilou, caiu no chão a colher que guardava entalada numa junção da parede de madeira.

Depois pareceu acabar. Cagnolati, um jovem camponês, também ele dos Vosgos, nunca devia ter visto uma incursão aérea: saíra nu da cama, agachara-se num canto e gritava.

Passados poucos minutos, foi evidente que o campo tinha sido atingido. Duas barracas ardiam com violência; outras duas tinham sido pulverizadas, mas eram todas barracas vazias. Chegaram dezenas de doentes, nus e miseráveis, de uma barraca ameaçada pelo fogo: pediam abrigo. Impossível aceitá-los. Insistiram, suplicando e ameaçando em muitas línguas: tivemos de barricar a porta. Arrastaram-se para outro lugar, iluminados pelas chamas, descalços na neve em fusão. Muitos tinham as ligaduras desfeitas a pender atrás de si. A nossa barraca não parecia correr perigo, a menos que o vento mudasse.

Os alemães tinham desaparecido. As torres de vigia estavam vazias.

Hoje, penso que, mesmo só pelo facto de ter existido um *Ausch witz*, ninguém deveria falar ainda em Providência; mas sem dúvida naquela hora a lembrança das salvação bíblicas nas desventuras extremas passou como um vento por todas as almas.

Não se podia dormir, um vidro partira-se e estava muito frio. Pensava que era preciso procurarmos um aquecedor e pô-lo a funcionar, e arranjarmos carvão, lenha e comida. Sabia que tudo isto era necessário, mas sem o apoio de alguém nunca teria a energia de o pôr em prática. Falei com os dois franceses.

19 de Janeiro. Os franceses concordaram. Levantámos-nos de madrugada, os três. Sentia-me doente e inerte, tinha frio e medo.

Os outros doentes olharam para nós com uma curiosidade cheia de respeito; não sabíamos que aos doentes não era permitido sair do Ka-Be? E se os alemães não tivessem ainda partido todos? Mas não disseram nada, estavam contentes por haver

alguém disposto a experimentar.

Os franceses não tinham ideia alguma da topografia do *Lager*, mas Charles era corajoso e forte, e Arthur era sagaz e tinha um bom sentido prático de camponês. Saímos ao vento de um dia gelado e enevoado, mal agasalhados em cobertores.

O que vimos não se parece com nenhum espectáculo que tenha alguma vez visto ou ouvido descrever.

O *Lager*, acabado de morrer, apresentava-se em decomposição. Já não havia água nem electricidade; janelas e portas escancaradas batiam ao vento, rangiam as placas retorcidas dos telhados, e as cinzas do incêndio voavam para o alto e para longe. Ao efeito das bombas, juntava-se o efeito dos homens: esfarrapados, caídos, esqueléticos, os doentes em condições de se mexer arrastavam-se por todo o lado, como uma invasão de minhocas, no terreno endurecido pelo gelo. Revistaram todas as barracas vazias à procura de alimentos e de lenha; violaram com uma fúria insensata os quartos dos detestados *Bocal-teste*, grotescamente enfeitados, até ao dia anterior proibidos aos comuns *Häftlinge*; já incapazes de dominar as suas vísceras, sujaram por todo o lado, poluindo a preciosa neve, única fonte de água, agora, para todo o campo.

Em volta das ruínas fumegantes das barracas queimadas, grupos de doentes estavam estendidos no chão, para absorver o último calor. Outros tinham encontrado batatas, algures, e assavam-nas nas brasas do incêndio, olhando em redor com ar feroz. Poucos tiveram a força de acender uma verdadeira fogueira, e em cima dela fundiam a neve em recipientes improvisados.

Dirigimo-nos para as cozinhas o mais depressa possível, mas as batatas estavam já quase acabadas. Enchemos duas sacas, e deixámo-las à guarda de Arthur. Entre os escombros do *Proeminenzblock*, Charles e eu encontrámos finalmente o que procurávamos: um pesado aquecedor de ferro fundido, com tubos ainda utilizáveis; Charles foi buscar um carrinho de mão e carregámo-lo; depois deixou para mim a tarefa de o levar para a barraca e correu para as sacas. Lá, encontrou Arthur desmaiado pelo frio; Charles carregou ambas as sacas e levou-as para um lugar seguro, e depois ocupou-se do amigo.

Entretanto, eu, esforçando-me para me manter de pé, procurava manobrar o melhor possível o carrinho de mão tão pesado. Ouviu-se um ruído de motor, e um SS em motocicleta entrou no campo. Como sempre, ao vermos os seus rostos duros, senti-me invadir pelo terror e pelo ódio. Era demasiado tarde para desaparecer, e não queria abandonar o aquecedor. O regulamento do *Lager* obrigava a fazer continência e a tirar o boné. Não tinha boné e o cobertor estorvava-me. Afastei-me alguns passos do carrinho e fiz uma espécie de vénia desajeitada. O alemão ultrapassou-me sem me ver, virou à esquina de uma barraca e foi-se embora. Soube mais tarde do perigo que corra.

Alcansei finalmente a entrada da nossa barraca e descarreguei o aquecedor nas mãos de Charles. Estava sem fôlego pelo esforço, via dançar grandes manchas pretas.

Tratava-se agora de pô-lo a funcionar. Tínhamos os três as mãos paralisadas e o metal gelado colava-se à pele dos dedos, mas era urgente que o aquecedor funcionasse, para nos aquecermos e para ferver as batatas. Encontráramos lenha e carvão, e também brasas provenientes das barracas queimadas.

Depois de arranjar a janela partida e depois de o aquecedor começar a difundir

calor, pareceu que em cada um a tensão afrouxara, e foi então que Towarowski (um franco-polaco de vinte e três anos, doente de tifo) propôs aos outros doentes que oferecessem cada um uma fatia de pão a nós os três que tivemos o trabalho, e a proposta foi aceite.

Um dia antes, tal acontecimento não teria sido concebível. A lei do *Lager* dizia: «Come o teu pão e, se puderes, o do teu vizinho», e não deixava lugar à gratidão. Isto significava claramente que o *Lager* estava morto.

Foi este o primeiro gesto humano que aconteceu entre nós. Julgo que poderia fixar-se naquele momento o início do processo pelo qual nós, que não morreremos, de *Hdflinge* voltámos lentamente a ser homens.

Arthur restabelecera-se muito bem, mas desde então evitou sempre expor-se ao frio; tomou a seu cargo a manutenção do aquecimento, a cozedura das batatas, a limpeza do quarto e a assistência aos doentes. Charles e eu dividimos entre nós os vários serviços no exterior. Havia ainda uma hora de luz; uma incursão rendeu meio litro de álcool e um boião de fermento de pão, atirado para a neve sabe-se lá por quem; fizemos uma distribuição de batatas cozidas e uma colher de fermento para cada um. Pensava vagamente que podia servir contra a avitaminose.

Caiu a noite; em todo o campo, o nosso era o único quarto provido de aquecimento, facto de que muito nos orgulhávamos. Muitos doentes de outras secções apinhavam-se à porta, mas a estatura imponente de Charles mantinha-os à distância. Ninguém, nem nós nem eles, pensava que a promiscuidade inevitável com os nossos doentes tornasse muito perigosa a estada no nosso quarto, e que adoecer com difteria naqueles condições era sem dúvida mais mortal do que atirar-se de um terceiro andar.

Eu próprio, que tinha consciência disto, não perdia muito tempo a pensar; há já demasiado tempo que me habituara a considerar a morte por doença um acontecimento possível e, neste caso, inelutável, e, de qualquer forma, para além de qualquer possível intervenção nossa. Nem me passava pela cabeça que poderia transferir-me para outro quarto, para outra barraca com menor perigo de contágio; aqui estava o aquecimento, obra nossa, que difundia um calor maravilhoso; aqui tinha uma cama; e finalmente, agora, uma ligação unia-nos, a nós, os onze doentes da *Infektionsabteilung*.

Ouvia-se de vez em quando um ruído próximo e distante de artilharia e, a intervalos, um crepitar de espingardas automáticas. Na escuridão, interrompida apenas pelo vermelho das brasas, Charles, Arthur e eu estávamos sentados fumando cigarros de ervas aromáticas encontradas na cozinha e falando de muitas coisas passadas e futuras. No meio da planície interminável, cheia de gelo e de guerra, no pequeno quarto escuro carregado de micróbios, sentíamo-nos em paz connosco e com o mundo. Estávamos mortos de cansaço, mas parecia-nos, depois de tanto tempo, ter finalmente feito algo de útil; talvez como Deus depois do primeiro dia da Criação.

20 de Janeiro. Chegou a madrugada, estava de turno para acender o aquecimento. Além da fraqueza geral, as articulações doridas lembravam-me a cada momento que a minha escarlatina estava longe de ter desaparecido. O pensamento de ter de mergulhar no ar gelado, à procura de fogo pelas outras barracas, fazia-me tremer de horror.

Lembrei-me das pedrinhas; embebi de álcool uma folhinha de papel e, pacientemente, de uma pedrinha raspei um montinho de pó preto; depois comeci a

raspar mais vigorosamente a pedrinha com a faca. Eis que depois de algumas faíscas o montinho explodiu, e do papel levantou-se a pequena chama pálida do álcool.

Arthur desceu entusiasmado da cama e aqueceu três batatas para cada um, das que cozera no dia anterior; depois, esfomeados e cheios de arrepios, Charles e eu partimos de novo para uma ronda pelo campo em ruínas.

Sobravam-nos alimentos (isto é, batatas) apenas para dois dias; para termos água, estávamos reduzidos a fundir a neve, operação penosa por falta de recipientes grandes, da qual obtínhamos um líquido enegrecido e turvo que era preciso filtrar.

O campo estava silencioso. Outros espectros esfomeados vagueavam, como nós, em exploração: barbas compridas, olhos encovados, membros esqueléticos e amarelados entre os farrapos. Mal seguros sobre as pernas, entravam e saíam das barracas desertas, levando os objectos mais variados: machados, baldes, colheres de pau, pregos; tudo podia servir, e os mais previdentes já imaginavam lucrativos negócios com os polacos dos campos próximos.

Na cozinha, dois prisioneiros estavam a brigar pelas últimas dezenas de batatas podres. Tinham-se agarrado pelos farrapos e batiam-se com gestos curiosos, lentos e incertos, insultando-se em iídiche entre os lábios gelados.

No quintal do armazém, estavam dois grandes montes de couves e nabos (os grandes nabos insípidos, base da nossa alimentação). Estavam tão gelados, que só se podiam separar com a picareta. Charles e eu revezámo-nos, a cada golpe apelando para todas as nossas energias, e conseguimos extrair perto de cinquenta quilos. Houve também mais coisas: Charles encontrou um pacote de sal e (*«une fameuse trouvaille!»*) um bidão de água talvez com meio hectolitro, no estado de gelo maciço.

Carregámos tudo num carrinho (antes, serviam para distribuir o rancho às barracas: havia um grande número deles abandonados por todo o lado) e regressámos empurrando penosamente na neve.

Naquele dia, contentámo-nos ainda com batatas cozidas e fatias de nabos assados no aquecimento, mas para o dia seguinte Arthur prometeu-nos importantes inovações.

À tarde, desloquei-me ao antigo consultório, à procura de algo útil. Alguém se antecipara: tudo fora revolido por saqueadores inexperientes. Não havia uma única garrafa inteira; no chão, uma camada de farrapos, esterco e material de medicação, um cadáver nu e contorcido. Mas algo escapara aos meus predecessores: uma bateria de camião. Toquei os pólos com a faca: deu-se uma pequena faísca. Estava carregada.

À noite, o nosso quarto tinha luz.

Ficando na cama, via da janela um troço comprido de estrada: por ele passava, em vagas, já há três dias, a *Wermacht* em fuga. Carros couraçados, carros-«tigre» mimetizados de branco, alemães a cavalo, alemães de bicicleta, alemães a pé, armados e desarmados. Ouvia-se na noite o ruído das lagartas muito antes que os carros estivessem visíveis.

Charles perguntava:

– *Ça roule encore?*

– *Ça roule toujours.*

Parecia nunca mais acabar.

21 de Janeiro. Pelo contrário, acabou. Na madrugada do dia 21, a planície

apareceu-nos deserta e rígida, branca até ao horizonte, sobrevoada pelos corvos, mortalmente triste.

Quase teria preferido ver ainda qualquer coisa em movimento.

Também os civis polacos tinham desaparecido, escondidos sabe-se lá onde. Parecia que até o vento tinha parado. Desejava apenas uma coisa: ficar na cama debaixo dos cobertores, abandonar-me ao cansaço total de músculos, nervos e vontade; esperar que acabasse, ou que não acabasse, era a mesma coisa, como um morto.

Mas Charles já acendera o aquecimento, o homem Charles, activo, confiante e amigo, e chamava-me para o trabalho:

– *Vas-y, Primo, descends-toi de là-haut; il y a Jules à attraper par les oreilles...*

«Jules» era o balde das necessidades, que todas as manhãs tínhamos de agarrar pelas asas, levar para o exterior e vazar na fossa: era esta a primeira tarefa do dia, e se se pensar que não era possível lavar as mãos, e que três de nós estavam doentes de tifo, percebe-se que não era um trabalho agradável. Tínhamos as couves e os nabos para inaugurar. Enquanto eu ia à procura de lenha e Charles buscar neve para derreter, Arthur mobilizou os doentes que podiam ficar sentados, para colaborarem na preparação. Towarowski, Sertelet, Alcalai e Schenck responderam à chamada.

Também Sertelet era um camponês dos Vosgos, com vinte anos; parecia estar em boas condições, mas de dia para dia a sua voz vinha assumindo um timbre nasal sinistro, para nos lembrar que a difteria raramente perdoa.

Alcalai era um vidreiro judeu de Tolosa; era muito tranquilo e sensato, e sofria de erisipela na cara.

Schenck era um comerciante eslovaco, judeu; convalescente de tifo, tinha um apetite formidável. E assim também Towarowski, judeu franco-polaco, superficial e falador, mas útil à nossa comunidade pelo seu optimismo contagiante.

Enquanto os doentes trabalhavam com a faca, cada um sentado na sua cama, Charles e eu dedicámo-nos a procurar uma sede possível para as operações de cozinha.

Uma sujidade indescritível invadira todas as secções do campo. Uma vez enchidas todas as latrinas, de cuja manutenção naturalmente já ninguém cuidava, os disentéricos (eram mais de uma centena) sujaram todos os cantos do Ka-Be, encheram todos os baldes, todos os bidões do rancho, todas as marmitas. Não se podia dar um passo sem ter cuidado; na escuridão, era impossível deslocar-se. Embora sofrendo de frio, que continuava intenso, pensávamos horrorizados no que aconteceria se chegasse o degelo: as infecções alastrariam sem remédio, o fedor tornar-se-ia sufocante, e, além disso, uma vez derretida a neve, ficaríamos sem água.

Depois de uma prolongada pesquisa, encontrámos finalmente, num local outrora utilizado como lavatório, uns poucos palmos de chão não excessivamente sujo. Acendemos ali uma boa fogueira e depois, para poupar tempo e complicações, desinfectámos as mãos friccionando-as com cloramina misturada com neve.

A notícia de que estava uma sopa a cozer alastrou rapidamente entre a multidão dos semivivos: formou-se à porta um magote de rostos esfomeados. Charles, com a colher de pau levantada, fez-lhes um discurso vigoroso e breve que, embora sendo em francês, não precisava de tradução.

A maioria afastou-se, mas um avançou: era um parisiense, alfaiate de categoria

(dizia ele), doente dos pulmões. Em troca de um litro de sopa, pôr-se-ia à nossa disposição para nos fazer fatos com os numerosos cobertores que ficaram no campo.

Maxime mostrou-se deveras habilidoso. No dia seguinte, Charles e eu possuíamos casaco, calças e grandes luvas de tecido grosso e de cores vistosas.

À noite, depois da primeira sopa distribuída com entusiasmo e devorada com avidez, o grande silêncio da planície quebrou-se. Das nossas camas, demasiado cansados para estarmos profundamente inquietos, estendíamos os ouvidos aos estrondos de misteriosas artilharias, que pareciam localizadas em todos os pontos do horizonte, e aos silvos dos projecteis por cima das nossas cabeças.

Eu pensava que lá fora a vida era bonita, e voltaria a sê-lo, e seria realmente uma pena deixarmo-nos afundar agora. Acordei os doentes que dormitavam e, quando tive a certeza de que todos escutavam, disse

-lhes, primeiro em francês, depois no meu melhor alemão, que agora todos tinham de pensar em voltar para casa, e que, pelo que dependia de nós, era preciso fazer algumas coisas e evitar outras. Que cada um guardasse cuidadosamente a sua marmita e a sua colher; que ninguém oferecesse a outros a sopa que eventualmente lhe sobrasse; que ninguém descesse da cama a não ser para ir à latrina; quem precisasse de um serviço qualquer, que se dirigisse exclusivamente a nós os três; Arthur, em particular, estava encarregado de vigiar a disciplina e a higiene, e tinha de lembrar que era melhor deixar marmitas e colheres sujas do que lavá-las com o perigo de trocar as de um diftérico com as de um doente de tifo.

Tive a impressão de que os doentes já estavam demasiado indiferentes a tudo para tomarem atenção ao que acabava de dizer; mas tinha uma grande confiança na diligência de Arthur.

22 de Janeiro. Se é corajoso quem enfrenta de ânimo leve um grave perigo, Charles e eu naquela manhã fomos corajosos. Alargámos as nossas explorações ao campo dos SS, logo, fora do arame farpado.

Os guardas do campo deviam ter partido com muita pressa. Encontrámos em cima das mesas pratos meio cheios de sopa congelada, que devorámos com imenso prazer; canecas ainda cheias de cerveja transformada em gelo amarelado, um tabuleiro de xadrez com um jogo começado. Nos dormitórios, uma quantidade de coisas preciosas.

Carregámos uma garrafa de vodca, remédios vários, jornais e revistas e quatro óptimos edredãos, um dos quais tenho hoje na minha casa em Turim. Alegres e inconscientes, trouxemos para o quarto o resultado da expedição, confiando-o à administração de Arthur. Só à noite se soube o que acontecera talvez uma meia hora depois.

Alguns SS, porventura perdidos, mas armados, penetraram no campo abandonado. Encontraram dezoito franceses que se tinham mudado para o refeitório da *SS-Wafe*. Mataram-nos todos, metodicamente, com um tiro na nuca, alinhando depois os corpos contorcidos na neve da estrada; a seguir, foram-se embora. Os dezoito cadáveres ficaram expostos até à chegada dos russos; ninguém teve força para os sepultar.

De resto, em todas as barracas havia agora camas ocupadas por cadáveres, rijos como madeira, que ninguém procurava remover. A terra estava demasiado gelada para se conseguir abrir covas; muitos cadáveres foram amontoados numa trincheira, mas já

desde os primeiros dias o monte emergia da escavação e era horivelmente visível da nossa janela.

Apenas uma parede de madeira nos separava da secção dos disentéricos. Aqui, muitos eram os moribundos, muitos os mortos. O chão estava encoberto por uma camada de excrementos congelados. Ninguém tinha força para sair dos cobertores para procurar comida, e quem o fizera antes não voltara para socorrer os companheiros. Numa mesma cama, abraçados para resistir melhor ao frio, mesmo ao pé da parede divisória, estavam dois italianos; ouvia-os falar frequentemente, mas, dado que eu só falava francês, durante muito tempo não deram pela minha presença. Ouviram naquele dia por acaso o meu nome, pronunciado à moda italiana por Charles, e desde então nunca mais acabaram de gemer e de implorar.

Naturalmente, tinha vontade de os ajudar, se tivesse tido meios e força; quanto mais não fosse para que acabasse a obsessão dos seus gritos. À noite, quando todos os trabalhos cessaram, superando o cansaço e o horror, arrastei-me às apalpadelas pelo corredor sujo e escuro, até à sua secção, com uma marmitta de água e os restos da nossa sopa do dia. O resultado foi que, a partir de então, através da parede fina, a inteira secção dos diarreicos chamou dia e noite pelo meu nome, com as inflexões de todas as línguas da Europa, acompanhado por rezas incompreensíveis, sem que pudesse de alguma forma evitá-lo. Sentia que estava prestes a chorar, tinha vontade de os amaldiçoar.

A noite reservou-nos surpresas desagradáveis.

Lakmaker, da cama debaixo da minha, era um pobre farrapo humano. Era (ou fora) um judeu holandês de dezassete anos, alto, magro e bondoso. Estava na cama há três meses, não sei como tinha escapado às selecções. Tivera sucessivamente o tifo e a escarlatina; entretanto, detectaram-lhe uma grave falha cardíaca, e estava cheio de chagas, ao ponto de só poder estar deitado em cima da barriga; apesar de tudo isto, tinha um apetite feroz; falava exclusivamente holandês, nenhum de nós estava em condições de o perceber.

Talvez a causa de tudo tivesse sido a sopa de couves e nabos, de que Lakmaker quisera duas rações. A meio da noite gemeu, depois atirou-se da cama para o chão. Tentava alcançar a latrina, mas estava demasiado fraco e caiu, chorando e gritando alto.

Charles acendeu a luz (o acumulador demonstrou-se providencial) e pudemos constatar a gravidade do acidente. A cama do rapaz e o chão estavam sujos. O cheiro no pequeno local tornava-se rapidamente insuportável. Apenas tínhamos uma reserva de água mínima e não tínhamos cobertores nem enxergões de sobra. E o pobre doente de tifo era um terrível foco de infecção; nem se podia deixá-lo toda a noite no chão a gemer e a tremer de frio no meio da sujidade.

Charles desceu da cama e vestiu-se em silêncio. Enquanto eu segurava no candeeiro, recortou com a faca todos os pontos sujos do enxergão e do cobertor; levantou do chão Lakmaker com a delicadeza de uma mãe, limpou-o melhor que pôde com palha tirada do enxergão, e pousou-o na cama arranjada, na única posição em que o desgraçado podia ficar; raspou o chão com um pedaço de chapa; dissolveu um pouco de cloramina e, finalmente, desinfectou-se e espalhou desinfectante por todo o lado.

Media a sua abnegação pelo cansaço que teria de superar dentro de mim para fazer

o que ele estava a fazer.

23 de Janeiro. As nossas batatas tinham acabado. Circulava há vários dias pelas barracas a voz de que um enorme armazém de batatas existia algures, fora do arame farpado, não longe do campo.

Alguns pioneiros desconhecidos devem ter feito pacientes pesquisas, ou alguém devia conhecer com precisão o lugar; de facto, na manhã de 23, um troço de arame farpado fora abatido, e uma procissão dupla de miseráveis saía e entrava pela abertura.

Charles e eu partimos, no vento da planície lívida. Ultrapassámos a barreira abatida.

– *Dis donc, Primo, on est dehors!*

Assim era: pela primeira vez desde o dia da minha prisão, encontrava-me em liberdade, sem guardas, sem arames farpados entre mim e a minha casa.

A cerca de quatrocentos metros do campo, estavam as batatas: um tesouro. Duas fossas muito compridas cheias de batatas, e encobertas de terra alternada com palha para as defender do gelo. Ninguém mais morreria de fome.

Mas a extracção não era trabalho de pouca monta. Por causa do gelo, a superfície do terreno estava dura como mármore. Com um trabalho pesado de picareta, conseguia-se perfurar a crosta e pôr a nu o depósito; mas a maioria preferia introduzir-se nos furos abandonados pelos outros, indo até ao fundo e passando as batatas aos companheiros que estavam no exterior.

Um velho húngaro fora surpreendido lá em baixo pela morte. Jazia rígido, em atitude de esfomeado: cabeça e ombros debaixo do monte de terra, o ventre na neve, estendia as mãos para as batatas. Quem veio a seguir, deslocou o cadáver um metro e retomou o trabalho através da abertura que ficara livre.

Desde então, a nossa comida melhorou. Além das batatas cozidas e da sopa de batatas, oferecemos aos nossos doentes filhós de batatas, cuja receita era de Arthur: raspam-se umas batatas cruas com outras cozidas e desfeitas; assa-se a mistura sobre uma chapa muito quente. Sabiam a fuligem.

Mas Sertelet, cuja doença progredia, não pôde prová-las. Para além de falar com uma voz cada vez mais nasal, naquele dia já não conseguia engolir normalmente nenhum género de comida: algo se deteriorara na sua garganta, cada bocado de comida ameaçava sufocá-lo.

Fui à procura de um médico húngaro que ficara como doente na barraca em frente. Mal ouviu falar em difteria, deu três passos para trás e mandou-me sair.

Por meras razões de propaganda, fiz a todos inalações de óleo canforado. Garanti a Sertelet que iria melhorar; eu próprio tentava convencer-me.

24 de Janeiro. Liberdade. A brecha no arame farpado dava-nos a sua imagem concreta. Pensando com atenção, significava não mais alemães, não mais selecções, não trabalho, não pancadas, não chamadas, e talvez, mais tarde, o regresso.

Mas era preciso um esforço para nos convencermos, e ninguém tinha tempo para se regozijar. Em redor, tudo era destruição e morte.

O monte de cadáveres, diante da nossa janela, transbordava agora para fora da cova. Apesar das batatas, a fraqueza de todos era extrema; no campo, nenhum doente

se curava; muitos, pelo contrário, adoeciam de pneumonia e diarreia; os que não estavam em condições de se mexer, ou não tinham a energia para o fazer, jaziam entorpecidos nas camas, rígidos pelo frio, e ninguém se apercebia do momento em que morriam.

Os outros estavam todos assustadoramente cansados; depois de meses e anos de *Lager*, não são as batatas que podem devolver a força a um homem. Charles e eu, depois de arrastarmos os vinte e cinco litros de sopa diária do lavatório até ao quarto, tínhamos de deitar-nos na cama ofegando, enquanto Arthur, diligente e doméstico, fazia a distribuição, cuidando que sobrassem as três rações de «*rabiot pour les travailleurs*» e um pouco de fundo «*pour les italiens d'à côté*».

No segundo quarto de infecciosos, também este adjacente ao nosso e ocupado na sua maioria por tuberculosos, a situação era muito diferente. Todos os que conseguiram, foram instalar-se noutras barracas. Os companheiros mais graves e mais fracos apagavam-se um a um na solidão.

Entrara lá uma manhã à procura de uma agulha emprestada. Um doente agonizava numa das camas superiores. Ouviu-me, levantou-se na posição de sentado, depois debruçou-se com a cabeça para baixo por fora do bordo da cama, em direcção a mim, com o tronco e os braços rígidos e os olhos brancos. O da cama de baixo, automaticamente, estendeu os braços para cima, para amparar aquele corpo; apercebeu-se então de que estava morto. Cedeu lentamente debaixo do peso, o outro deslizou para o chão e ali ficou. Ninguém sabia o seu nome.

Mas na Barraca 14 acontecera algo de novo. Ali, estavam internados os operados, dos quais alguns em razoáveis condições. Organizaram uma expedição ao campo dos ingleses prisioneiros de guerra, que se presumia ter sido evacuado. Foi um empreendimento frutuoso. Regressaram vestidos com fardas de caqui, um carrinho cheio de maravilhas nunca vistas: margarina, pudim em pó, banha, farinha de soja, aguardente.

À noite, na Barraca 14, cantava-se.

Nenhum de nós se sentia com força para fazer dois quilómetros até ao campo inglês e regressar carregado. Mas, indirectamente, a feliz expedição trouxe vantagens a muitos. A repartição desigual dos bens provocou um novo florescimento de indústria e do comércio. No nosso quarto de atmosfera mortal, nasceu uma fábrica de velas fundidas numa forma de papelão, com o pavio embebido em ácido bórico. Os ricos da Barraca 14 absorviam toda a nossa produção, pagando-nos com banha e farinha.

Eu próprio encontrara o bloco de cera virgem no *Elektromagazin*; recordo a expressão de desilusão dos que me viram levá-lo, e o diálogo que se seguiu:

– O que é que vais fazer com isso?

Não era oportuno desvendar um segredo de fabrico; ouvi-me a mim próprio responder com as palavras que muitas vezes ouvira dos velhos do campo, e que representam o seu maior orgulho: serem «bons prisioneiros», gente conformada, que sabe sempre safar-se: – *Ich verstehe verschiedene Sachen...* – (Percebo de várias coisas...)

25 de Janeiro. Foi a vez de Sómogyi. Era um químico húngaro com cerca de cinquenta anos, magro, alto e silencioso. Como o holandês, era convalescente de tifo e

de escarlatina; mas algo de novo surgiu. Foi colhido por uma febre intensa. Há talvez cinco dias que não dizia uma palavra: abriu a boca naquele dia e disse com voz firme:

– Tenho uma ração de pão debaixo do enxergão. Dividam-na vocês os três. Eu não vou comer mais.

Não encontrámos nada para dizer, mas por enquanto não mexemos no pão. Inchara-se-lhe metade da cara. Até conservar a consciência, ficou num silêncio pesado.

Mas à tarde, e durante toda a noite, e durante dois dias sem interrupção, o silêncio foi quebrado pelo delírio. Indo atrás de um último interminável sonho de remissão e escravidão, começou a murmurar «*Jawohl*» ao ritmo da respiração; regular e constante como uma máquina, «*Jawohl*» a cada baixar da pobre caixa torácica, milhares de vezes, tantas que dava vontade de sacudi-lo, sufocá-lo, ou pelo menos obrigá-lo a mudar de palavra.

Nunca como naquela ocasião percebi quanto é fatigante a morte de um homem.

Lá fora, continuava o grande silêncio. O número dos corvos tinha aumentado muito, e todos sabiam porquê. Só a intervalos longos recomeçava o diálogo da artilharia. Todos diziam uns aos outros que dentro em breve, imediatamente, chegariam os russos; todos o proclamavam, todos tinham a certeza, mas ninguém conseguia serenamente convencer-se disso. Pois nos *Lager* perde-se o hábito da esperança e também a confiança na nossa própria razão. No *Lager*, pensar é inútil, porque os acontecimentos desenvolvem-se geralmente de uma forma imprevisível; e é prejudicial, porque mantém viva uma sensibilidade que é fonte de dor, e que alguma providencial lei natural ofusca quando os sofrimentos ultrapassam um certo limite.

Como nos cansamos da alegria, do medo, da própria dor, do mesmo modo também nos cansamos da espera. Chegados a 25 de Janeiro, interrompidas já há oito dias as relações com aquele mundo feroz que mesmo assim era um mundo, a maioria de nós estava demasiado exausta até para esperar.

À noite, em volta do aquecimento, mais uma vez, Charles, Arthur e eu sentimos que voltávamos a ser humanos. Podíamos falar de tudo. Apaixonava-me a conversa de Arthur sobre a maneira de passar os domingos em Provençères, nos Vosgos, e Charles chegou quase a chorar quando lhe contei do armistício em Itália, do início confuso e desesperado da resistência dos *partigiani*, do homem que nos traía e da nossa prisão nas montanhas.

Na escuridão, por detrás e por cima de nós, os oito doentes não perdiam uma sílaba, mesmo os que não percebiam francês. Apenas Sómogyi se encarniçava em confirmar a sua entrega à morte.

26 de Janeiro. Jazíamos num mundo de mortos e de larvas. O último vestígio de civilização desaparecera à nossa volta e dentro de nós. A obra de animalização, começada pelos alemães triunfantes, fora levada a cabo pelos alemães derrotados.

É homem quem mata, é homem quem faz ou sofre injustiças; não é homem quem, perdida qualquer vergonha, divide a cama com um cadáver. Quem esperou que o seu vizinho acabasse de morrer para lhe tirar um quarto de pão está, embora sem qualquer culpa própria, mais afastado do modelo do homem pensante do que o pigmeu mais selvagem e o sádico mais atroz.

Uma parte da nossa existência reside nas almas de quem entra em contacto connosco: eis porque é não humana a experiência de quem viveu dias em que o homem foi uma coisa aos olhos do homem. Nós os três devemos uns aos outros ter conseguido evitá-lo em grande parte: por isso, a minha amizade com Charles irá resistir ao tempo.

Mas a milhares de metros por cima de nós, nos rasgos entre as nuvens cinzentas, desenvolviam-se os complicados milagres dos duelos aéreos. Por cima de nós, nus, impotentes e inermes, homens do nosso tempo procuravam a morte recíproca com os instrumentos mais requintados. Um gesto do seu dedo podia provocar a destruição de todo o campo, aniquilar milhares de homens; enquanto o conjunto de todas as nossas energias e vontades não chegaria para prolongar um minuto a vida de um só de nós.

A confusão cessou à noite, e o quarto encheu-se de novo com o monólogo de Sómogyi.

Na escuridão total, dei por mim acordado de repente. «*L' pauv' vieux*» calava-se: acabara. Com o último estremecimento de vida, atirara-se da cama para o chão: ouvi o golpe dos joelhos, das ancas, dos ombros e da cabeça.

– *La mort l'a chassé de son lit* – sentenciou Arthur.

Não podíamos certamente levá-lo para fora durante a noite. Não nos restava mais do que voltar a dormir.

27 de Janeiro. Madrugada. No chão, a infame confusão de membros ressequidos, a coisa Sómogyi.

Há trabalhos mais urgentes; não podemos lavar-nos e, por isso, só podemos mexer nele depois de termos cozinhado e comido. E, além disso, «... *rien de si dégoûtant que les débordements*», diz justamente Charles; é preciso esvaziar o balde. Os vivos são mais exigentes; os mortos podem esperar. Começámos a trabalhar como todos os dias.

Os russos chegaram enquanto Charles e eu levávamos Sómogyi para um lugar pouco afastado. Estava muito leve. Virámos a maca na neve cinzenta.

Charles tirou o boné. Tive pena de não ter boné.

Dos onze da *Infektionsabteilung*, apenas Sómogyi morreu durante os dez dias. Sertelet, Cagnolati, Towarowski, Lakmaker e Dorget (deste último, não falei ainda: era um industrial francês que, depois de ter sido operado a uma peritonite, adoeceu de difteria nasal), morreram algumas semanas mais tarde na enfermaria russa provisória de Auschwitz. Encontrei em Katowice, em Abril, Schenck e Alcalai de boa saúde. Arthur regressou felizmente à sua família, e Charles retomou a sua profissão de professor primário; trocámos longas cartas e espero poder reencontrá-lo um dia.

Avigliana-Turim, Dezembro de 1945 – Janeiro de 1947